UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Comunicação Social

Sthefanie Magalhães Castro Paiva

A PERFORMATIVIDADE DAS POETAS NO ESPAÇO PÚBLICO:
aspectos políticos da participação de mulheres nos *slams*

Belo Horizonte
2024

Sthefanie Magalhães Castro Paiva

A PERFORMATIVIDADE DAS POETAS NO ESPAÇO PÚBLICO:
aspectos políticos da participação de mulheres nos *slams*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação Social. Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Regiane Lucas Garcêz.

Belo Horizonte
2024

301.16
P149p
2024

Paiva, Sthefanie Magalhães Castro.
A performatividade das poetas no espaço público [manuscrito] : aspectos políticos da participação de mulheres poetas nos slams / Sthefanie Magalhães Castro Paiva. - 2024.
129 f.
Orientadora : Regiane Lucas de Oliveira Garcêz.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Comunicação – Teses. 2.Mulheres – Teses. 3.Campeonatos de poesia falada - Teses. I. Garcêz, Regiane Lucas de Oliveira. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A performatividade das poetas no espaço público: aspectos políticos da participação de mulheres nos slams."

Sthefanie Magalhães Castro Paiva

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e seis de agosto de dois mil e vinte e quatro, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelas seguintes professoras:

Profª Regiane Lucas de Oliveira Garcêz - Orientadora
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Ângela Cristina Salgueiro Marques
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Ana Karina de Carvalho Oliveira
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Pâmela Guimarães da Silva
PUC/MG

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Regiane Lucas de Oliveira Garcez**, **Professora do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 17:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Angela Cristina Salgueiro Marques**, **Professora do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Karina de Carvalho Oliveira**, **Professora do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Pâmela Guimarães da Silva**, **Usuário Externo**, em 30/08/2024, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3437375** e o código CRC **2CB1D9D7**.

À minha avó e aos meus pais, certa de que se consigo caminhar na terra, é porque vocês estão no céu iluminando os meus caminhos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família, especialmente os que não estão comigo de corpo, mas estão de alma, especialmente à minha "mãe Lídia", que foi mais do que uma avó, que foi mais do que a pessoa que me criou e me educou. Mãe Lídia, obrigada por ter sido tudo pra mim.

Gostaria de agradecer à minha professora orientadora, Regiane, por sua orientação atenciosa e apoio ao longo de todo este processo. Sua sabedoria, experiência e dedicação foram essenciais para a realização desta pesquisa. Cada conversa foi fundamental e sou extremamente grata por ter tido a oportunidade de aprender sob sua orientação.

Não poderia jamais me esquecer de Ângela, que sempre me incentivou a entrar no mestrado. Guardo até hoje as provas que fiz durante as disciplinas dela com as correções e, ao final, sempre um bilhetinho com algo como “Você brilhou, Sthefanie! Quero te ver no mestrado!”. Muito obrigada, Ângela, pelo seu incentivo sincero, essa vitória se deve muito a você.

Às poetas, pois sem elas, este trabalho não teria sido possível. Agradeço imensamente a cada uma, por terem me recebido em suas casas, trabalhos, por terem contribuído de forma tão rica para minha formação pessoal e acadêmica.

Ao meu companheiro, André, que há 6 anos está ao meu lado comemorando comigo cada conquista e que me apoiou desde o início. Para você o meu muito obrigada, repleto de amor e carinho.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores e comemoraram comigo cada pequeno avanço, estejam certos de que a presença de vocês fez toda a diferença, tornando este caminho mais leve e inspirador.

Gostaria também de agradecer à Fapemig pelo suporte financeiro e pela confiança depositada em mim. O financiamento oferecido foi crucial para que esta pesquisa pudesse ser realizada com a profundidade e o rigor necessários.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho. Cada apoio, por menor que tenha sido, teve grande importância na realização desta pesquisa.

A performatividade das poetas no espaço público: aspectos políticos da participação de mulheres nos *slams*

A pesquisa propõe investigar a participação de mulheres nas batalhas de poesia, conhecidas como *slam* ou poetry *slam*, a partir de uma perspectiva comunicacional que considera a ocupação feminina no espaço público. Parte-se da reflexão sobre práticas de resistência ligadas à expressão cultural de grupos que performam em ambientes urbanos seus enunciados artísticos. O problema de pesquisa é "Como a participação das mulheres nos *slams* articula a performance à política nos espaços públicos de Belo Horizonte?" e os objetos de estudo são o *slam* Avoa, Amor! e o *slam* das Manas, ambos itinerantes e que geralmente acontecem no baixo centro de Belo Horizonte. O objetivo principal é identificar quais são os aspectos políticos presentes nas performances do *slam* realizadas por mulheres. Os conceitos centrais acionados serão "performatividade", "condições precárias", "vulnerabilidade" e "gênero" de Judith Butler, e "esfera pública" de Hannah Arendt. A metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo das poesias e das entrevistas de maneira articulada. Após realizar o registro de algumas poesias, e após concluída a transcrição das entrevistas, foi realizada a análise desse material. O corpus se constitui então de entrevistas e poesias de autoria das poetas entrevistadas. Os resultados apontam para performances que tematizam as motivações políticas das poetas, tais como a) as desigualdades de gênero e b) outros tipos de condições precárias; e os instrumentos de luta utilizados para combater as desigualdades e as diferentes formas de opressão, tais como c) a arte, d) a amizade e e) a ocupação do espaço público.
Palavras-chave: poesia; *slam*; performatividade; gênero; esfera pública; política.

The performativity of poets in public space: political aspects of women's participation in slams

The research proposes to investigate the participation of women in poetry battles, known as slam or poetry slam, from a communicational perspective that considers women's occupation in public space. It starts with reflection on resistance practices linked to the cultural expression of groups that perform their artistic statements in urban environments. The research problem is "How does women's participation in slams link performance to politics in public spaces in Belo Horizonte?" and the objects of study are the slam Avoa, Amor! and the slam das Manas, both itinerant and which usually take place in the lower center of Belo Horizonte. The main objective is to identify the political aspects present in slam performances performed by women. The central concepts activated will be "performativity", "precarious conditions", "vulnerability" and "gender" by Judith Butler, and "public sphere" by Hannah Arendt. The methodology used was a semi-structured interview and content analysis of the poems and interviews in an articulated manner. After recording some poems, and after completing the transcription of the interviews, the analysis of this material will be carried out. The corpus then consists of interviews and poems written by the poets interviewed. The results point to performances that thematize the political motivations of the poets, such as a) gender inequalities and b) other types of precarious conditions; and the instruments of struggle used to combat inequalities and different forms of oppression, such as c) art, d) friendship and e) the occupation of public space.
Keywords: poetry; slam; performativity; gender; public sphere; politics.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....11

FIGURA 2.....11

FIGURA 3.....17

FIGURA 4.....21

FIGURA 5.....25

FIGURA 6.....28

FIGURA 7.....34

FIGURA 8.....56

FIGURA 9.....70

FIGURA 10.....71

FIGURA 11.....72

FIGURA 12.....80

FIGURA 13.....85

FIGURA 14.....93

Sumário

Introdução 10
Capítulo 1 – Slam Poetry: A perseverança em forma de poesia 17
1.1 Dos saraus e da literatura marginal para as batalhas de poesia 17
1.2 Arte e tensionamento no espaço público urbano 23
1.3 Na rua, na escola e no mundo 24
1.4 Slam das Minas como prática de empoderamento coletivo 27
Capítulo 2 - Esferas pública e privada e a divisão sexual do trabalho 34
2.1 A esfera pública e o espaço privado 35
2.2 A ocupação da mulher no espaço público na modernidade 43
2.3 Performatividade e esfera pública 49
2.4 Corpos precários, vulneráveis e interdependentes 56
Capítulo 3 - Metodologia 63
3.1 Modos de ver 63
3.2 Procedimentos de coleta: entrevista e observação 68
3.3 Definição do corpus 69
3.3.1 Slams observados 69
3.3.2 Definição das entrevistadas 72
3.3.3 Definição das poesias a serem analisadas 73
3.4 Procedimentos de análise: a análise de conteúdo 74
Capítulo 4 - Análise 76
4.1 Motivações 76
4.1.1 Gênero 76
4.1.2 Condição precária e interseccionalidade 87
4.2 Ferramentas de luta 95
Considerações finais 112
Referências bibliográficas 115
ANEXO I 118
ANEXO II 121
ANEXO III 122
ANEXO IV 126

Introdução

Neste começo considero fundamental compartilhar um pouco do caminho que percorri para chegar até aqui. Em fevereiro de 2017 comecei a frequentar as batalhas de rap da Zona Norte de Belo Horizonte, e a primeira que conheci foi a Batalha da Matriz, na região de Venda Nova. Quem me apresentou o evento foi um dos meus irmãos, Vinícius, que há algum tempo não só ia às batalhas, mas também rimava em algumas delas. Tenho a lembrança de ter achado ser extremamente interessante a velocidade de raciocínio das pessoas que rimavam, que com poucos segundos, conseguiam construir uma resposta para o adversário mesmo com toda aquela tensão que envolvia o ambiente e as expectativas do público. Também achei admirável a forma como tudo era muito organizado, as inscrições dos MCs interessados em rimar, os rounds, a votação de qual tinha sido a melhor rima. A partir desse dia comecei a frequentar várias outras batalhas e ir ao Duelo de MCs que acontece debaixo do Viaduto Santa Tereza, no Centro de Belo Horizonte.

Em agosto de 2017 comecei a participar de um projeto de iniciação científica onde busquei evidenciar como o machismo se apresentava no cenário das batalhas e de que maneiras as mulheres MCs criavam mecanismos para modificar essa situação. As batalhas de rima são um espaço não muito acolhedor para as mulheres, que constantemente são vítimas de misoginia, o que faz com que a disputa nem sempre seja justa no final das contas. Fruto desse trabalho foi a vontade de procurar outras vertentes da cultura de rua que oferecessem às mulheres um espaço mais acolhedor e mais aberto à escuta, foi quando conheci as competições de poesia falada: os *slams*. Os *slams* são campeonatos de poesia falada e performada, onde um júri popular, escolhido aleatoriamente pelo público, dá uma nota - que vai de 0 a 10 - aos(às) *slammers*, que são os(as) poetas, levando em consideração principalmente o conteúdo da poesia e a performance. O primeiro *slam* do qual participei foi o Clube da Luta, em Belo Horizonte, no dia 28 de julho de 2022. As edições do Clube da Luta acontecem no espaço do Teatro Espanca, localizado no baixo centro, próximo ao viaduto Santa Tereza. Me recordo de ter ido sozinha, mas havia combinado de me encontrar lá com um amigo, o Heitor, também admirador dos *slams* e da poesia, que me fez companhia durante todo o evento. Posteriormente, comecei a ir em outros *slams*, como o *slam* Avoa, Amor! e o *slam* das Manas, que foram os que observei como objetos de estudo para a escrita dessa dissertação.

FIGURA 1

Figura 1 - *Slam* Clube da luta ocorrido em 23.05.2019 no Teatro Espanca. Fonte: https://bit.ly/3YC7WMN

FIGURA 2

Figura 2 - *Slam* Avoa, Amor! ocorrido em 28.07.2018 próximo à estação central, no bairro Floresta, baixo centro de Belo Horizonte. Fonte: bit.ly/3zYsJQo

Uma vez que a performance e as poesias declamadas são os elementos principais do *slam*, me interessei em saber de que maneira as poetas articulam suas poesias à potência do corpo na

cena pública de forma política. A pergunta principal e norteadora desta pesquisa é: “Como a participação das mulheres nos *slams* articula a performatividade à política nos espaços públicos de Belo Horizonte?”. Considerando que eventos culturais não necessariamente possuem caráter político e nem sempre estão vinculados a lutas sociais, a pesquisa surge a partir de um olhar para um possível aspecto político que não está dado. Muitas vezes esses eventos estão identificados como ações de entretenimento e lazer ou como forma de passar o tempo e se divertir. Acreditamos que os *slams* tenham essa função, mas a hipótese é a de que também existe uma dimensão política que promove reflexão. A partir disso, torna-se um movimento que critica a estrutura social estigmatizadora em que vivemos e serve como fomentador do pensamento crítico e porta-voz de sujeitos dispostos a reivindicar direitos sociais. Uma mulher que declama poesia sobre o machismo pode, por exemplo, conscientizar outras pessoas a respeito da gravidade deste problema e fazer com que eles próprios mudem suas atitudes e ajudem outros amigos a se conscientizarem também. Experiências de desrespeito pelas quais alguns grupos marginalizados passam, podem ser a motivação para protestos e reivindicações, pode unir forças e, coletivamente, configurar essas ações em luta social (Honneth, 2003).

Os temas abordados por essas mulheres e os relatos das próprias experiências em forma de poesia podem contribuir para a ruptura de estereótipos que estigmatizam as mulheres. Esses relatos podem tirar as mulheres de um lugar de silenciamento e romper com injustiças, pois cedem um espaço público de atenção e escuta que historicamente sempre foi negado a elas, dando oportunidade para que elas possam expressar-se por si mesmas. Analisar os aspectos políticos dessas performances pode auxiliar no entendimento das experiências pessoais transformadas em poesia como forma de combate a estereótipos e desigualdade. Importante dizer que essas mulheres poetas são, em sua maioria negras, o que nos fez entender a necessidade de um estudo com olhar interseccional. A interseccionalidade é uma abordagem crítica que nos ajuda a compreender como diferentes formas de opressão e privilégio se entrelaçam, criando experiências distintas de desigualdade para diferentes grupos sociais. Esse conceito é entendido aqui como essencial para os estudos de gênero, feminismo, direitos humanos e movimentos sociais.

A relevância deste tema de pesquisa pode ser dividida em três eixos: a) aspectos sociais, b) fortalecimento da cultura de rua e c) contribuições acadêmicas. A importância social reside no fato de que é extremamente relevante dar visibilidade para as questões de gênero, uma vez que os espaços públicos que legislam a respeito da vida das mulheres são em maioria ocupados por homens, ou seja, o impedimento da participação das mulheres nos espaços públicos e decisórios

faz com que suas necessidades sejam invisíveis na agenda pública (Biroli, 2018). O problema da divisão sexual do trabalho é antigo. Na antiguidade, por exemplo, a política era algo externo à casa, lugar que era destinado às mulheres que ficavam encarregadas da organização doméstica (Arendt, 1958). Além disso, quando as pessoas se dão conta das experiências de desrespeito pelas quais passam, esse descontentamento pode ser o impulsionador para o estabelecimento de alianças e de uma luta coletiva por melhores condições de vida. Compreender a dinâmica dos *slams* e a participação das mulheres nos auxilia no entendimento sobre essas experiências e sobre as estratégias utilizadas por elas para dar visibilidade às suas causas.

A respeito do segundo eixo, nota-se como a cultura de rua (Panontin, 2018; Ferreira, 2015) se apresenta como porta-voz de grupos subalternizados dizendo dos problemas estruturais da sociedade, trazendo para os demais as narrativas de pessoas excluídas, demonstrando a urgência de se pensar e se conscientizar sobre a realidade socioeconômica dessas pessoas. Dentro dessa cultura, existem uma série de movimentos que criam instrumentos artísticos de intervenção que denunciam o sistema e como ele perpetua práticas discriminatórias; são sujeitos que denunciam uma disposição social que é desigual e estigmatizadora. A cultura de rua se apresenta, então, de várias formas pelas cidades e é um refúgio de muitos jovens vulneráveis na sociedade e que enxergam nessas práticas, oportunidades para se ocuparem de maneira a obter conhecimentos em áreas como a música, a literatura, os esportes, a arte de maneira geral. Além disso, a rua corresponde a um espaço de sociabilidade e as práticas que acontecem ali não são, muitas vezes, engessadas por instituições que determinam o que deve ou não ser feito naquele espaço.

Performances como o duelo de MCs, que consiste em batalhas de rimas, e os *slams*, onde os adversários disputam para saber qual a melhor poesia declamada, são vistas como ocupação e ressignificação do espaço público onde todos podem fazer parte e contribuir, mostrando seus talentos ou como incentivador do talento do outro (Martin e Bueno, 2021). A publicação de uma dissertação sobre uma vertente dessa cultura é uma maneira de fazer com que ela reverbere e seja disseminada no espaço acadêmico, onde geralmente não encontramos trabalhos com esses temas. Fazer com que um trabalho que aborda esses assuntos circule na comunidade científica é uma forma de valorização desses fenômenos culturais.

Sobre o terceiro eixo, poucas são as monografias, dissertações, teses e artigos que tratam sobre o *slam,* especialmente na área da comunicação, e menores ainda o número de trabalhos que articulam a questão do gênero com expressões artísticas urbanas. Apesar de já existirem estudos a respeito do fenômeno do *slam* (Souza, 2019; Souza; Coelho, 2020; Sepúlveda, 2017), são perspectivas mais centradas na área da Letras, com uma abordagem

linguística ou literária. São produções que buscam compreender aspectos como oralidade, forma e letramento em espaços não escolares. Esta pesquisa, além de possuir valor histórico e científico, contribui para a expansão dessa produção de conhecimento que articula comunicação, gênero e literatura marginal. Mesmo que tenhamos obtido avanços, ainda é evidente na academia a ausência de trabalhos sobre as mulheres e a cultura de rua, como veremos no primeiro capítulo.

Diferentemente da maioria dos estudos sobre o *slam*, nossa pesquisa parte de uma perspectiva teórica que considera essas batalhas como performatividades na cena pública conforme discute Judith Butler na obra *Corpos em aliança e a política das ruas* (2018). A perspectiva da autora oferece uma leitura comunicacional para este trabalho ao acionar aspectos da linguagem e das interações por meio da política da aliança que se dá nas ruas. A performatividade se preocupa com o corpo presente, com o vínculo com o espaço, em como praças e ruas são suportes físicos, mas também são possibilitadores das condições de aparecimento de modo corporificado (Butler, 2018; Feola, 2018). Partimos primeiro de uma releitura do pensamento de Hannah Arendt apresentado na obra *A condição humana* (1958) para compreender de que forma o espaço público, o aparecimento e a linguagem têm importância na construção da vida política e como ele constitui o processo de ordenamento político da história humana. Ressaltamos aqui que nesta pesquisa, Hanna Arendt é vista apenas como um ponto de partida para o desdobramento de outras questões, por se tratar de uma autora que apresenta muitas limitações. Em seguida, articulamos duas críticas recorrentes direcionadas à Hannah Arendt. A primeira delas contesta a dicotomia público-privado, especialmente a partir das reflexões sobre gênero no Brasil (Biroli, 2018). Essa discussão nos ajuda a entender uma série de transformações que ocorreram nas relações de gênero durante as últimas décadas, a pensar em como se dá, atualmente, a divisão sexual das tarefas e consequentemente a situação menos valorizada da mulher no mercado de trabalho e também nos ajuda a compreender como alguns acontecimentos históricos nacionais e internacionais impediram ou auxiliaram no progresso da luta feminista.

Na segunda crítica, desenvolvemos o pensamento de Judith Butler, em particular na reflexão que se detém nos corpos como fundamentais para a esfera pública. Nossa articulação teórica neste trabalho propõe uma visada comunicacional sobre o fenômeno do *slam* especialmente por tratar, como vimos em Butler (2018) e Arendt (1958), da centralidade da linguagem corporificada na esfera pública. Temos como pano de fundo o modelo praxiológico da comunicação. Ao propor uma mudança de paradigma em seu texto *De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico*, Quéré (2018) diferencia o

uso da linguagem feito em um modelo epistemológico, que se restringe a transmitir representações adequadas de um mundo pré-definido, e o uso da linguagem que passe uma visão mais articulada do mundo e de nós mesmos, chamado de modelo praxiológico, responsável por atribuir à linguagem, além da dimensão representativa, uma dimensão expressiva e uma constitutiva. O autor considera que a linguagem é uma mediação essencial na "realização social que confere vida a nosso mundo" porque há uma "constituição linguageira do mundo enquanto ser" (Gadamer). O modelo praxiológico também considera que compreender uma linguagem não se restringe ao estabelecimento de condições de verdade ou de representações linguísticas do estado das coisas ou dos acontecimentos. Compreender uma linguagem requer compreender as atividades sociais das quais é parte integrante, compreender aquilo que articula as práticas, as orientações e as relações das pessoas em uma "forma de vida". (p. 26). Dessa maneira, o modelo praxiológico, conhecido também como "esquema constitutivo" aponta para uma atividade efetuada conjuntamente por membros de uma comunidade de linguagem e ação. As práticas e operações têm um caráter encarnado, isto é, as expressões se materializam nas ações, de tal maneira que as intenções não existem previamente à expressão. A comunicação, neste caso, atua na construção conjunta do espaço compartilhado, é uma atividade em que várias pessoas constroem uma perspectiva comum, um ponto de vista partilhado. A intencionalidade não é dada a priori e pode ser ressignificada na própria troca interativa.

A comunicação nos *slams* pode ser analisada a partir dessa perspectiva comunicacional, pois tem um caráter reflexivo, e que não negligencia o agenciamento do indivíduo, pois é uma prática marcada pela afetação mútua. Vera França (2008) aponta que uma das características da comunicação é a afetação mútua; os dois indivíduos são implicados e convocados e ambos são afetados pela interação. Logo, o estímulo, nessa troca comunicativa, não é unilateral, é um estímulo voltado para o outro mas também para quem o emitiu, provocando uma resposta dos dois indivíduos. A autora (2008) diz que "O processo de recepção não é passivo, uma vez que as pessoas se apropriam daquele discurso e há uma negociação constante em torno da construção de significados e de sentidos." Logo, a participação das mulheres nos *slam*, se analisada à luz das interações, da afetação mútua e da produção de sentidos podem nos oferecer respostas importantes para compreender essas performatividades. Para além disso, pensar o *slam* não apenas comunicacionalmente mas também como uma prática social, é realizar um resgate da inserção social nesse campo de estudos, e enxergar o processo comunicativo como ação política, por isso há uma inserção do objeto empírico em um contexto mais amplo, para além do ato comunicativo em si, o que significa que há uma interface com outras disciplinas.

Ao ocuparem espaços e fazerem arte onde geralmente não se espera esse tipo de prática, o sujeito aprende a tomar a palavra em público, a enunciar suas demandas, ao mesmo tempo em que desenvolve sua própria subjetividade.

Desta maneira, o objetivo geral desta pesquisa é identificar quais são os aspectos políticos presentes nas performances do *slam* realizadas por mulheres e os objetivos específicos: a) discutir como as mulheres do *slam* buscam problematizar questões sociais, tais como questões de gênero, raça e classe; b) Entender como aspectos visuais da performance compõe o terreno da política acionada pelas performances do *slam*; c) Compreender como as próprias *slammers* consideram a ocupação desse espaço cultural como ação política. Este material está organizado da seguinte maneira: No capítulo 1 são apresentados aspectos históricos, sociológicos e comunicacionais do *slam*, além de como ocorrem tensionamentos na ocupação do espaço público; no capítulo 2 são trazidas reflexões teóricas sobre o papel da mulher na esfera pública da antiguidade à modernidade, a performatividade de corpos precários na esfera pública e a política da aliança, vista como uma alternativa de enfrentamento a um modelo de governo neoliberal que aprofunda desigualdades e torna mais difíceis vidas de grupos marginalizados; no capítulo metodológico são apresentadas as etapas de pesquisa, os objetos de estudo, regras e funcionamento do *slam*, e conceitos teóricos como a interseccionalidade e os relatos de si que auxiliam nos modos de ver da pesquisa. No capítulo final apresentamos os resultados da pesquisa divididos em duas grandes temáticas, e subdivididas em cinco eixos: as motivações da participação política nos *slams*, tais como a) o combate às desigualdades de gênero e b) o combate à diversas formas de opressão de maneira interseccional; e as formas de luta desenvolvidas a partir da poesia: c) a transformação pessoal e social por meio da arte**,** d) a amizade e e) a ocupação do espaço público.

Capítulo 1 - *Slam* Poetry: a perseverança em forma de poesia

Para responder nossa pergunta de pesquisa - Como a participação das mulheres nos *slams* articula a performatividade à política nos espaços públicos de Belo Horizonte - é necessário primeiro compreender o histórico dos *slams*, suas raízes, características e potencialidades políticas. Na primeira seção, desenvolvemos uma leitura histórica dos *slams* e em seguida discutimos os tensionamentos da ocupação pública por meio desse fenômeno e o seu papel de empoderamento entre as mulheres.

1.1 Dos saraus e da literatura marginal para as batalhas de poesia

> *Tem oito anos que eu escrevo. Algumas vezes eu cheguei a mudar o que eu achava, mas eu ainda continuo na minha primeira ideia inicial, que, pra mim, o slam é uma possibilidade. Ele é uma possibilidade de deixar de ser invisível na cidade. Quando eu comecei a escrever, eu precisava muito, desesperadamente mesmo, ser vista. Porque eu já tinha me sentido um corpo tão invisível em tantos lugares, em tantos espaços, com tantas relações, que, quando eu olhei o slam, a primeira coisa que eu pensei é "eu não quero mais ser invisível". E o slam me trouxe essa possibilidade.*[1]

FIGURA 3

[1] Trecho da entrevista com a poeta Vênus.

Figura 3 - Poeta Vênus na Festa Literária das Periferias (FLUP), no Rio de Janeiro.

O *slam* surgiu em Chicago na década de 80, e foi idealizado por Marc Kelly Smith, operário da construção civil e poeta que teve como objetivo popularizar a poesia e torná-la acessível a um público que não frequentava os eventos convencionais de leitura de poesia e os espaços intelectuais vinculados à academia. Foi em 1986, no *Green Mill Jazz Club*, bar localizado no norte de Chicago, que Smith e seu grupo chamado *Chicago Poetry Ensemble*, criaram um show chamado *Uptown Poetry Slam* que foi considerado o primeiro *poetry slam*. (Dalva, 2011).

As competições só chegaram ao Brasil nos anos 2000. Alguns marcos artísticos e culturais importantes antecedem os *slams* brasileiros: a poesia marginal e os saraus. A literatura periférica se inicia na década de 70, com a produção de autores que de alguma forma se afastaram do cânone, e que se constituiu também como um movimento em resposta ao duro período de repressão da Ditadura Militar. Uma de suas características era a quebra dos padrões literários da época, não só em relação à escrita, mas também na maneira como eram produzidas e circuladas essas obras. Ao contrário do que o nome sugere, em um primeiro momento, essa literatura era produzida por artistas e intelectuais de classe média que distribuíam seus livros em lugares como bares, museus e cinemas. Somente a partir da década de 80 é que esse movimento abrangeu vozes e cenários periféricos e levou para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos moradores desses lugares, que dizem sobre suas próprias experiências de vida.

Os três volumes da Revista Caros Amigos “Literatura Marginal - a cultura da periferia” foram divididos em ato I, II e III e foram um marco para a consolidação da literatura marginal no Brasil. Organizados pelo poeta Ferrez em parceria com a editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Constituídos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, as obras são de 48 autores provenientes das grandes periferias urbanas, sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro. A distribuição das revistas foi realizada de forma gratuita nos bairros das comunidades, o que possibilitou o acesso a pessoas que não teriam condições de pagar pelo material. Ao tecer considerações sobre a importância desses volumes para a literatura marginal, Gama e Junior (2022) apontam que

> Nessa batalha que parte das margens da sociedade, atores das periferias passaram a poder dizer, eles mesmos, o que é a periferia, o que é ser de periferia e todos os aspectos derivados dessa realidade. Essa é a estratégia que tem sido utilizada pelos slammers (poetas do slam) contra representações equivocadas e desumanizadas de diversos setores da sociedade a respeito dessas populações. (Gama; Junior, 2022).

Outro marco para a literatura marginal - e também para a literatura feminina - e que sem dúvidas abriu portas para que pessoas periféricas se sentissem impulsionadas a compartilhar com o mundo sua arte foi a obra "Quarto de despejo - Diário de uma favelada" de Carolina Maria de Jesus, que relata o seu dia a dia em uma comunidade pobre da cidade de São Paulo, a antiga favela do Canindé. A obra foi escrita de 1955 a 1960 e apresenta as dificuldades pelas quais passa enquanto catadora de material reciclável e mãe, diz sobre sua tentativa de sobrevivência e a luta para vencer a fome e outros desafios, como quando ela diz:

> Percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. (Carolina Maria de Jesus, 2005).

A partir de uma escrita pessoal, Carolina Maria de Jesus traz também seus pensamentos em torno de pautas políticas e sociais, com denúncias contra injustiças sociais e reivindicações de melhores condições de vida.

Outro marco que antecedeu os *slams* foram os saraus. Pessoas interessadas em poesia, grande parte das vezes abordando temas sociais importantes e cheios de vida em suas performances, já se reuniam durante os saraus marginais. A Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), um dos saraus mais tradicionais de São Paulo, teve início em um bar no Taboão da Serra, onde, de forma despretensiosa, os poetas declamavam suas poesias. Após dois anos, o local de encontro se tornou o Bar do Zé Batidão, localizado no Jardim Ângela, onde ocorrem os encontros até hoje. "Povo lindo, povo inteligente!" é a frase que Sérgio Vaz, um dos fundadores, declama para dar abertura às noites de terça-feira regadas por muita poesia. Os fundadores da Cooperifa, Sérgio Vaz e Marco Pezão tinham como objetivo divulgar os trabalhos dos artistas locais, estabelecer parcerias com outros artistas e democratizar o acesso à cultura, o que deu muito certo e tornou a Cooperifa um sarau de referência em todo o Brasil. A partir da criação da Cooperifa em São Paulo, surge, em Belo Horizonte, o Coletivoz, idealizado por Rogério Coelho. Em sua dissertação intitulada *A palavração: Atos político-performáticos no Coletivoz Sarau de Periferia e no Poetry Slam Clube da Luta* (2017), Rogério explica que o Coletivoz surgiu em 2008 no Bar do Seu Zé Herculano, pai de Rogério, funcionou ali por dois anos e depois de o bar ter sido vendido e após passarem por uma série de lugares, atualmente os encontros acontecem no The Wall Pub, no município de Contagem. Durante o tempo em que ficou sem lugar fixo para a realização dos encontros, o Coletivoz organizou diversas edições de saraus itinerantes pela cidade, como em praças, teatros, ONG's e

universidade federais e estaduais. Além de articulador do Sarau Coletivoz, Rogério é fundador do *slam* Clube da Luta, o primeiro de Belo Horizonte.

Lucia Tennina (2013), pesquisadora das produções literárias das periferias de São Paulo, afirma que Sérgio Vaz foi o organizador do primeiro espaço batizado como sarau, que estabeleceu, além do nome, o modus operandi e as regras incorporadas por todos os frequentadores deste e dos saraus que surgiram depois. Ela explica que a partir de 2001, cada vez mais saraus foram organizados nas regiões suburbanas da cidade de São Paulo e que anualmente, "o número tem se multiplicado, preenchendo o calendário e salpicando o mapa".

> Os saraus da periferia conformam um circuito atravessado por uma rede de frequentadores, que transitam de um bairro a outro sem levar em consideração as grandes distâncias geográficas, nem as distâncias que impõem a realidade do tráfico e da pobreza. Partindo da ideia de que um espaço não se define a partir de pontos cardeais, mas que está determinado, caracterizado e distinguido a partir de uma dinâmica social, pode-se compreender nos saraus a disposição do espaço "periferia" em termos distintos ao que expressa o sentido comum. (Tennina, 2013, p. 13).

Os saraus, então, como movimento de leitura e de criação poética conseguem fazer com que as mãos do povo alcancem a arte e a literatura, comumente compreendida como pertencente somente a obras de intelectuais ou artistas famosos. Os *slams* encontraram terreno fértil com a influência dos saraus da periferia e da literatura marginal. Ao visitar Chicago, a atriz Roberta Marques do Nascimento, que assina artisticamente como Roberta Estrela D'Alva[2] ficou imensamente interessada pelo movimento. Roberta, ao retornar ao Brasil após uma viagem feita em Chicago, procurou grupos de *slams* no território brasileiro, mas não encontrou nenhum e em 2008, juntamente ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, criou o primeiro grupo de *slam* brasileiro, o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra) em São Paulo. D'Alva hoje é também uma das organizadoras do Rio Poetry *Slam*, que acontece anualmente na Festa Literária das Periferias (FLUP) e co-fundadora do Abya Yala, primeiro campeonato de *slam* das Américas, além de ter dirigido o primeiro documentário sobre o assunto no país. Segundo Smith e Kraynak apud Liége Barbosa, (2019), existem 5 características que definem o que são os campeonatos de *slam*, sendo elas:

1) o *slam* é um tipo de poesia que incorpora narrativas de muitas formas diferentes;

[2] Além de atriz, é também produtora cultural, poeta e pesquisadora, sendo bacharel em Artes Cênicas pela USP, mestra e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. D'alva é fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, companhia criada em 1999 e que utiliza elementos da cultura hip-hop na realização de seus trabalhos teatrais.

2) o *slam* é performado, o que o distingue dentro do campo da poesia, pois existe uma fusão entre as artes da performance e a arte da escrita;

3) o *slam* é competitivo, e apesar de a competição não ser o aspecto mais importante, é algo essencial;

4) o *slam* é interativo pois o público participa ativamente do evento;

5) o *slam* é uma comunidade de pessoas que celebram tanto a poesia quanto a sua performance.

Essa definição traz um evidente potencial político, tanto por trazer aspectos da força da performance quanto pela ideia de comunidade, evidenciando que o *slam* é algo horizontalizado em que não existem hierarquias e que a presença de cada pessoa é muito importante para que ocorra a celebração da união desta comunidade.

De acordo com D'alva (2011), podem existir pequenas variações, mas na maior parte dos lugares onde ocorre, as competições possuem três regras básicas: as poesias têm que ser autorais, o(a) poeta tem que declamá-la em no máximo 3 minutos e não é permitido o uso de adereços, figurinos e acompanhamento musical ou visual, sendo permitido utilizar somente os recursos da voz e do corpo. Não é uma regra que as poesias sejam decoradas, desse modo é possível fazer a leitura caso prefiram. A respeito da premiação para a pessoa que ganha a competição, geralmente os apresentadores pedem para que a plateia contribua com qualquer coisa que possa ser considerado um brinde ou um presente, como livros, chocolates, cigarros, vale bebida, vale tatuagem ou até alguma quantia em dinheiro. Sobre as funções das pessoas no *slam*, além da pessoa que declama, chamada *slammer*, há a função de quem apresenta, o (a) *slammaster,* e a pessoa responsável por registrar as notas e cronometrar o tempo. Quando ultrapassa o tempo de 3 minutos, quem está declamando é avisado e tem, a partir desse momento, 10 segundos para encerrar a apresentação sem que sofra penalidade na pontuação. As notas, como já mencionado anteriormente, vão de 0 a 10, no entanto, na contagem das 5 notas - pois são 5 jurados - a nota mais alta e a mais baixa não são consideradas e faz-se uma média do restante da pontuação.

FIGURA 4

Figura 4 - Exemplo de premiação. Podemos ver doações como livros, cigarros, chocolate e dinheiro em espécie. Fonte: foto tirada pela pesquisadora em 28 de julho de 2022.

Nota-se um intercâmbio entre as funções de jurados, *slammers*, entre outros, o que demonstra a não rigidez dos papéis. É importante perceber que a interação entre todos os atores envolvidos, que constroem juntos uma comunidade, é imprescindível para que o evento não se torne algo hierárquico; o *slam* é entendido como uma dinâmica não apenas de transmissão, onde os poetas declamam suas poesias e a platéia ouve passivamente, mas ocorre uma interação em que a linguagem é o meio que faz com que essa troca seja possível. O acolhimento cria um ambiente propício para que outras pessoas, que já conhecem o *slam* ou não, se sintam à vontade para declamar suas poesias e para contar suas histórias. É interessante perceber que a maioria das pessoas que participam dos *slams* estão também envolvidas com a pintura, a música, a dança de rua, entre outras vertentes culturais. Gama e Junior (2022), em um artigo a respeito das batalhas de poesia na cidade de Salvador/BA, dizem que

> [...] os atores do slam não apenas circulam entre diferentes batalhas e saraus, inclusive promovidos em zonas "centrais" da cidade, como também publicam livros e antologias de poesia, recitam poemas em ônibus, promovem eventos e rodas de conversa em escolas, dialogam com rappers e artistas do audiovisual, formando, assim, uma teia de atores engajados com a poesia, marginal e militante, que viceja nas periferias da metrópole (Gama; Junior, 2022, p. 61).

Essa teia de atores tem como intuito principal conscientizar as demais pessoas do *slam* a respeito de temas de relevância social. Por ser um espaço onde as pessoas se sentem à vontade para fazer críticas e desabafos sobre a realidade em que vivem, frequentemente surgem temas

como pobreza, racismo, segurança pública, violência policial e estupro. No contexto dos *slams*, uma escrita que a princípio seria apenas um passatempo pessoal, toma uma dimensão mais coletiva e política. Gama e Junior apontam que

> Nessa batalha, a função dos poetas passa a ser a de mediar e disseminar informação aos pares, estrategicamente trazendo referências da cultura negra, da cultura local, valorizando pessoas da comunidade e suas trajetórias, e de incentivar a leitura e a escrita entre seus públicos, como forma de alcançar, pela educação e cultura, outros lugares sociais. (Gama; Junior, 2022, p. 61).

Percebe-se então, que além de servir como um espaço de crítica e compartilhamento de vivências, o *slam* também atua como incentivador de um caminho trilhado por meio da educação.

1.2 Arte e tensionamento no espaço público urbano

Para o *slam* acontecer, é preciso somente que compareça o número suficiente de pessoas para preencher todas as funções, incluindo a plateia, e um espaço que pode ser uma praça, rua, ou outro lugar com acesso gratuito, o que faz com que a acessibilidade torne o *slam* comunitário e inclusivo. O primeiro *slam* a ser realizado na rua foi o *slam* da Guilhermina, criado em 2012 na zona Leste de São Paulo. Desde então, a maioria dos *slams* brasileiros, com raras exceções, acontecem em espaços públicos, como em praças. Ao contrário disso, em outros lugares do mundo, os *slams* geralmente ocorrem em espaços fechados, como em bares, centros culturais e teatros.

Mesmo quando se reúnem nas ruas para experienciar momentos de acolhimento, a ocupação do espaço público não está isenta de conflitos (Ferreira e Kopanakis, 2015). Os organizadores dos *slams* se deparam com tentativas de burocratizar, de maneira a impossibilitar ocupações e atividades artísticas, além de muitos eventos, como o *slam* Avoa, Amor! e o *slam* das Manas funcionarem sem nenhum tipo de financiamento, conseguindo se manter apenas com doações dos participantes e com a dedicação da equipe organizadora. São tentativas de criminalizar vestimentas, linguagens e comportamentos de uma parte da sociedade a quem se negam os direitos mais básicos. Além disso, a conduta truculenta com a qual os policiais agem diante desses movimentos ajuda a reafirmar estereótipos e estigmas, indicando que apenas são perigosos os eventos organizados nas periferias ou que são frequentados por pessoas periféricas. Apesar da hostilidade que é direcionada para essas pessoas, a rua continua sendo o espaço mais acessível e o que faz mais sentido para o público desses eventos. De acordo com Ferreira e Kopanakis (2015),

> O aparecimento da arte urbana, como o grafite, surge, entre diversos fatores, como um grito de manifesto perante essa ausência de possibilidades e espaços que proporcionem à população o contato com a arte nas cidades, e permitam aos indivíduos se expressarem. A vivência humana nas cidades fica restrita e, em muitos sentidos, limitada apenas ao consumo, onde os espaços de sociabilidade são transpostos aos shoppings e às galerias, gerando a necessidade de novas formas de se relacionar com a vida e manifestar a arte. Diante de tais circunstâncias, nas quais os ambientes que permitem aos indivíduos criarem uma identidade com a cidade são cada vez menos frequentes, os indivíduos ressignificam o lugar e o "não lugar", rompendo com os espaços convencionais de manifestação artística e utilizando as ruas para expor suas experiências. (Ferreira; Kopanakis, 2015, p. 81-82)

Ou seja, essa ocupação do espaço serve, entre outras coisas, para fortalecer os laços de uma comunidade e proporcionar uma maior convivência entre as pessoas ressignificando e dando novos sentidos a lugares que às vezes são pensados apenas para o trânsito de pessoas e veículos. Não necessariamente, mas, muitas vezes, os movimentos artísticos expressam demandas políticas e sociais de pessoas que geralmente sofrem com o descaso institucional e que encontraram, no caso dos *slams*, por meio da poesia, uma forma de compartilhar com o mundo seus inquietamentos. Em se tratando da legitimidade e autoridade conferida à fala dessas pessoas, essas características vêm por meio da vivência nesse ambiente, um olhar e uma percepção das coisas que vêm de dentro, não é externo ou distanciado, não são invenções ou idealizações, são aprendizados e experiências adquiridos no dia a dia. Essas manifestações, que não se enquadram em um padrão estético tradicional, concedem não só a ocupação de lugares de forma coletiva, mas também faz com que nesses ambientes se criem projetos e trabalhos artísticos, onde as pessoas consigam encontrar um espaço de escuta, além dos vínculos de amizade e de suporte que se estabelecem.

1.3 Na rua, na escola e no mundo

> *A gente conta histórias por meio da poesia, a gente ensina história por meio da poesia, a gente conta os pedaços da história que nos foram negados em sala de aula por meio da poesia e isso é incrível, é gratificante, é rico demais, até porque eu acho que as pessoas inclusive deveriam estar mais presentes nesses espaços onde acontecem os slams para que elas pudessem ter esse encontro com uma realidade periférica que não é apresentada a elas como uma história, uma parte da história que foi roubada também delas, não só da gente.*[3]

FIGURA 5

[3] Trecho da entrevista concedida pela poeta Thamara.

Figura 5: Poeta Thamara declamando em uma das edições do *slam* Avoa, amor! Fonte: https://bit.ly/4dzHCXV

Os *slams* adquiriram projeção e importância no Brasil ao longo dos anos. O *slam* da Guilhermina, de São Paulo, teve uma participação ativa de seus organizadores na criação de leis de incentivo à cultura que beneficiam grupos culturais de pessoas de baixa renda e coletivos artísticos e culturais de localidades periféricas e vulneráveis. Os organizadores contribuíram na formação da lei nº 15897/2013 e da lei nº 16496/2016, ambas decretadas e promulgadas pelo então prefeito do Município de São Paulo, Fernando Haddad.[4] As duas leis evidentemente beneficiam a participação de jovens negros e pobres em projetos culturais na cidade, e a articulação dos organizadores do *slam* da Guilherma foi responsável por esse grande ganho.

Além de proporcionar essa vivência da arte nas ruas, outra contribuição fundamental do *slam* da Guilhermina para a propagação da literatura marginal foi a criação do *Slam* Interescolar, em 2015. Quando Emerson Alcade, um dos fundadores do *slam* da Guilhermina, esteve em Paris para participar da Copa do Mundo de Poesia falada, presenciou várias crianças descendo de um ônibus e se juntando a outras que estavam em uma fila na porta do Teatro Belleville. Além de estarem carregando cartazes, entoavam cantos de torcidas e pareciam muito

[4] A primeira lei dispõe sobre o Programa para Valorização de Iniciativas Culturais, instituindo duas modalidades de apoio às atividades artístico-culturais, no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. É uma lei que garante o financiamento de grupos culturais de pessoas de baixa renda; o fato desta lei ser exclusiva para pessoas físicas, facilita a participação nos editais. A segunda lei apoia financeiramente projetos e ações culturais propostas por coletivos artísticos e culturais em lugares socialmente vulneráveis, especialmente nas áreas periféricas do Município.

empolgadas para o que estava por vir. E o que as esperava era também o motivo pelo qual Emerson estava em outro país: a poesia falada. Depois de ter presenciado essa cena, voltou ao Brasil e propôs para o Coletivo *Slam* da Guilhermina que fizessem o mesmo no Estado de São Paulo. Alcade, em entrevista para o jornal Estadão[5], conta como o projeto começou: "A gente (ele e Cristina) começou, cada um em sua escola, a desenvolver oficinas de *slam* com regularidade. Criamos o *Slam* Intersalas e propusemos no final de ano um protótipo da minha escola versus a dela. E assim nasce a ideia do *Slam* Interescolar".

Em 2015 a primeira edição do *slam* interescolar reuniu 4 escolas localizadas próximo ao bairro da Vila Guilhermina. Em sua última edição, ocorrida em 2023, o projeto já contava com 333 instituições participantes, entre elas escolas estaduais, municipais e particulares. Apesar de ser um grande projeto de valorização da cultura e da literatura periférica, que faz com que crianças e adolescentes desenvolvam interesse por escrita e leitura e aperfeiçoem sua produção criativa, apenas em sua quinta edição, em 2019, é que o *Slam* interescolar recebeu apoio financeiro, quando foram contemplados na 3ª edição do Fomento à cultura da periferia da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. A partir desse investimento, foi possível fazer com que poetas visitem as escolas e forneçam suporte aos professores e alunos, oferecendo palestras e oficinas. O contato dos alunos com esses jovens poetas que dão a formação é importante pois deixa os estudantes mais à vontade para escrever sobre seus sentimentos, sua vivência, ou qualquer outro assunto que seja de interesse deles. Os formadores se tornam os padrinhos das escolas e fazem um acompanhamento com elas até o dia da disputa com outras escolas, tempo que faz com que se estabeleça certo vínculo entre eles e os estudantes. De maneira geral, o processo para que as escolas participem passa pela inscrição, pela participação no ciclo formativo, pelas seletivas e, por fim, a competição. Em 2021 o *Slam* Interescolar de São Paulo foi contemplado com o Prêmio Jabuti, o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do livro.
Em Belo Horizonte, atualmente, existem 8 *slams* em atividade: *Slam* Clube da Luta, *Slam* Avoa, Amor!, *Slam* Afrolíricas, *Slam* Trincheira, *Slam* das Manas, *Slam* e Feira, *Slam* Luzes da Margem Norte e *Slam* Todos estão Surdos. A maior parte deles geralmente se reúne nas imediações da Praça da Estação - região central da cidade na qual são realizadas diferentes manifestações da cultura de rua, tais como batalhas de MC's, Hip Hop, blocos de carnaval, entre outras. O *slam* Clube da Luta acontece de forma fixa no Teatro Espanca e os outros *slams*

[5] Disponível em: https://expresso.estadao.com.br/sao-paulo/2023/06/23/competicao-escolar-de-poesia-falada-cresce-por-toda-a-cidade/

são itinerantes e realizados nas ruas ou em espaços culturais. As atividades se mantêm basicamente por meio de iniciativas de coletivos, parcerias entre grupos de artistas e leis de incentivo.

Em Belo Horizonte há também o *slam* interescolar. Sousa, Silva e Ribeiro (2019), ao abordarem processos de letramento de jovens poetas, explicam que na cidade o *slam* interescolar surgiu em 2017 e foi idealizado por Oliver Lucas, educador da rede estadual e que está inserido no circuito dos *slams* desde o início de sua criação. Na época, ele passou por 10 escolas durante os meses de agosto e novembro dando oficinas com o intuito de mobilizar os alunos para que se expressassem em relação às suas visões de mundo. Com o tempo, Oliver percebeu que aquele espaço, além de incentivador da leitura e da escrita, proporcionava também o fortalecimento do diálogo e da interação entre os alunos, que escreviam, compartilhavam e conversavam sobre os textos. Esta oportunidade faz com que haja por parte do aluno um trabalho de reflexão sobre si mesmo, e também a respeito de outras questões coletivas importantes.

O movimento do *slam* mobiliza várias cidades. Existem campeonatos estaduais, nacionais e o campeonato mundial. Em 2023 o campeonato mundial aconteceu na Bélgica, embora tenha ocorrido na França nas edições anteriores. Os *slams* que aconteceram na França foram todos financiados pelo governo parisiense, que apoia e divulga o evento, fazendo com que a divulgação na mídia e em outros meios seja bastante efetiva. No Brasil, a repercussão dos *slams* é ainda bastante tímida e a divulgação se dá, na maioria das vezes, por meio de simpatizantes, poetas e organizadores.

1.4 *Slam* das Minas como prática de empoderamento coletivo

> *Essa é a sensação que eu quero que seja registrada, porque é essa. E eu acho que é uma sensação que circula entre nós todos. Eu estou aqui falando e eu estou sendo amada.*[6]

Alguns *slams* são exclusivamente femininos, onde as competições só ocorrem entre mulheres, como é o caso do *Slam* das Minas, que teve seu primeiro grupo criado em 2015 em Brasília e que foi idealizado por Tatiana Nascimento. O segundo *slam* das Minas criado no Brasil foi o de São Paulo, em 2016 e contou com a participação ativa de Tatiana Nascimento, Luz Ribeiro e Tom Grito, que também são poetas. O *slam* das Minas do Rio de Janeiro e o da Bahia foram criados em 2017 e o *slam* RJ teve papel fundamental na ampliação da participação

[6] Trecho da entrevista concedida pela poeta Norma.

de pessoas transgêneras nas competições. Atualmente, essas disputas onde apenas mulheres recitam suas poesias estão presentes em diversos estados do Brasil, como em Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Acre, Paraíba e Paraná. Em Belo Horizonte o *slam* que permite apenas competidoras mulheres é o *slam* das Manas, criado em 2016 pelo Coletivo Manas.

FIGURA 6

Figura 6 - *Slam* das manas ocorrido em 30/08/2023 em frente ao bar Two Black, no baixo centro de Belo Horizonte. A poeta que está declamando é Kátia Leal. Fonte: bit.ly/3A1NbQt

De acordo com Thuin, Lima e Oliveira (2023),

> Nessas batalhas poéticas de mulheres, é comum os poemas trazerem testemunhos de uma vivência traumática, episódios de racismo vivido pelas poetas e seus pares que perpassam a história familiar, questões existenciais e históricas compartilhadas. Por outro lado, percebe-se também os poemas que reivindicam o amor entre mulheres, a dissidência sexual, a autoestima e a ancestralidade africana. A voz entra em cena com toda a carga de afetos em um ato político e festivo de celebração e convivência. (Thuin; Lima; Oliveira, 2023)

Apesar de esses relatos fazerem com que muitas mulheres relembrem situações de opressão e violência pelas quais passaram, esses momentos tendem a proporcionar também a

criação de vínculos e o compartilhamento de afetos entre elas, e isso tende a acontecer de maneira muito natural, uma vez que se tratam de lugares onde se sentem seguras e acolhidas. Para além desse ambiente de compartilhamento de vivências, a criação do *Slam* das Minas foi primordial para que se abrissem os caminhos para vitórias femininas nas competições e proporcionou destaque e visibilidade a essas poetas. O *slam* BR, que é a competição nacional que garante que os vencedores disputam a Copa do Mundo de *Slams*, até recentemente tinha um grande público feminino, mas que não alcançava as vitórias e consequentemente as vagas para que pudesse prosseguir na competição.

De acordo com Oliveira e Ricieri (2020), em 2016, Luz Ribeiro, já mencionada aqui como uma das criadoras do *Slam* das Minas de São Paulo, conquistou uma vaga na Copa do Mundo de *Slam* que ocorreu em 2017, em Paris. Foi uma vitória marcante ter vencido no *Slam* BR, visto que nas duas primeiras edições do evento somente competidores homens haviam ganhado. Em 2017, Bell Puã, além de ter vencido a primeira edição do *Slam* das Minas de Pernambuco, também venceu o *Slam* BR, o que garantiu sua vaga na disputa pelo Campeonato Mundial de 2018, também em Paris. Em 2018 a vencedora do *Slam* BR foi Pieta Poeta[7], que garantiu vaga na Copa do Mundo de *Slam* em 2019 e alcançou a quarta posição. Em 2019, Kimani, poeta moradora de uma periferia em São Paulo foi quem venceu a competição nacional. Seguindo este ritmo de vitórias femininas, em 2020, a vencedora foi Jéssica Campos, também paulistana, e em 2021 foi Joice Zau, poeta Angolana que representou o estado de Pernambuco.

As batalhas de poesia entre mulheres são espaços potenciais para o empoderamento, conceito aqui entendido como uma prática não apenas subjetiva mas também coletiva. O empoderamento significa fazer com que as mulheres se valorizem, se conheçam a si mesmas, no sentido de conhecerem suas capacidades e que tenham um entendimento em relação à sua posição política e social. De acordo com Joice Berth (2019), empoderamento é o estímulo para que aceitem uma cultura e estética herdadas da ancestralidade e que, munidas de informações e percepções sobre si mesmas, possam descobrir modos de atuação no meio em que vivem em prol delas mesmas e de uma coletividade. Embora a mulher possa receber diversos estímulos externos vindos de vários lugares diferentes, para o processo de empoderamento é fundamental que exista uma tomada de consciência, algo que é interno e que vai impulsionar o enfrentamento ao sistema opressor em que está inserida. Por isso, é comum encontrarmos na obra mencionada de Berth muitas palavras com o prefixo “auto”, como a autovalorização e o

[7] Atualmente Pieta é na verdade, Nilo, um grande poeta mineiro transgênero.

autoconhecimento. Defendemos que os *slams* de mulheres podem ser espaços de empoderamento para as mulheres pelos seguintes motivos: a) são espaços construídos coletivamente, b) acionam temáticas de vulnerabilidade, injustiça e desigualdade sofridas pelas mulheres, c) incentivam o rompimento de estruturas de opressão.

Em um breve histórico da palavra "empoderamento", Berth (2019) nos explica que é um neologismo e foi um termo (empowerment) cunhado por um sociólogo estadunidense em 1977 e que no dicionário da Universidade de Cambridge significa "o processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você". A primeira pessoa a usar este termo no Brasil pela primeira vez foi Paulo Freire, portanto, empoderamento para Freire está associado a uma ideia de conquista da liberdade por indivíduos até então subordinados. A Teoria da Conscientização criada por Freire, que pensa a educação como prática de liberdade de grupos oprimidos inspirou a Teoria do empoderamento, porque a conscientização em Paulo Freire também está associada ao tema da liberdade, então o ser humano, por meio da sua conscientização e por meio da educação, pode agir sobre a realidade. Da mesma maneira, podem agir as mulheres que desenvolvem uma consciência crítica sobre seu lugar no mundo, de modo que o empoderamento não se constitui apenas de consciência crítica mas está associado à ação.

Baseada em Nelly Stromquisti, Berth (2019) defende que o empoderamento é constituído de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas que consideradas em sua individualidade, não são suficientes. Ela pontua a dimensão cognitiva, que é ter uma visão crítica da realidade; a dimensão psicológica, relacionada ao sentimento de autoestima; a dimensão política, que está associada à consciência das desigualdades de poder e a capacidade da mulher para se organizar e agir e, por fim, a dimensão econômica, que é a capacidade de geração de renda independente. A autora ressalta que nos dias de hoje "empoderamento" é um termo carregado de entendimentos equivocados, bastante incompreendido e por isso é alvo de muitas críticas, já que o uso que fazem normalmente não está associado à Teoria do Empoderamento, o que causa a despolitização do conceito. Esta teoria deve ser pensada a partir de opressões estruturais e não apenas a partir de liberdades individuais, uma vez que o empoderamento feminino individual não é capaz de romper com estruturas opressoras. Nos lembrando bastante da discussão que Butler faz a respeito da interdependência, Berth diz:

> Uma das contradições fundamentais do uso do termo "empoderamento" se expressa no debate entre o empoderamento individual e o coletivo. Para quem usa o conceito na perspectiva individual, com ênfase nos processos cognitivos, o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se auto conferem. Toma um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal. E "fazer as coisas por si mesmo",

> "ter êxito sem a ajuda dos outros". Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioridade que os sujeitos sejam independentes e autônomos no sentido de domínio de si mesmos, e descarta as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sociopolítico, histórico, de solidariedade e do que representa a cooperação e a importância de preocupar-se com o outro. (Berth, 2019, p. 35-36)

Dessa maneira, se configura como um processo que tem que ser desenvolvido com a comunidade e não pode se desvincular do seu objetivo coletivo. Mesmo que uma pessoa pertencente a um grupo oprimido tenha desenvolvido pensamento crítico a respeito de sua realidade, isso não anula o fato de que ela ainda está inserida em uma estrutura que a coloca em situação de risco. Mesmo que uma mulher branca de classe média se sinta empoderada por poder sair quando quer ou por ter autonomia financeira, por exemplo, ainda é uma potencial vítima de estupro se está andando sozinha em uma rua deserta à noite. Enquanto todas as mulheres ainda estiverem expostas a vários tipos de violência, tanto físicas quanto simbólicas, estarão em vulnerabilidade social elas mesmas e sua coletividade, fragilidades que o feminismo liberal e individual não é capaz de resolver. O feminismo liberal, caracterizado por ser uma forma individualista da teoria feminina e que acredita na igualdade das mulheres por meio de suas próprias escolhas, por mais que já tenha contribuído bastante com a luta feminista, se configura como uma proposta que não interfere de fato nas estruturas sociais (Biroli, 2018). Foi um primeiro período do feminismo branco e elitista, pois as mulheres que se organizaram eram brancas de classe média, nascidas nos Estados Unidos e Reino Unido. Apesar de apresentar demandas importantes, ainda era um feminismo excludente, pois não visava a igualdade para mulheres brancas pobres e para mulheres negras independente de sua classe social.

A conquista do voto feminino, a luta por iguais oportunidades de acesso à educação e ao mercado de trabalho e a participação nos espaços de decisão política foram alguns dos avanços que essa vertente trouxe. É uma corrente que questiona, sem dúvidas, a privação da participação feminina tanto nos espaços públicos tradicionais quanto em cargos de liderança de organizações privadas, mas não consideram de que modo as desigualdades de gênero se relacionam com outras opressões como raça e classe. Apesar de entender o Estado como um potencial agente de mudanças que pode se aliar à luta feminista na busca pela garantia de direitos, a experiência de opressão das mulheres vista como unitária e homogeneizadora não realiza um debate crítico a respeito das várias violências estruturais pelas quais passam. Assim, para as feministas liberais, a desigualdade entre homens e mulheres tem origem em uma socialização com base em ideias distorcidas sobre ambos, e ideias culturais que limitam a liberdade do indivíduo, no entanto, isso não é o suficiente para erradicar outros graves

problemas sociais, como a pobreza e o racismo. Biroli (2018), ao refletir sobre as desigualdades entre as próprias mulheres, nos diz que

> [...] O horizonte feminista liberal de libertação das mulheres do trabalho doméstico, sem que ocorram transformações profundas nas relações sociais de trabalho e de cuidado, é uma idealização baseada na vivência das poucas mulheres que podem ter acesso a carreiras profissionais com grau relativamente ampliado de autonomia e remuneração, enquanto outras mulheres continuam desempenhando esse trabalho em condições precárias. (Biroli, 2018 p. 65)

Atuar em uma agenda de equiparação de direitos sem realizar um enfrentamento à exploração do trabalho é ter uma noção errônea do que é o empoderamento para uma mulher, por isso o termo não pode ser despolitizado e entregue ao reducionismo de liberdades individuais. O próprio Paulo Freire, que foi muito preocupado com a exploração de classes menos desfavorecidas, demonstrou preocupação com a distorção do termo e escreveu, em conjunto com o professor Ira Shor, um livro chamado *Medo e ousadia - O cotidiano do professor* em que alerta para a necessidade de pensarmos essa conscientização a partir de um nível coletivo e não individual:

> Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do *empowerment* ou da liberdade. (Paulo Freire; Ira Shor, 1986)

A partir, então, da união de consciência coletiva e prática, é possível traçar metas para a libertação de grupos oprimidos, pensando em alternativas que não sejam excludentes. Uma outra grande barreira estrutural que Berth menciona e que se coloca à frente do desafio da compreensão desse termo e consequentes práticas de empoderamento é o sucateamento da educação, um forte impedimento para formulação da consciência crítica e, somado a isso, o silenciamento das populações oprimidas, sobretudo de pessoas negras. Berth traz as contribuições de Kristie Dotson, que nomeia este silenciamento de *testimonial smothering*, que em português significa "sufocamento testemunhal" e significa "o alijamento da própria vivência para assegurar que o discurso contém apenas conteúdo para o qual o público demonstra interesse em assimilar". Com o tempo, diante da falta de oportunidade em dialogar sobre as opressões que sofrem, as pessoas deixam de falar sobre elas e falam apenas sobre o que é permitido sob a ótica de discursos hegemônicos. Outro termo cunhado por Dotson é o *pernicious ignorance*, que se constitui de uma ignorância proposital e de má fé e são ações que dificultam o acesso a produções intelectuais de grupos historicamente oprimidos. As classes dominantes perpetuam a manutenção de desigualdades por meio do apagamento dessas vozes,

com o intuito de que se mantenha a hegemonia de um discurso único. O espaço oferecido pelo *slam* das minas, se constitui como uma alternativa para as mulheres que lutam para que não sejam silenciadas, oferecendo sinceras oportunidades para que seus testemunhos sejam dados. É um lugar onde frequentemente pautas acerca do feminismo negro são colocadas, demonstrando a importância da retirada da mulher negra desse "não lugar", uma vez que na pirâmide social, as mulheres brancas sofrem machismo, os homens negros sofrem racismo e as mulheres negras são perpassadas por esses dois tipos de opressão, fazendo-se urgente a discussão do assunto, mas não apenas como uma forma de reconhecimento identitário, mas como um passo em busca de uma reestruturação social. A construção coletiva que essas mulheres realizam não compreende o empoderamento apenas em sua dimensão individual, mas entende a necessidade de uma melhoria de vida para todas, como uma comunidade, e não apenas para algumas.

Capítulo 2 - Esferas pública e privada e a divisão sexual do trabalho

eu não era assim
tão sem armas
nasci com unhas afiadíssimas

apararam todas
ensinando a catar amor
entre as pedras de feijão
[unhas frustradas emitem guinchos insones][8]

FIGURA 7

Figura 7 - Poeta Norma declamando em uma das edições do Slam das Manas. Fonte: bit.ly/3AstXn6

Para compreender como a participação das mulheres nos *slams* articula a performance à política nos espaços públicos de Belo Horizonte discutiremos os conceitos de política e espaço público, relações de gênero e espaço público e o papel da performatividade na política.

[8] Trecho da poesia “Unhas” de Norma, uma das poetas entrevistadas pela pesquisadora.

Neste capítulo são apresentadas reflexões de Hannah Arendt a respeito da divisão da esfera pública e privada, o que nos auxilia na percepção de que essas duas esferas costumam ser bastante demarcadas, reforçando que o acesso à vida pública é historicamente atribuído ao homem. Nesse sentido, a existência das mulheres muitas vezes é restrita ao lar, pois em geral considera-se que sua função principal, além da reprodução, é cuidar da família, o que as impede de participar ativamente da vida política. Dialogamos também com Flávia Biroli ao acionar a crítica à dicotomia público x privado. A autora questiona como essa separação é considerada na modernidade, mas de outras maneiras, uma vez que no decorrer das décadas, muitos avanços foram conquistados pelo movimento feministas. A autora nos mostra como essas desigualdades afetam a democracia brasileira uma vez que a participação das mulheres nos espaços de decisão ainda é baixa. Em seguida, apresentamos as reflexões de Judith Butler num segundo conjunto de críticas à Arendt. A autora discute acerca de performatividade, interdependência, precariedade e condições precárias e vulnerabilidade, o que nos ajuda a compreender como é feita a construção do gênero em nossa sociedade e qual a importância da criação de laços entre as pessoas, principalmente entre corpos precários que tem suas vulnerabilidades aprofundadas por instituições que não se preocupam com essas vidas.

2.1 A esfera pública e o espaço privado

A divisão entre esfera pública e privada é uma das discussões centrais da teoria feminista e não se constitui como algo surgido na modernidade. Hannah Arendt, em 1958, na primeira edição de sua obra *A condição humana*, apresenta reflexões sobre como na sociedade grega, a política já era algo externo à casa e ao reino das necessidades. O pensamento filosófico e político de Arendt é fortemente perpassado pela preocupação em discutir a separação entre público e privado e posteriormente o surgimento do "social" e a relação no que se diz e no que se faz no ambiente político. É importante ressaltar que nosso objetivo não é fazer uma leitura sociológica dos apontamentos de Arendt, uma vez que a posição da mulher na Grécia antiga não era sequer um problema moral, aspecto também não problematizado por Arendt. O problema da divisão da esfera pública e privada é pertinente para nós, na atualidade, mas transferir esses questionamentos com a carga que eles têm hoje para a antiguidade seria fazer uma leitura da história completamente anacrônica, uma vez que os estudos feministas se fixam dentro do campo moderno. O objetivo é apresentar um panorama geral de como se dava essa divisão, que tem na antiguidade grega uma espécie de metáfora, para que possamos compreender melhor como essa relação ocorre e quanto avanço houve na luta para que as

mulheres ocupassem mais os espaços públicos e superassem essa dicotomia. A nossa apresentação do pensamento de Arendt está organizada da seguinte maneira: Primeiro vamos discutir qual é a leitura de Arendt sobre a sociedade grega, posteriormente traremos as reflexões que a autora faz do modelo grego para aplicar ao mundo moderno pós guerra e para finalizar apontamos, assim como já fizeram outros autores, como a autora se ausenta das discussões que problematizam a exclusão das mulheres e dos escravos na sociedade grega.

a) a leitura de Arendt sobre a sociedade grega

Em *A condição Humana*, obra escrita no momento seguinte ao fim da segunda guerra mundial, Arendt traz os 3 conceitos fundamentais que sintetizam a gênese da sua antropologia filosófica, dizendo que a vida ativa se divide em 3 atividades:

- **Trabalho** (na edição de 2007 o termo usado é o "Labor"): Necessário à sobrevivência e efetiva-se na atividade do *animal laborians*; está relacionado à manutenção da vida biológica e segundo a autora, (2007, p. 15), "corresponde ao processo biológico do corpo humano".
- **Obra ou Fabricação** (na edição de 2007 o termo usado é o "Trabalho"): Diz respeito ao "*homo faber*" (homem que fabrica) objetos duráveis. É o mundo do artifício humano por meio da construção de objetos que continuam existindo além do tempo de vida de quem os construiu, com o objetivo de criar para esses objetos uma permanência no mundo, de modo que um atributo fundamental desses objetos é sua durabilidade. É um conceito relacionado com a construção de um mundo artificial e não natural, visto que são obras provenientes de mãos humanas. Há também uma partilha do seu saber de fabricar com outros homens, no entanto, ainda é uma fase em que o ser humano não necessita da intercomunicação, da interação com outros humanos, pois o momento da fabricação pode ser feito a sós.
- **Ação:** A ação é a forma por meio da qual aparecemos no mundo e esse "aparecer" diz quem realmente somos, já que para Arendt, o "ser" não é uma essência, algo oculto, mas sim o que se dá a ver. Quando falamos e agimos, revelamos quem somos. Além disso, a ação é sempre um exercício de coexistir porque só agimos na convivência com alguém; se a pessoa não se insere no mundo por meio da ação e da palavra, é como se não existisse enquanto ser humano único e singular, de forma que pode até existir como espécie vivente, mas como humano, não. A ação não está relacionada com o corpo ou

> a produção de objetos, mas tem relação exclusiva com o plano da esfera pública e política e jamais acontece sozinha, pois se dá entre os homens.

Para Arendt, esta última atividade, a ação, está totalmente vinculada à noção de esfera pública, pois para agir é necessário ter liberdade e estar entre iguais em condições de igualdade para se fazer política, criando assim um espaço de circulação do discurso, e de resolução de assuntos comuns por meio da palavra. Neste sentido, a esfera pública é consequentemente política porque é a divisão de um mundo comum. A pessoa se insere neste mundo por meio do que faz e diz, sempre em relação ao outro. O "eu" existe enquanto parte de um projeto "nós" e depende exclusivamente da contínua presença de outros homens. No entanto, a ação não se faz somente por meio de trocas comunicacionais consensuais, de forma que o conflito, no sentido de diferentes pontos de vista e de pluralidade de opiniões, também faz parte desse processo.

O pensamento de Arendt é contrário ao fenômeno da individualização, visto que, cada pessoa pertence a uma coletividade. A organização política depende da legitimidade de algumas decisões que só terão validade em ambiente público; isso não anula o indivíduo, mas o capacita a viver, a compor e a contribuir para a formação do espaço público. Para Hannah Arendt o outro é elemento essencial da esfera pública, pois cria a convivência e as interações características eminentemente políticas. Uma pessoa precisa de outra que ateste que ela existe, então é uma esfera fortemente perpassada por um sentimento de valorização da presença do outro, da compreensão de que o outro é condição fundamental para o reconhecimento da minha própria existência.

A esfera pública não pode ser confundida com praça pública. Ela pressupõe a participação e a discussão pública e não necessariamente a reivindicação de algo. Além disso, a esfera pública não se restringe à política formal. A vida humana e social é em grande medida orientada por pressupostos e orientações políticas formais, mas não se limita a isso. Muitas manifestações sociais e humanas não se enquadrariam de forma adequada naquilo que se poderia chamar de procedimentos de natureza política. É fundamental que tenhamos uma definição de esfera pública que não seja restrita apenas à política formal: o público também envolve a forma como os indivíduos se organizam e constroem a sociedade e os relacionamentos explícitos dos indivíduos no empreendimento de construção da vida social. A visão de política de Arendt é alargada e focada nas interações entre os sujeitos.

Durante sua escrita, Hannah Arendt também deixa evidente a importância que dá à memória social, à necessidade de se manter uma memória para preservar as conquistas e manutenção do aprendizado para que a nova geração receba da geração antiga um legado, para

que a história do seu mundo não comece do zero. Neste sentido, a esfera pública é fundamental para manutenção das conquistas e do patrimônio social, pois a cada geração as sociedades humanas vão ampliar o arsenal de suas conquistas e aprendizados. Se a esfera pública não existisse, cada geração teria que criar condições para sua própria sobrevivência. Dessa maneira, para ela, cuidar da esfera pública é investimento direto no bem estar social, além de um aprimoramento dos relacionamentos humanos. Tendo o conhecimento de que a Grécia é o berço da civilização ocidental, ela se refere ao pensamento grego antigo para se referir à interação humana e, como vimos, dentro dessa lógica a organização política não é somente a associação das pessoas. Ela parte da concepção de Aristóteles e mostra que não é o conjunto apenas de uma vida coletiva, mas também da administração de conflitos, multiplicidade do pensamento, o que nos difere da condição animal. A discussão sobre ser cidadão está totalmente relacionada a ser livre e pensar livremente. De acordo com Aristóteles, no interior da *pólis* o homem era portador do discurso (*lexis*) e também de ação (*praxis*).

Hannah Arendt dedicou grande atenção à relevância que o discurso tem como algo que é fundamental na esfera pública, de forma que a linguagem desempenhou um papel vital na filosofia política da autora. Além de a linguagem ser o meio imprescindível pelo qual era estabelecida a comunicação e a interação política, era também um veículo para a revelação da identidade individual. Ela argumentava que, ao falar, as pessoas revelam quem são, suas opiniões, valores e crenças. Através da linguagem, os indivíduos podiam se afirmar como seres únicos e autônomos. Além disso, o homem pode constituir-se como sujeito político desde que, além de outros requisitos - como a posse de terras -, ele exerça o poder da linguagem. Para exercer a política, é preciso fazer uso da palavra, pois a igualdade entre os cidadãos que participavam da esfera pública estava na possibilidade do discurso. Arendt diz que na *pólis*

> a ênfase passou da ação para o discurso, e para o discurso como meio de persuasão e não como a forma especificamente humana de responder [...]. Ser político, viver em uma pólis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não força e violência. Para os gregos, forçar pessoas mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da pólis, característicos do lar e da vida em família, em que o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos [...]. (Arendt, 2005, p. 32)

A potencialidade política de um homem estava, então, totalmente vinculada ao seu aparecimento na esfera pública e à sua possibilidade de falar para os outros. Esta citação também traz a noção da palavra e da conversa como algo civilizado e da violência como algo que não podia fazer parte da cena política, pois era algo pré-político. A violência era uma maneira de lidar com o outro que poderia ser exercido no ambiente do lar e da família, mas não

no ambiente público.

A racionalidade do discurso se opõe à violência, uma vez que esta encerra a possibilidade de diálogo e é visto pelos gregos antigos como o oposto da civilização. O que caracteriza a *pólis* e a própria constituição da condição humana dada naquele interior é o fato do discurso ser a via formal de persuasão e administração das diferentes possibilidades de ser quem eram. A autora (2007, p. 35) elucida que "O ser político, o viver numa *pólis*, significava que tudo era definido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência. Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas [...]". Isto é, através da linguagem, as pessoas podiam participar da esfera pública, revelar sua singularidade e se envolver em processos políticos democráticos sem que fosse necessário o uso da violência, pois os assuntos eram discutidos e deliberados de maneira pacífica.

b) Reflexões que a autora faz do modelo grego para aplicar ao mundo moderno pós guerra

Arendt reflete, após eventos totalitários, de que formas no nosso tempo houve uma ruptura irreparável com a tradição no mundo moderno. Uma vez que não podemos mais nos valer da tradição, hoje em dia somos obrigados a pensar onde devemos nos apoiar para o enfrentamento de problemas sem uma orientação. Telles (1990), ao tratar da noção de espaço público no pensamento de Hannah Arendt, nos diz que os homens ficaram sem critérios seguros para sua própria compreensão de mundo e para realizar com discernimento um julgamento dos acontecimentos. Uma vez que esses critérios perdem seu ponto de apoio fundamental, passam a depender da imprevisibilidade da convivência humana, além de os homens perderem a capacidade de construírem, por meio dessa convivência, referências que sirvam intersubjetivamente para construir um senso comum.

Esta perda do senso comum e dos sentidos compartilhados na modernidade se constitui como uma crise que faz com que a sociedade moderna se torne cada vez mais atomizada e com que as pessoas se isolem umas das outras. Isso enfraquece a capacidade de se envolverem em ações políticas eficazes, pois a política requer a formação de comunidades e a participação ativa. Há, a partir disso, uma tendência da modernidade de despolitizar a vida pública. Arendt argumentava que a política estava sendo reduzida a uma administração técnica de assuntos públicos, em vez de ser um espaço de deliberação, ação e debate. Essa despolitização, segundo ela, minava a vitalidade da democracia.

Além disso, Arendt faz uma crítica a respeito da confusão de papéis entre público e privado que acontece na modernidade, dizendo que junto a isso se soma uma espécie de uniformidade de pensamento. Ela considera que há uma diminuição do discurso e um aumento da violência, que acontecia apenas na esfera privada. Para ela, a esfera pública passou a ser um tipo de desdobramento da esfera privada e já não há uma divisão marcada de ambas. O espaço público da política tornou-se uma extensão da esfera privada doméstica uma vez que na modernidade grande parte das discussões do espaço público são sobre sobrevivência, economia, discussões sobre mercado, agronegócio, segurança pública, assuntos que são necessidades, questões de como obter sustento. A autora nomeia essa nova esfera surgida na modernidade como o social, uma esfera de convivência pessoal baseada na satisfação das necessidades com pouco contato interpessoal e pouca relação dialógica, uma mera busca da satisfação e da manutenção econômica. Um exemplo disso é a economia, que na Grécia era resolvida no espaço doméstico e na modernidade passa a ser um assunto social, se tornando inclusive uma ciência.

Alguém muito envolvido e comprometido com o sustento não tem condições de se envolver com o espaço público. Uma pessoa com fome, por exemplo, não pode lutar por ideias de liberdade, isso não se constitui como uma prioridade. Para Arendt, uma questão fundamental na ação humana é que o espaço da política é voltado para aqueles que superaram suas necessidades. A liberdade está completamente vinculada à cidade e não tem nenhum sentido se compreendida individualmente, logo, o que caracteriza o humano é sua liberdade por meio da possibilidade de ser um cidadão. O ideal é que o tempo livre seja a serviço da *pólis*, fazendo com que a comunidade funcione no seu máximo de virtude e para isso, o homem não pode ter suas preocupações vinculadas às necessidades básicas.

As consequências dessa vida que tem como foco a subsistência são por exemplo o cansaço, conformismo, indiferença e perda de credibilidade na política. O tempo que deveria ser de discussão sobre o bem comum é agora ocupado pela discussão das sobrevivências. Isso é característica, inclusive, de um mundo neoliberal, que vem com pressões de produção, alcance de meta no mercado de trabalho e de desempenho, alta competitividade, uma cultura de trabalho onde os escravos modernos não são pessoas, são meios para que as empresas alcancem o fim, que é o lucro. Essa nova sociedade também se configura por ser altamente consumista, e a autora (2007, p. 146) aponta que as horas livres dos homens "jamais são gastas em outra coisa senão em consumir; e, quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são seus apetites". No prólogo da obra "A condição humana" a autora diz que

> Até mesmo presidentes, reis e primeiros-ministros concebem seus cargos como tarefas necessárias à vida da sociedade e, entre os intelectuais, somente alguns indivíduos isolados consideram ainda o que fazem em termos de trabalho, e não como

> meio de ganhar o próprio sustento. O que se nos depara, portanto, é a possibilidade de trabalhadores sem trabalho, isto é, sem a única atividade que lhes resta. Certamente nada poderia ser pior. (Arendt, 2007, p. 13)

Nesta fala, Arendt iluminou a situação que vivemos hoje, pois o homem se inclui no mundo uma vez que se coloca como instrumento, mas que pode ser descartado, caso não tenha um corpo docilizado de acordo com a economia neoliberal.

c) Críticas que outros autores fazem à Arendt sobre a ausência de problematização acerca da exclusão das mulheres e escravos

Ao refletir sobre as consequências de uma vida que não é mais sustentada pela resolução de problemas por meio da política e da pluralidade de opiniões, Arendt não problematiza a exclusão de mulheres e escravos, mesmo que explique, partindo de Aristóteles, uma dimensão de como se dava essa separação. Aristóteles conceitua duas palavras diferentes para vida: *Zoé e Bios*. A primeira se refere à vida biológica, à vida entre homens e animais e a segunda diz respeito à vida qualificada e política onde o homem não precisa lutar mais pela sobrevivência e dessa forma pode participar da vida política, ao contrário das mulheres. Arendt (2007, p. 33) pontua que "O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera, além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*." Todo homem pertencia, então, a duas esferas. Importante destacar que a analogia com a ágora grega é feita por Arendt para sustentar o seu argumento de defesa da discussão racional e igualdade de participação. Sendo ela mesma uma mulher, não levou em conta que a metáfora recai na exclusão de escravos, artesãos e mulheres da esfera pública, sendo que as últimas tinham a obrigação de permanecer no ambiente doméstico se dedicando aos cuidados do lar e dos filhos. Essas tarefas faziam com que as mulheres ficassem restritas ao espaço privado, que se constituía como o reino da necessidade. Neste espaço cada família se preocupava com sua manutenção, e quase não existia interação entre as famílias, além de que imperava a desigualdade por meio do despotismo. De acordo com Arendt (2007 p. 82-83), "Mulheres e escravos pertenciam à mesma categoria e eram mantidos fora das vidas alheias - não somente porque eram propriedade de outrem - mas porque sua vida era laboriosa, dedicada às funções corporais". O déspota, pai e chefe da família, era quem mandava no ambiente doméstico, ao contrário do que ocorria na *pólis*, onde todos eram iguais e a multiplicidade de pensamento era valorizada. Dentro da família havia uma uniformização do pensamento, mesmo que fosse pela via da imposição. A força da persuasão se dava pela própria estrutura hierárquica, sem a presença de diálogo, e ao contrário do que ocorria nos ambientes públicos, a igualdade não era um pressuposto.

A autora (2007, p. 34) diz que "A distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública corresponde à existência das esferas da família e da política como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-estado [...]" Na sociedade grega só era considerado um cidadão quem estava apto a participar da *pólis*, pois era, entre outros fatores, por meio da sociabilidade que o homem se constituía como um sujeito político. As mulheres não eram consideradas cidadãs e também não eram consideradas livres, uma vez que no espaço do lar a liberdade não existia, pois as mulheres não tinham o poder de deixar a casa e participar da esfera política, onde todos eram considerados iguais. Arendt diz que a diferença entre a *pólis* e a família estava no fato de que os homens podiam "[...] somente conhecer iguais, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar." (2007, p. 41). No entanto, ao mesmo tempo em que eram considerados iguais, o domínio público era perpassado por um espírito acirrado de competição. Cada homem frequentemente tentava se diferenciar de todos os outros e tentava demonstrar por meio de feitos e façanhas que era melhor do que os demais. Neste sentido, o espaço público dava a oportunidade de os homens exercerem a sua singularidade, mas sem nunca se esquecerem de que estavam ali objetivando o bem comum. Assim, os homens pertenciam a duas ordens de existência, pertenciam à vida privada e à vida pública, enquanto as mulheres ficavam restritas apenas ao espaço doméstico. Arendt pontua que

> O fato de que a manutenção individual fosse a tarefa do homem e a sobrevivência da espécie fosse a tarefa da mulher era tido como óbvio, e ambas as funções naturais, o labor do homem no suprimento de alimentos e o labor da mulher no parto, eram sujeitos à mesma premência da vida. Portanto, a comunidade natural do lar decorria da necessidade. Era a necessidade que reinava sobre todas as atividades exercidas no lar. (Arendt, 2007, p. 40)

O homem saía, então, da sombra do lar e de seus problemas e ia ao encontro da luz da esfera pública, esfera da liberdade. Portador de uma inclinação natural à vida política, era também um homem dotado de fala (logos), e, por meio da fala, podia declarar o que é justo e injusto, distinguir o bem do mal, etc. A fronteira entre o privado e o político era tão definida que o homem que por algum motivo não fosse admitido para participar do domínio público, não era visto como inteiramente humano, mas sim como um exemplar da espécie animal humana. Sem possuir uma casa, não podia participar das discussões sobre os assuntos do mundo, uma vez que não tinha neste um lugar para chamar de seu. A autora (p. 71) diz que "Originalmente, a propriedade significava nada mais nada menos que o indivíduo possuía seu lugar em determinada parte do mundo e, portanto, pertencia ao corpo político, isto é, chefiavam

uma das famílias que, no conjunto, chefiava a esfera pública.” Na modernidade, a vida privada não está vinculada com privação, com ser privado de algo, mas sim com intimidade. Entretanto, apesar da nova configuração da dinâmica entre o privado e o público, a vida privada ainda se constitui como um problema quando se destina apenas esta esfera à mulher, a impossibilitando de participar das decisões da vida pública.

Apesar de o espaço público na Grécia antiga não ter sido acessível para as mulheres, isso não as impedia de compor poesias, como fazem as mulheres no *slam*. Como exemplo, podemos citar Safo e Ânite. A primeira, mais conhecida, era natural de Lesbos e viveu no século VI a. C. Apelidada por Platão de “décima Musa”, escreveu uma grande quantidade de poemas líricos, mas devido ao seu alto teor de erotismo, suas poesias foram censuradas, o que resultou na perda de grande parte de seus textos, de forma que atualmente só existem fragmentos. Ânite de Tégea viveu no século III a. C., e produzia alguns epigramas na Antologia Grega. Dentro das suas temáticas destacam-se as descrições da natureza, a relação entre o homem e o mundo animal e a descrição do cotidiano das mulheres, suas perdas e conquistas.

2.2 A ocupação da mulher no espaço público na modernidade

e eu que era, Adília
a mulher-a-dias?
sabia arrumar
e tirar o pó
entrar e sair
sem fazer ruido
olhar as patroas
professoras a trazer trabalho para casa e trabalhar sentadas
e eu que achava, Adília
que o melhor da vida era trabalhar sentada?[9]

Uma das principais críticas sofridas por Hannah Arendt vem dos estudos feministas, que consideram que problemas privados também são políticos. Por exemplo, desde crianças nos é ensinado a definir as coisas de uma maneira dicotômica e junto a essa maneira de pensar se associam estereótipos de comportamentos, jeitos de se vestir, de se falar, e assim por diante. Isso gera enormes desigualdades de condições de participação e apesar dos avanços no que diz respeito ao direito das mulheres, muitas atividades ainda são consideradas como pertencentes exclusivamente a esse grupo, como o trabalho doméstico e a atenção e o zelo com os outros integrantes da família. A divisão sexual do trabalho destina, desde a antiguidade, a esfera

[9] De autoria da poeta Norma, intitulada “Quando chegamos nunca é aqui”.

pública para os homens e a esfera privada para as mulheres.

Ao refletir a respeito dessa demarcação que causa consequências negativas em vários âmbitos na vida das mulheres e também na democracia contemporânea, Biroli (2018) pontua que as responsabilidades da esfera privada ainda atuam como filtros que dificultam o acesso delas à esfera pública e consequentemente faz com que suas necessidades sejam negligenciadas na agenda pública. O entendimento do que é o feminino ainda está fortemente relacionado à noção de domesticidade, o que se configura como uma série de restrições e desvantagens que traçam uma trajetória que exige todo o tempo e esforço dessas mulheres, impedindo assim seu

acesso a outros espaços que não sejam o do lar.

O trabalho doméstico, envolvendo também a criação dos filhos, além de não ser remunerado, faz com que as mulheres fiquem sempre tão sobrecarregadas com o zelo e o cuidado com o próximo, que se torna praticamente impossível que se engajem politicamente em questões de seu interesse. A distinção entre o trabalho remunerado no espaço público exercido pelo homem e o trabalho doméstico exercido pela mulher se torna uma questão central, uma vez que os efeitos dessa exploração constroem sentidos sobre o que as mulheres estão aptas a fazer, o que certamente não inclui estar, por exemplo, em altos cargos de liderança no ambiente do trabalho. Mesmo que venha acontecendo um aumento gradual de mulheres que ocupam posições de poder em trabalhos remunerados fora de casa, uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o Instituto FSB divulgada no mês de março de 2023, mostra que as mulheres ocupam apenas 29% dos cargos de liderança nas indústrias do Brasil, enquanto homens representam 71%. Além disso, só 14% das empresas têm áreas específicas dedicadas à promoção de igualdade de gênero no local de trabalho.[10] Além disso, é necessário considerarmos também as intersecções de raça e classe.

Um levantamento divulgado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) mostra que a retomada das atividades após a pandemia e a queda do desemprego não foram capazes de diminuir as diferenças entre trabalhadores brancos e negros e que mulheres negras são as mais prejudicadas. Da mesma forma, o rendimento médio real mensal é o menor entre as mulheres negras e o maior entre os homens brancos. No segundo trimestre de 2022, enquanto uma mulher branca recebeu cerca de 74, 81% do valor do salário de um homem branco, para as mulheres negras o cenário foi ainda pior, com o equivalente a

[10] Disponível em: https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/08/mulheres-ocupam-apenas-29percent-dos-cargos-de-lideranca-na-industria-brasileira-diz-pesquisa.ghtml

46,25%.[11] Isto significa que, mesmo que algumas mulheres consigam se inserir no mercado de trabalho, poucas ocupam cargos de liderança e muitas, principalmente mulheres negras, recebem um salário abaixo da média quando comparadas com homens e mulheres brancas. Existe, sem dúvida, um tipo de exploração que se efetiva partindo dos homens em relação às mulheres, mas isso se dá de maneiras diferentes para mulheres brancas e negras, mais ou menos abastadas financeiramente, e também depende do contexto cultural em que estão inseridas. Portanto, a divisão sexual do trabalho está na interface entre diversas outras opressões e não ocorre de forma isolada, apontando a importância de considerarmos as situações em uma perspectiva interseccional.

Biroli (2018) aponta que a sub-inclusão da divisão sexual do trabalho na agenda política, seja ela institucional, ativista ou que ocupe qualquer dimensão na esfera pública, pode ser atribuída a dois fatores. O primeiro deriva das desigualdades entre homens e mulheres. Os homens, que são a grande maioria na política institucional, não entendem essa divisão como um problema prioritário, uma vez que eles próprios se beneficiam de tal arranjo. Suas configurações familiares os situam em uma posição de quem exerce pouco ou nenhum trabalho doméstico, o que os deixa livres para assumirem a posição de patrões e fazerem de outros assuntos suas preocupações. Essa responsabilização desigual na vida cotidiana das mulheres não os afeta, de maneira que a construção de creches públicas, por exemplo, não é importante visto que a pessoa responsável pelo cuidado com as crianças é a mulher. A agenda política é constituída de interesses que não priorizam uma vida menos sobrecarregada para as mulheres, que permanecem sem acesso igualitário aos espaços de decisão coletiva.
O segundo fator surge a partir das assimetrias entre as próprias mulheres. Para algumas,
a divisão sexual do trabalho não se constitui como um problema tão relevante porque sua condição financeira as permite contratar mulheres pobres que assumam as tarefas de casa e também podem pagar o serviço de uma creche particular, onde trabalham outras mulheres pobres que se responsabilizam pelo cuidado integral de seus filhos. Dessa forma, mesmo que no ambiente doméstico, em comparação com seus maridos, as mulheres dediquem mais tempo à casa e aos cuidados com as crianças, isso não as impede de se dedicar mais às suas carreiras, pois tem condições de pagar pelos serviços de outras mulheres. Isso quer dizer que, quanto mais uma mulher está envolvida com o trabalho doméstico, menos tempo tem para ocupar espaços e exercer influência no sistema político, consequentemente, não participando da

[11] Disponível em: https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/11/19/com-maior-taxa-de-desemprego-e-menor-rendimento-mulheres-negras-sao-as-mais-prejudicadas-no-mercado-de-trabalho.ghtml

formulação de leis e de outros instrumentos que possam diminuir essas desigualdades.

Ao postular como o neoliberalismo favoreceu algumas mulheres no mercado, Fraser (2023) ao refletir sobre a crise do cuidado gerada pelo capitalismo, explica que há uma desigualdade entre grupos de mulheres que tem a possibilidade de se inserirem no mercado de trabalho, enquanto outras permanecem no âmbito da esfera privada ou trabalham para receber salários muito baixos. Nas palavras de Fraser, "O resultado é uma nova e dualizada organização de reprodução social, mercantilizada para quem pode pagar por ela e privada para quem não pode, pois alguns da segunda categoria prestam assistência em troca de salários (baixos) para os que estão na primeira." Dessa maneira, a crise envolve não só a exploração não remunerada das mulheres no ato de cuidar, a falta de reconhecimento desse trabalho, mas também uma desigualdade entre as próprias mulheres. Fraser propõe uma solução que envolve uma redistribuição equitativa do trabalho de cuidado, tanto em termos de gênero quanto de classe social, e um reconhecimento adequado e respeito pelo trabalho de cuidado, destacando sua importância na sociedade.

No entanto, não se pode considerar a divisão sexual do trabalho como o único motivo que impede o acesso das mulheres aos espaços públicos de discussão e de decisão política. Biroli elenca outros 4 motivos que também atuam como empecilhos:

1. Julgamentos e pressões sociais: Ocorre porque o envolvimento com o trabalho fora de casa não atende às expectativas que as pessoas geralmente têm sobre onde uma mulher deve estar e de que maneira deve ocupar o seu tempo.
2. Restrições em relação ao tempo: As tarefas domésticas e o cuidado com os filhos demandam muito tempo de mulheres que não podem pagar pelos serviços de outras mulheres, impedindo assim que algumas não consigam se engajar politicamente.
3. Acesso à renda: Este motivo está associado ao motivo anterior, uma vez que mulheres que dedicam mais tempo no ambiente domiciliar, têm menos tempo para se dedicarem à qualificação e consequentemente alçar melhores oportunidades de emprego e renda no mercado de trabalho.
4. Redes de contato: Mulheres que não precisam dedicar tanto tempo ao ambiente doméstico e conseguem trilhar uma carreira tem maiores possibilidades de construir uma rede de contato que possa ampliar sua participação em movimentos sociais e em outros espaços onde consigam exercer influência política.

Podemos notar então que o impedimento da mulher nos espaços políticos se dá em uma dimensão ideológica, que diz respeito à naturalização do sexo feminino dedicado ao ambiente doméstico e também em uma dimensão material, como a falta de renda. Esses aspectos comprometem a autonomia individual e coletiva de todas as mulheres, mesmo que em níveis diferentes, considerando as diversas opressões que uma mesma mulher pode sofrer. Ao mesmo tempo, é necessário buscar alternativas que não reforcem ainda mais o papel convencional da mulher na esfera doméstica; as políticas de transferência de renda por si só não são suficientes para que haja um rompimento desse papel social, uma vez que, isoladamente, não se configura como um suporte necessário para a independência das mulheres.

A respeito da noção de "cuidado", Biroli reconhece se tratar de algo que faz parte do cotidiano das pessoas e é algo de que todos nós, em algum momento, necessitamos, como na infância ou na velhice, de maneira que não é possível acabar com essa dependência completamente. Também fazem parte da dimensão do cuidado os laços de afetividade e de relações interpessoais, que se referem a condições igualitárias de cuidado estabelecidas em contraponto ao neoliberalismo, o que nos remete novamente ao conceito de interdependência de Butler. No entanto, a problemática que a autora faz a esta noção se volta para o acesso desigual a cuidados e a posição de quem cuida, pois se consideradas as desigualdades de gênero, raça e classe, se tornam problemas para a construção de um país democrático. Isto é, o objetivo é pensar uma "ética do cuidado" que compreenda os efeitos negativos das configurações sociais para as pessoas que são responsáveis por cuidar de outras.
A autora aponta que, a partir de uma análise das formas históricas de exclusão e marginalização das mulheres nas sociedades ocidentais, as teorias feministas estabeleceram duas perspectivas fundamentais para se pensar o limite da democracia. A primeira perspectiva, conforme já apontado, seria a crítica à dualidade entre a esfera pública e a esfera privada e a segunda seria a crítica à autonomização das pessoas que se constitui como uma visão individualista que justifica desigualdades. A primeira crítica está fortemente vinculada à primeira, visto que quando essa dualidade não é problematizada, as trajetórias das pessoas são vistas por um viés de mérito individual. O entendimento do que é o cuidado nesse caso precisa ser de que, quem cuida, está exercendo um tipo de trabalho, levando em consideração que

> 1) cuidar exige tempo e energia, retirados do exercício de outros tipos de trabalho, assim como do descanso e do lazer; 2) a grade de valorização (simbólica e material) das ocupações é determinante na precarização do trabalho de quem cuida e na vulnerabilidade de quem precisa de cuidado; e 3) os padrões de organização e (des)regulação das relações de trabalho incidem diretamente sobre as relações de cuidado, podendo favorecer ou dificultar a tarefa de cuidarmos uns/umas dos/as outros/as. (Biroli, 2018, p. 48)

A alocação de responsabilidades que a autora propõe não está dirigida somente aos casais ou à vida privada, mas é para ser vista como um problema político que envolve responsabilidade estatal, coletiva, responsabilidade das famílias e privatização. Isto é, encontrar uma maneira para que as formas inevitáveis de dependência não causem prejuízo para quem se responsabiliza por elas. A autonomização das pessoas está vinculada à falta de reconhecimento dos aspectos estruturais que encaminham as mulheres para determinadas posições, compreendendo o trabalho que realizam em casa como uma escolha completamente individual. São ignoradas as responsabilidades que o estado tem, quando, por exemplo, uma mulher não trabalha fora porque não tem à sua disposição uma creche onde possa deixar o seu filho, já que existe uma correlação entre mulheres presentes no mercado de trabalho e frequência de filhos pequenos em creches. Para compreender a posição desigual das mulheres na esfera pública e privada, é necessário o entendimento de que o caminho que percorrem não se trata apenas de uma escolha autônoma, mas muitas vezes, a única opção que tiveram, o que faz com que o cuidado, desempenhado gratuitamente, as façam ficar vulneráveis e em desvantagem nas diversas dimensões da vida.

O fato de uma mulher ter impedimentos para acessar o mercado de trabalho devido ao cuidado com a casa e com os filhos pode gerar outras consequências além da não participação na esfera pública. Por ser dependente financeiramente do marido, a decisão de sair de um casamento insatisfatório é difícil, pois ela teria que não só conseguir um emprego que garantisse o seu sustento e o de seus filhos, mas também ter com quem deixá-los quando estivesse fora. Isso ajuda a compreender porque algumas mulheres não se divorciam ou voltam para os maridos mesmo após sofrerem agressões físicas e/ou verbais. Além disso, existem também as expectativas já mencionadas a respeito de qual deve ser o papel de uma mulher e de uma mãe, fazendo com que os valores associados à maternidade também se tornem um empecilho para a ascensão econômica da mulher.

Essa desvantagem econômica, quando compreendida por um viés neoliberal, responsabiliza as pessoas por suas escolhas, uma vez que são sujeitos autônomos que têm liberdade para optarem pela melhor alternativa. Essa forma de perceber as coisas está bastante vinculada com a ideia de meritocracia, associação direta entre poder e esforço pessoal, o que é completamente equivocado em um país com profundas desigualdades sociais como o Brasil. Biroli (2018) diz que “Em modelos teóricos nos quais as esferas pública e privada são autonomizadas, as relações na vida doméstica cotidiana e a influência desmedida dos agentes econômicos [...] podem não ser computadas na compreensão do *modo como os indivíduos se tornaram quem são*.” O entendimento de que indivíduos com alto poder aquisitivo chegaram

naquela posição unicamente por serem muito esforçados e dedicados ignora as estruturas sociais desiguais em que a população está inserida e também desconsidera todas as pessoas que são exploradas para que esse poder seja mantido. É a partir dessa visão que a pobreza é justificada, uma vez que há uma associação errônea entre condições precárias e falta de esforço individual.

Além da dimensão da divisão sexual do trabalho e das questões a respeito do cuidado, é importante ressaltar também a crítica que a teoria feminista faz à dicotomia público x privado no sentido que esta oculta importantes aspectos políticos da violência doméstica. Esse tipo de violência muitas vezes permanece sem a devida atenção devido a normas culturais que minimizam ou toleram o abuso em relações íntimas. É possível que isso perpetue um ciclo de violência, já que as vítimas podem sentir que não têm apoio para denunciar o abuso. Okin (2008), ao fazer uma análise das configurações históricas da dicotomia pública e privado a partir de uma perspectiva de gênero, afirma que a proteção total ao indivíduo, à sua pessoa e propriedade ainda não é oferecida de forma suficiente para as mulheres, fazendo com que muitas vezes suas próprias casas se tornem o mais perigoso dos lugares.
É muito evidente que existe uma dinâmica de poder subjacente à violência doméstica.
Os abusos ocorrem em contextos de desigualdade de gênero que são constantemente reafirmadas pelo patriarcado, onde os agressores usam sua posição que julgam ser superior para controlar e subjugar as vítimas. Existe uma perceptível falta de recursos e apoio disponíveis para as vítimas de violência doméstica. Isso inclui serviços de abrigo, aconselhamento e apoio jurídico. Muitos sistemas legais e políticos nem sempre protegem adequadamente as mulheres. Isso pode incluir falhas na aplicação da lei, leis que não são abrangentes o suficiente ou punições inadequadas para agressores. A falta de acesso a recursos e empecilhos como os que foram mencionados torna mais difícil para as vítimas deixarem relacionamentos abusivos.

2.3 Performatividade e esfera pública

A segunda crítica central ao pensamento de Hannah Arendt diz respeito à ênfase da definição de espaço público na palavra e no discurso. Nesse sentido, nos filiamos ao pensamento de Judith Butler. A autora inicialmente pensa em uma teoria da performatividade associada aos problemas de gênero e posteriormente aplica o conceito à questão das alianças entre várias outras minorias ou populações consideradas não passíveis de luto, descartáveis. Ela amplia então o conceito de performatividade para pensar a experiência de relação que constitui o gênero e os sujeitos políticos. Para ela, da mesma forma que existem normas de

gênero que determinam o que é aceitável ou não, e que são expectativas criadas por outras pessoas sobre nós, as normas do que é considerado humano também são formadas por modos de poder que buscam prestigiar determinados grupos em detrimentos de outros.

Performatividade de gênero

Em seu primeiro livro publicado no Brasil em 2003, *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade,* Butler argumenta que o conceito de gênero é melhor entendido como performativo, o que presume a existência de uma plateia social (2018 p. 3). Uma vez que o ser humano é social por natureza, a maioria das ações é presenciada, reproduzida e internalizada e, assim, assume uma qualidade performativa reforçada por práticas sociais históricas. O corpo torna-se seu gênero através de uma série de atos que são renovados e cristalizados ao longo do tempo. O gênero é então essencialmente uma repetição performativa de atos que podem ser associados ao homem ou à mulher. A performatividade de gênero se constrói dentro de "discursos reguladores", que podemos entender também como normas sociais existentes, entendidas aqui como um campo normativo e um conjunto de pensamento, ação e discurso.

Butler discute como a genealogia da categoria “mulher” pode se tornar a ontologia de um ser. A autora pensa a Teoria da ação cujo efeito é a produção de sujeitos reflexivos, isto é, o sujeito é produzido na ação, trazendo a ideia de que é na interação que o sujeito se produz, então a autora diz de um sujeito moderno que se pensa enquanto indivíduo e tem consciência de si. Uma das questões centrais é pensar a subjetividade como materialidade, o que significa que a subjetividade só acontece de forma material e corporal. Em diálogo com Austin e recuperando uma filosofia da linguagem, Butler acredita que o significado é materializado no diálogo e no corpo, então, enquanto a leitura estruturalista defende a ideia de que um sujeito reflexivo é visto como alguém que tem uma subjetividade interior que precisa ser acionada, Butler pensa que essa interioridade está no plano da prática. Ou seja, não há uma substância do ser que está fora da prática. Nas palavras de Sarah Salih (2012), “O gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia: neste caso, um homem “masculino” ou uma mulher “feminina”. As identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem.”

Butler preocupa-se em pensar como o próprio conceito de gênero produz uma identidade que passa a ser reconhecida como algo ontológico, ou seja, anterior à discussão social. A leitura passa a ser sobre a construção do corpo: O corpo passa a ter uma importância fundamental pois passa a ser a materialidade - que se produz o tempo todo socialmente - do

sujeito reflexivo. A matéria é um processo que está constantemente em curso, investindo-se de poder. De acordo com Foucault, o poder

> opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (Foucault, 2014, p. 133).

Foucault diz então de uma microfísica do poder, que perpassa todo o tecido social. Ele não desconsidera a importância do Estado, mas propõe que as relações de poder ultrapassam o nível estatal; o poder é encontrado nas relações e nos fluxos de interações, sem estar fixo a nenhuma instituição ou grupo. Butler propõe um distanciamento da ideia de gênero como identidade com o intuito de desmistificar a ideia de que a identidade de gênero é algo ontológico, pois a definição da categoria mulher levaria a um engessamento identitário (Firmino; Porchat, 2017). Ao fazer uma recuperação do que significaram as três ondas do feminismo, a autora explica que durante a 3ª onda ocorreu o surgimento do conceito de gênero que foi usado pela primeira vez para pensar sexo.

Em 1963 o psicanalista Robert Stoller usa o conceito de gênero para pensar a diferença entre homens e mulheres e usa a identidade de gênero para tentar resolver a diferenciação de algo que é biológico e algo que é culturalmente estabelecido. O sexo se tornou então uma categoria para pensar feminino e masculino, que estariam no plano da natureza, e gênero ou identidade de gênero seria para pensar a construção de homem e mulher. As ciências biológicas abarcariam então a dimensão sexual e as ciências humanas cuidariam da dimensão cultural que estaria atrelada à categoria de identidade de gênero. Ainda em um período de efervescência da categoria gênero, por volta dos anos 1990, Butler questiona a dimensão dicotômica que abrange essas discussões e propõe que gênero é algo que ultrapassa o binarismo. Ao fazer uma genealogia do modo como as teorias feministas pensam a categoria mulher, ela leva em consideração todo um grupo de pessoas que estão à margem porque não se encaixam nessas definições, mas que precisam lutar para se construir enquanto sujeitos. Também é equivocado compreender, segundo Butler, o gênero como algo que se define apenas por ser construído socialmente. Nas palavras da autora (p. 25), “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] (p. 25)” e “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza [...]” o que significa dizer que o gênero não é determinado pela cultura, assim como o sexo não é algo natural, determinado pela biologia.

A autora pensa o gênero como imitação e traz a questão da paródia; como vimos anteriormente, todo o gênero emerge na ação de fazer, de imitar, de ensaiar. É como se o gênero

fosse uma espécie de imitação persistente que gera uma ideia equivocada de algo que seria natural e verdadeiro. O gênero vai se fazendo nesse processo, o que quer dizer que ele não é anterior a esse processo. Ao se filiar aos pensamentos de Foucault, Butler trabalha objetos de pesquisa de maneira genealógica, o que envolve uma recusa da ideia de origem como ponto de partida para o que querem investigar (Firmino e Porchat, 2017). Para além dessa recusa, há também uma recusa ao conceito da verdade como algo absoluto, então a verdade é sempre algo produzido contextualmente. Há um poder em jogo que produz identidades e produz verdades. Desta maneira, não haveria uma essência sobre uma mulher e a verdade sobre ela seria algo produzido por uma rede de poderes. O que há são os efeitos de verdades transmitidos de geração em geração, de modo enraizado e que encaramos como únicos. As repetições podem abrir brechas para rupturas e questionamentos relacionados às categorias homem e mulher, produzindo novas subjetividades relacionadas ao gênero. É justamente a performatividade como uma característica da linguagem que se abre para o novo que possibilita essas rupturas.

Firmino e Porchat (2017) também destacam que a autora faz uma crítica à metafísica da substância, recusando a ideia de que o sujeito não preexiste a nossas ações. Ou seja, não há um sujeito "homem" que justifique os seus atos masculinos e não há um sujeito "mulher" que justifique os seus comportamentos "femininos". Ela propõe que o sujeito se constitui na ação, de maneira que isso não é uma essência ou uma verdade interior. Dessa forma, não existe uma coerência e consequencialidade entre natureza, gênero e desejo. O poder e os mecanismos que criam essa falsa coerência é o mesmo que define como problemáticas e anormais as pessoas que escapam ao que é esperado.

Performatividade e política de assembleia

A multidão exerce também uma espécie de performatividade, pois, da mesma maneira que aprendemos a nos constituirmos como indivíduos e sujeitos de gênero, produzindo performatividades masculinas, femininas ou outras, também o fazemos como ação política à medida que vamos produzindo uma performatividade da nossa atuação política.

Ao abordar a performatividade em sua obra *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia* (2018), Butler tece uma crítica em relação à Arendt porque em *A Condição Humana*, a autora presume que o corpo não entra no ato de fala. Para Butler, a revolução assume uma dimensão corporificada, de forma que a política não está apenas ligada ao discurso, mas também ao corpo presente no espaço público. Pode ser que a reivindicação seja performada e verbalizada, quando Butler diz que "A reivindicação política

é ao mesmo tempo representada e feita, exemplificada e comunicada. [...] a performatividade funciona como uma relação cruzada entre corpo e linguagem" (2018, p. 93), mas também pode ser que ações políticas sejam apenas corpóreas: "Na verdade, temos que repensar o ato de fala para entender o que é feito e o que é realizado por determinado tipos de representações corporais: os corpos reunidos "dizem" não somos descartáveis, mesmo quando permanecem em silêncio." (2018, p. 17). Para Butler, o apelo por justiça pode se dar de maneira silenciosa e mesmo assim se constituir como uma expressão plural e corpórea que deve ser compreendida como ato de resistência. Preocupada com uma teoria do discurso que reflete sobre a relação entre linguagem e ação, a performatividade para a autora busca estabelecer a associação entre "uma teoria linguística do ato discursivo com os gestos corporais" (Butler, 2007, p. 31), uma ideia que tem como pressuposto o discurso como um ato que possui desdobramentos linguísticos e práticos. "É um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos" (Butler, 2018). A materialidade é, então, uma formação discursiva.

Butler evidencia que não necessariamente todas as assembleias e manifestações são intrinsecamente boas, pois não é possível dizer isso, por exemplo, de soldados militares armados que estão nas ruas muitas vezes para dispersar violentamente outras manifestações que estão ocorrendo pacificamente. Essas assembleias assumem valores diferentes e isso depende do motivo pelo qual estão reunidos. Além disso, também é possível pensar que a exposição dos corpos pode acontecer em outros locais, como quando aconteceram as ocupações escolares durante as mobilizações estudantis no Brasil nos anos de 2015 e 2016 (Altherman, 2020). Outro exemplo são as greves de fome que ocorrem nas prisões, onde corpos confinados também encontram meios para exercer formas de resistência. Algumas vezes a luta política acontece por meio de uma exposição deliberada do corpo a uma possível violência e isso não precisa necessariamente acontecer nas ruas.

Apesar de pensarmos nas assembleias como algo que necessita de uma condição material que torne possível esse exercício, é importante pensar nas ruas e praças não só como um suporte mas também como parte da ação política. De acordo com Butler (p. 88), "O pavimento e a rua, portanto, devem ser entendidos como exigências do corpo enquanto exerce seus direitos de mobilidade. Eles se tornam parte da ação em vez de apenas seu suporte". A força da multidão nesses espaços é tão grande que altera o sentido de um equipamento, como os viadutos por exemplo, feitos para serem ocupados por carros, mas que às vezes são ocupados por corpos durante manifestações políticas. O equipamento que foi feito para um objetivo passa, a partir da cena política, a ser usado como um suporte e como parte da manifestação.

Todos os espaços que possuem um uso cotidiano para um objetivo específico, no momento da manifestação são apropriados e se tornam equipamentos dos corpos em multidão, de forma que os corpos transformam aquele espaço em um espaço de aparição. Além de ruas e praças, ocupar lugares que são centros de poder político e econômico é importante porque são espaços sempre reservados para determinados corpos. Trazer o coletivo de corpos vulneráveis em momentos de contravenção é fundamental para que a mídia e as tecnologias de visibilidade olhem para as necessidades dessas pessoas. Essa ideia de aparição dos corpos já estava presente em Arendt quando pensou e recuperou a historicidade da *pólis* grega enquanto um fórum público onde se pensa que toda ação política constitui um espaço de aparecimento. Toda ação pode se tornar política dependendo da possibilidade de transformação de espaços de aparição.

Importante ressaltar que a cena da aparição e a experiência de multidão é produzida pelo engajamento e relação de familiaridade com alguma causa, não necessariamente por alguma identidade. Nenhum movimento identitário político vive sozinho, de forma que ele precisa se aliar a outras condições precárias e é por meio da produção de alianças que grupos precários de fato passam a produzir o espaço do aparecimento. Desta maneira, não importa o que um grupo minoritário defenda como pauta, todo grupo está sob risco de suspensão dos direitos políticos, então a dinâmica fundamental de uma aliança política é compreender que mesmo que as pautas sejam diferentes, todos estão sob o risco de serem de alguma maneira prejudicados pelo Estado.

Para Butler, o modo como determinado movimento se pensa hoje é diferente de como se via a alguns anos atrás, pois o tempo todo está sendo afetado por suas alianças e por outras demandas que afetam suas próprias demandas. Na história do movimento feminista existe uma série de questões que não eram consideradas antes e que passam a ser consideradas agora, como os marcadores sociais de raça e classe. Podemos pensar, por exemplo, que enquanto a primeira onda do feminismo buscava formas de emancipação que abarcavam somente mulheres brancas de classe média, o feminismo interseccional atualmente pensa em emancipar mulheres que sofrem outros tipos de opressão e isso acontece por meio da aliança formada com outros movimentos, como o movimento negro e o indígena.

É importante elucidar neste trabalho o que diferencia performatividade e performance, visto que a pesquisa é realizada a partir de performances de mulheres no espaço público. A primeira se trata do poder que a linguagem tem de romper com os padrões, repetições e reiterações constante de atos linguísticos e corpóreos. É por meio da performatividade que se rompe com padrões de gênero, que se cria possibilidades de aliança nas ruas que promovem visibilidade aos vulneráveis, que se criam oportunidades políticas por

meio do corpo em ação. O efeito de um conjunto atos que constroem a ilusão de algo natural tem a potência de linguisticamente, por meio do corpo em ação, romper com as normas. É justamente porque essa essência inexiste que se faz necessário que os atos sejam repetidos e consequentemente reproduzidos. Já as performances referem-se a atos conscientes, intencionais e muitas vezes teatrais ou dramatizados, como uma apresentação no palco. No sentido comum, uma performance é uma representação que uma pessoa pode escolher fazer, algo que pode começar e terminar.

Em *When gesture becomes event* (2017), Butler sugere que os gestos das performances às vezes rompem com o que quer que esteja servindo de apoio, ou que esses gestos emergem em condições de ruína e crise onde o suporte é fraturado ou desaparece, e que, talvez esses gestos possam ser considerados eventos. Nesse ensaio, a autora investiga como certos gestos, que podem parecer simples ou cotidianos, podem se transformar em eventos significativos e disruptivos que desafiam ou reconfiguram as normas sociais e políticas.

O gesto não é apenas uma ação física, mas também um ato que envolve o corpo e a linguagem, podendo potencialmente subverter as normas ao mesmo tempo que as repete. Ela discute como certos gestos podem ser rotineiros, mas quando colocados em contextos específicos ou realizados de maneiras não convencionais, podem se transformar em eventos que desafiam a ordem estabelecida. Assim, o gesto tem o potencial de transcender seu caráter de rotina e se tornar um evento com implicações políticas e sociais profundas. A autora cita Walter Benjamin que, ao fazer uma análise do teatro épico, sugere que o teatro de Brecht se baseia na "citação" e, especificamente, na citação de gestos. Isso significa que quando um ator no teatro épico de Brecht executa um gesto, não está simplesmente imitando uma ação cotidiana ou repetindo um movimento, está citando um gesto, destacando ele a tal ponto que faz com que seja refletido e questionado. O gesto, então, não é apenas uma ação corporal; é uma ação que faz referência a uma outra ação, que se refere a um contexto social maior, que interrompe a continuidade da ação e, assim, permite uma reflexão crítica sobre essa ação. Nas palavras de Butler, “O pensamento começa a ocorrer sobre as condições sociais contemporâneas, condições econômicas, quando as ações são deslocadas dos seus contextos habituais, de uma compreensão naturalizada da vida quotidiana, dos seus suportes tradicionais.” (p. 186) Dessa maneira, a interrupção da ação, cria um momento de reflexão que torna visível as condições sociais subjacentes. Assim, o gesto torna-se um evento na medida em que interrompe a continuidade da ação e abre um espaço para a crítica e a reflexão.

Sendo assim, as performances, assim como as performatividades, tendem a contribuir para a ruptura das normas e a criação de oportunidades no espaço público para que as desigualdades sejam tematizadas e questionadas, assim como no slam.

2.4 Corpos precários, vulneráveis e interdependentes

> *Tem muita gente que eu amo, assim, do fundo do meu coração. Se me ligar agora falando "vem", eu vou. E construí muitos laços, construí muitas pontes também. Essas pessoas me deram muitas pontes, tanto para trampo quanto para a vida.*[12]

FIGURA 8

Figura 8 - Poeta Bruxa em uma das edições do slam Avoa, Amor! Fonte: https://bit.ly/4drcPfY

Segundo Butler, a política da aliança depende da interdependência entre sujeitos vulneráveis que produzem uma ética da coabitação no espaço público de forma a produzir essa aliança na relação uns com os outros. Estes sujeitos não precisam necessariamente pertencer

[12] Trecho da entrevista concedida pela poeta Bruxa.

aos mesmos grupos minoritários, de forma que o importante é que corpos precários, independente de qual condição precária os atravessa, se unam para promover um espaço de aparição. Dessa maneira, traremos a) a noção de precariedade e condição precária e b) como se conectam as noções de interdependência, política da aliança e vulnerabilidade desses corpos precários.

a) Conceito de precariedade

Butler herda a discussão do conceito de precariedade de Robert Castel, sociólogo francês que utilizava "précarité" para pensar a precariedade como um conceito político se referindo à desigualdade de oportunidades, de condições sociais e de trabalho dentro do neoliberalismo. O conceito emerge então em uma política capitalista neoliberal para pensar como essa situação política faz com que algumas pessoas vivam em situação de precariedade. Butler amplia essa concepção e não pensa apenas a desigualdade de condições de trabalho, fazendo inclusive uma diferenciação entre dois termos:

- Precariedade: Condição da vida precária por essência; corpo vulnerável que pode deixar de existir biologicamente a qualquer momento; é uma condição universal que destaca a fragilidade da vida.
- Condições precárias: Situação politicamente induzida, pois faz com que alguns corpos estejam expostos a mais risco de morte do que outros. A política neoliberal não produz apenas condições desiguais de trabalho, produz condições desiguais de existências, algumas pessoas são mais protegidas por direitos civis e outras têm menos proteção. Essa desigualdade não é naturalmente concebida, mas sim consequência de uma decisão política. A nossa conjuntura política está sempre produzindo condições precárias, seja por meio do mercado, do estado ou das instituições.

Condições precárias devem então ser entendidas não em um âmbito individual, mas é algo que não dá conta só de uma pessoa, mas de grupos expostos historicamente. Esses grupos só encontram ressonância pública e espaço de enunciação de si se assumirem suas próprias condições precárias. Para que seja vista e ouvida, o primeiro passo é que a pessoa se reconheça como precária para que passe da sujeição às condições precárias ao uso dessas condições como resistência. As pessoas se agrupam a outros corpos precários para produzirem o reconhecimento público de que necessitam.

Ela se preocupa então com a maneira pela qual as condições precárias se configuram como um estímulo para a ação política, operando com um impulsionador do estabelecimento de alianças entre grupos de pessoas que muitas vezes não têm muito em comum, mas que se unem em busca de uma vida mais passível de ser vivida.

Para a autora, a precariedade está fortemente vinculada a dois elementos:

1. Concepção de relacionalidade: Se a precariedade não é pré-discursiva, emerge na relação com alguém; o sujeito sempre é produzido na ação e relação; ele só emerge enquanto sujeito no momento em que se encontra com outro e formula o suposto de alteridade. Não basta que nos entendamos enquanto sujeitos, o outro também precisa nos reconhecer como um. Neste sentido, Butler (2020, p. 72) diz que "[...] minha existência não é apenas minha e pode ser encontrada fora de mim, nesse conjunto de relações que precedem e excedem as fronteiras de quem sou".
2. Ideia de finitude: a precariedade enquanto uma justificativa da ética da violência lida com a ideia de que seres humanos são substituíveis. Extingue a ideia da importância e da singularidade de uma existência pela noção de finitude, esvaziando a individualidade do sujeito, normalizando as mortes.

Quando Feola se refere aos precários que ocupam as ruas ou outros lugares, ele diz que

> Essas figuras insurgentes podem ser os descartes proletarizados do estado neoliberal; eles podem ser imigrantes indocumentados que correm o risco de deportação para aparecer no palco público; ou podem ser ativistas da aids que ressignificam a pessoa com aids como um agente que desafia os protocolos de saúde pública, ao invés de um objeto a ser ministrado no espaço despolitizado do lar ou da clínica. (Feola, 2018, p. 205. Tradução da autora.)

Existem várias pessoas, em diferentes condições precárias, que podem insurgir e lutar para desestabilizar as normas vigentes e buscar maneiras menos sofridas de vidas; que lutam em prol de atenção e de instituições que não negligenciem esses corpos.

b) Interdependência, política da aliança e vulnerabilidade

Em um país como o Brasil, onde três mulheres são vítimas de feminicídio por dia[13], é urgente se pensar as condições precárias dos corpos femininos e como é importante que as mulheres se aliem em busca de condições de vida melhores, tanto simbólica quanto materialmente. É por isso que dizemos que os governos que gerem as populações realizam uma

[13] Fonte: https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-feminicidio

distribuição desigual das condições precárias, pautados em normas dominantes que ditam quais vidas são consideradas merecedoras de existência e devem ser protegidas e quais não são. A ideia de quem pode viver ou morrer foi sendo determinada desde a era colonial e se perpetua até os dias de hoje e se demonstra muito latente dentro da lógica neoliberal na qual estamos inseridos. As pessoas passaram a ser responsáveis por se tornarem economicamente auto suficientes em condições em que essa autossuficiência está comprometida, pois as populações são abandonadas pelos governos que não direcionam políticas públicas para grupos em situações de vulnerabilidade e aprofundam situações de desigualdade.

A política neoliberal produziu uma concepção de indivíduo que acha que pode escolher com quem conviver, neste sentido, Butler pensa uma ética da convivência considerando um sistema que está fundamento em exercícios éticos da responsabilidade apenas com quem reconhecem como iguais, como vidas dignas de valor. A vida humana compreendida como condição plural é imprescindível para que não se torne uma necropolítica, para que a ética da responsabilidade não se restrinja apenas a certos grupos de pessoas. A dimensão plural das alianças tenta combater o individualismo neoliberal, pois a interdependência, como uma rede de mãos que se apoiam e que se cuidam, busca fazer com que vidas sejam vistas como igualmente valiosas.

Butler pensa então uma teoria política da convivência em meio a conflitos, considerando os mecanismos que escolhem quem deve ou não viver. A ação política para a autora tem uma dimensão essencialmente agregadora, de forma que a política só é feita em conjunto; essa ação traz consigo uma potência de possibilidades de acontecimentos imprevisíveis, como foi o caso, por exemplo, das jornadas de junho de 2013 que teve desdobramentos inimagináveis para todos, incluindo para os precursores das manifestações que, em um primeiro momento, tinham como objetivo muito definido a diminuição no valor das passagens de ônibus.

Para Butler nós, seres humanos, não somos conscientes o tempo todo de tudo o que fazemos e traçamos contratos tácitos das nossas relações sociais. Os indivíduos não entram em determinados contratos de convivência de maneira deliberada e voluntária com o outro; para a autora, a coabitação não é uma escolha deliberada, pois existe uma necessidade de convivência humana que haja um desenvolvimento de estratégias políticas de coabitação e isso precede qualquer possibilidade de escolha. A nossa existência só se dá dentro de uma esfera de convivência porque não é possível a própria ideia de si sozinho, uma vez que o sujeito só se reconhece quando é reconhecido por alguém. De acordo com a autora (2018, p. 77), "aqueles com quem convivemos na terra nos são dados, precedendo qualquer escolha, e assim quaisquer

contratos sociais ou políticos nos quais possamos entrar por deliberação e vontade." A aliança nos permite entender que o contrato de coabitação é uma ação que se faz com alguém e traz consigo o suposto de que conviver com o outro não é uma escolha, é o exercício ético de tornar a divisão de um território possível, de pensar políticas de respeito com o outro que não é igual, mas que merece que seus direitos sejam respeitados. A ação é algo compartilhado, então ela é interativa e supõe a todo momento uma relação; uma ação política sempre acontece na condição de aparecimento de um corpo, de forma que a ação só é possível a partir da interação entre corpos.

A materialidade fundamental da aliança é o corpo, que nas ruas e manifestações é altamente vulnerável. Nesses eventos, a pessoa estabelece uma aliança com o outro para não sofrer violência policial, por exemplo. As manifestações são espaços de coabitação em que um corpo serve para amparar e cuidar de outro corpo, é o momento em que o corpo precisa confiar no outro a possibilidade da sua existência no espaço público.

Esse conjunto de ligações e alianças se opõe aos poderes que distribuem de maneira desigual as condições precárias, por isso interessa ao neoliberalismo que as pessoas se vejam individualmente responsáveis por sua independência. Butler (2018, p. 49-50) diz que "É como se, sob as condições contemporâneas, esteja sendo travada uma guerra contra a ideia de interdependência, contra o que chamei, em outros momentos, de uma rede social de mãos que busca minimizar a impossibilidade de viver uma vida vivível." Quando vários grupos minoritários se reúnem nas praças públicas e declamam suas poesias durante os *slams*, denunciando várias formas de opressões, essas pessoas compreendem que, por mais que as opressões pelas quais passam não sejam exatamente as mesmas, as condições precárias são algo que compartilham e entendem que é necessário que se unam para que juntos possam reivindicar uma vida melhor; a relação entre os precários é o que cria os vínculos entre eles e os encoraja a realizar um enfrentamento.

Essa rede de relações à qual o corpo está conectado faz com que não possamos entender a vulnerabilidade corporal sem pensar nas relações constitutivas com outros seres humanos. A vulnerabilidade dos corpos reunidos em público cria uma interdependência entre os participantes, pois, "estar vivo já é estar conectado com o que é vivo, não apenas além de mim mesmo, mas além da minha humanidade, e nenhum ser e nenhum humano pode viver sem essa conexão [...]" (2018, p. 33). Essa vulnerabilidade é, por um lado, algo negativo, mas também pode se configurar como uma fonte de força, pois demonstra a necessidade de que uns sejam solidários uns com os outros e se apoiem. Butler diz que sua hipótese é a de que

> [...] modos de reconhecer e mostrar certas formas de interdependência têm a possibilidade de transformar o próprio campo do aparecimento. Eticamente falando, tem que existir uma maneira de encontrar e forjar um conjunto de ligações e alianças, de ligar a interdependência ao princípio do igual valor, e fazer isso de uma forma que se oponha àqueles poderes que alocam a condição de reconhecimento diferencialmente, ou que interrompa sua operação tida como certa. (Butler, 2018, p. 33)

Ao reconhecer a interdependência, as pessoas podem desenvolver uma ética de responsabilidade coletiva, onde todos são responsáveis pelo bem estar uns dos outros e pela exposição e correção das desigualdades. Essa interdependência é crucial para formar solidariedades e resistências políticas contra sistemas opressivos. A vulnerabilidade não é uma condição singular, não se reduz a uma particularidade e até mesmo uma pessoa adulta com boas condições de vida não deixa de ser alguém vulnerável em alguma medida. Essa pessoa pode ser uma mulher e isso ainda a inclui em um grupo vulnerável dentro da sociedade, que faz com que ela esteja suscetível a riscos e violências. A vulnerabilidade, pode ser pensada, então, como a exposição aos riscos, em que alguns grupos são mais vulneráveis e expostos do que outros, mas também é possível pensar em uma dimensão positiva da vulnerabilidade, na exposição com relação ao outro, porque são justamente os vínculos que nós tecemos, sobretudo os vínculos morais com o outro, que permitem formar uma comunidade sensível. É importante termos em mente que ser vulnerável não é ser incapaz de agir. Quando Butler (2011) aborda o conceito de vida precária, enfatiza que os sujeitos e grupos estão de maneiras diferentes expostos à situações como agressão, rejeições e até à morte, no entanto, a vulnerabilidade não é só uma condição ontológica, mas um estado que pode ser modificado, alterando o estatuto de um sujeito/grupo. Para isso, é preciso que sejam encontradas estratégias que promovam alternativas e potenciais possibilidades de ruptura.

Vulnerabilidades sociais não são imutáveis e de acordo com Butler (2018, p. 96), “[...] embora o valor da vulnerabilidade tenha sido importante para a teoria e para a política feminista, isso não significa que a vulnerabilidade sirva como uma característica definidora das mulheres como grupo”. Vulnerabilidades são contextualmente situadas e é possível que sujeitos vulneráveis sejam afetados pelos acontecimentos sem perder a agência. Declamar suas poesias nos *slams* e ocupar as ruas e praças com seus corpos, é uma dessas estratégias que as *slammers* encontram para escapar ao controle e à opressão que negam a elas a valorização social; é uma maneira de escapar de enquadramentos e condições de aparição subalternizantes.

***

Neste capítulo vimos, primeiramente, de que maneira as reflexões de Hannah Arendt nos mostram a relevância da ação política como um elemento essencial da participação cívica e da democracia. A importância do aparecimento na esfera pública já naquela época e como atualmente fazem as mulheres poetas nos *slams*, evidencia a força do fazer político em sua dimensão agregadora. As contribuições de Flávia Biroli promovem a compreensão de que, apesar de o movimento feminista ter alçado grandes avanços, a ocupação feminina no campo político ainda é escassa, além das desigualdades que perpassam todas as outras esferas da vida, como a esfera profissional, demonstrando a importância da tentativa de reverter esses quadros de desigualdade que perpassam a experiência de todas as mulheres. Butler contribui para a pesquisa com suas críticas à forma como são naturalizadas as normas de gênero e como as pessoas são compelidas a se conformarem com essas imposições que desde a antiguidade inferiorizam as mulheres. Em seguida, mostramos como é importante pensarmos a performatividade de corpos precários nas ruas e como emerge da união desses sujeitos uma política da aliança capaz de proporcionar força política.

Capítulo 3 - Metodologia

Neste capítulo temos o objetivo de mostrar que nossa análise se ancora em um olhar interseccional – que está atento às múltiplas intersecções das opressões vividas por mulheres do slam. Conforme discutido anteriormente, o pensamento de Butler acerca de gênero traz contribuições para a compreensão do que se entende por gênero atualmente e quais são os equívocos que perpassam esse entendimento, fazendo com que o gênero "feminino" seja visto como inferior ao "masculino". Na sequência trazemos o conceito de interseccionalidade, que, mesmo dentro de toda sua abrangência, nos ajuda a compreender como se dão as formas de opressão, exploração e controle, isto é, as relações de poder dentro de uma sociedade e como se sobrepõe alguns marcadores sociais como gênero, raça, classe, etnia, idade, etc. e de que forma isso interfere nas relações entre os indivíduos. Posteriormente, discutimos como os relatos coletados se mostraram bastante relevantes para esta pesquisa, pois nos permitem discutir como práticas de liberdade levam ao entendimento das condições sociais e históricas que nos constituem como sujeitos e também à mudança dessas condições. Compreendemos que a escrita de si está vinculada à prática de uma transformação mais ampla das relações sociais; um trabalho de escrita de si que se transforma em uma demanda coletiva de justiça. Mais ao final é explicado de que forma foi feito o procedimento de coleta, do que se constitui o corpus, como se deu a definição das entrevistadas, das poesias, e como será feito o procedimento de análise.

3.1 Modos de ver

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa estão ancorados em perspectivas que levam em conta tanto os aspectos de gênero e de interseccionalidade das opressões quanto dos potenciais políticos dos relatos de si. Nosso olhar analítico se inspirou nesses dois conjuntos de esquemas teóricos para desenvolver a coleta dos dados, a sistematização e a análise.

- **Olhar interseccional**

Assim como discutido no capítulo anterior, a performatividade de gênero leva em conta a ideia de que é na interação e na linguagem que o sujeito se produz, seja na sua performatividade de gênero ou na política da aliança. Consideramos que não só as palavras, mas também o corpo tem importância fundamental na análise, pois ambos passam a ser a

materialidade - que se produz o tempo todo socialmente - do sujeito reflexivo. Estamos atentas às dinâmicas opressivas advindas dessas relações de gênero, mas também de outras fontes de opressão, como classe e raça, adotando uma atitude e uma vigilância epistemológica interseccional.

A interseccionalidade foi um termo cunhado primeiramente nos Estados Unidos por ativistas negras que perceberam a inseparabilidade estrutural das opressões, e a partir disso afirmaram que se cada grupo militante fica restrito à opressão que o aflige, isso não é suficiente para cobrir a diversidade de atravessamentos opressores que podem perpassar as pessoas. No Brasil, o termo foi abordado por Carla Akotirene que é militante, pesquisadora e escritora do feminismo negro no Brasil além de ter, entre outras obras, um livro intitulado *Interseccionalidade*, que faz parte da Coleção Feminismos Plurais. Para a autora (2019), a interseccionalidade tem como intuito fornecer instrumentalidade teórico-metodológica à indissociabilidade entre opressões fazendo com que o sofrimento de mulheres negras ocorra repetidas vezes devido ao cruzamento e à sobreposição de gênero, raça e classe.

Para Collins, que também pesquisa e tem obras a respeito do tema, a interseccionalidade tem relação com os sistemas de poder, no entanto, comumente as pessoas pensam o conceito de interseccionalidade a partir de identidades. Apesar dos dilemas de definição do que é a interseccionalidade, apresentamos aqui a definição que Collins e Bilge (2020) utilizam no começo da obra *Interseccionalidade*:

> A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins; Bilge, 2020, p. 16)

Esse é um conceito amplo que abrange várias possibilidades de pensar a interseccionalidade e nos ajuda a entender que os sistemas de poder se moldam mutuamente e não agem de forma separada. O conceito é aberto justamente por fornecer oportunidades de construções dialógicas. Essa abertura, quando mal interpretada, retira o potencial crítico da teoria e pode causar um esvaziamento do termo, assim como acontece com o conceito de "empoderamento", como vimos anteriormente.

Collins e Bilge (2020) afirmam que interseccionalidade, além de ser uma forma de perceber as diferenças e como essas diferenças afetam o cotidiano, é uma práxis cotidiana, isto

é, um aprofundamento teórico comprometido com uma prática. Desta maneira, é um termo que não pode existir unicamente para pontuar opressões no âmbito acadêmico, até porque, foi um conceito criado dentro dos movimentos sociais e posteriormente levado para o círculo acadêmico. É uma ferramenta teórica aplicável em muitos espaços e verificável nas relações cotidianas, se configurando como uma série de ideias e práticas que auxiliam pessoas afetadas pelos grupos de dominação.

Neste sentido, a interseccionalidade tenta demonstrar como as formas de exploração sobre o indivíduo não se dão apenas por exploração econômica, mas sim por outras variantes. O marxismo clássico, por exemplo, compreende a ideia de que a estrutura econômica é a mais importante para a explicação das desigualdades, entendendo outras opressões como raça, gênero, deficiência e etnias como condições secundárias. A interseccionalidade avança para outras instâncias e não hierarquiza as categorias, de forma que todos os aspectos da realidade social são levados em consideração para entendermos as situações dos sujeitos. (p. 35).

As autoras ressaltam que no contexto brasileiro as relações sociais estão permeadas pelo racismo enquanto sistema de dominação e mesmo que os sistemas de poder se manifestem de forma interligada, a matriz de dominação que organiza os sistemas de poder no Brasil tem o racismo como estruturador. Elas exemplificam o caso do Brasil (p. 39), que na época da ditadura, alegou ser um país que não tinha “raça”, realizando o apagamento dessa categoria política, tornando inviável uma linguagem que poderia descrever o racismo que atingia a parcela da população negra brasileira. Necessário perceber que não se trata de pensar na interseccionalidade apenas como uma soma de opressões justamente pela complexidade dos sistemas de dominação e experiências pessoais; é necessário pensar os domínios de poder de forma articulada. Também é preciso levar em consideração como outros grupos subordinados além das mulheres negras foram importantes para a construção da interseccionalidade, entendendo que foram as coalizões entre esses grupos que possibilitaram um aprofundamento e ampliação da teoria.

As formas como o sistema de dominação atingem alguns grupos exigem deles a capacidade de diálogo, que foi o que fez surgir essa ferramenta de luta conhecida como interseccionalidade. O que esses grupos subalternizados fizeram foi uma forma de produzir análises com o objetivo de compreender as interações no interior das dinâmicas de poder. Apesar de a violência cometida ser a mesma pelo estado, os tipos de violência são distintos e por isso se faz necessária a interseccionalidade para saber que as mobilizações dos grupos também serão distintas de acordo com cada subalternidade. Além disto, a interseccionalidade também pode ser pensada enquanto método e enquanto metodologia; é a produção de uma

análise que não reduz uma categoria nela mesma, de forma que há um cruzamento de categorias de análise, o que faz daquele método um método interseccional, como é o nosso caso.

- **Relatos de si**

Nosso olhar analítico também se ancora na potência dos relatos de si. Foucault, na fase final de sua produção intelectual, discutiu a escrita de si nos últimos cursos ministrados no *Collège de France*. Ao tematizar a cultura do cuidado de si e problematizar o sujeito, o autor explica a respeito de um conjunto de práticas realizadas na Antiguidade que permitia aos sujeitos se moldarem de forma ética e estética. A partir desses estudos sobre as técnicas de si, que eram feitos em paralelo aos estudos sobre governamentalidade, Foucault percebe o sujeito como alguém que não é produto das técnicas de dominação, mas também não é um sujeito autônomo que independe de sua historicidade. É importante termos em mente que esse tipo de prática não rompe totalmente com o poder exercido sobre os corpos, uma vez que não se pode escapar totalmente das tecnologias de dominação, portanto, a sujeição à norma permanece, mas ao mesmo tempo em que existem as técnicas de controle e de sujeição, existem também as técnicas de si que se opõe às de controle.

Marques e Martino (2022) pontuam que algumas filósofas feministas recuperam contribuições de Foucault acerca das técnicas de si e propõe uma aproximação entre formas enunciativas em processos políticos e a expressão de sofrimento moral. Essas estudiosas defendem a ideia de que sujeitos vulneráveis não são incapazes de refletir sobre suas próprias vidas e elaborar maneiras de escapar, até certo limite, do controle dos corpos, e podem sim traçar caminhos alternativos que proporcionam novos modos de expressão subjetiva, política e social. Foucault (1994) afirma que as técnicas de si

> permitem que os indivíduos façam, através de seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus corpos e almas, pensamentos, condutas e modos de ser, com o objetivo de transformarem a si mesmos para alcançar felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (Foucault, 1994a, p. 786).

A escrita de si trata-se da percepção de que existem caminhos outros que podem ser trilhados, diferentes daqueles já aparentemente destinados para nós, de forma que é possível tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da própria subjetividade possibilitada pela escrita de si. Declamar suas poesias ou falar sobre a inserção no *slam* são meios que as mulheres entrevistadas podem encontrar para essa reinvenção.

De acordo com Marilda Ionta, “Na antiguidade, o cuidado de si e a prática da escrita são práticas de liberdade na criação de uma relação autônoma de si para consigo, e o objeto do

cuidado é o estabelecimento da harmonia entre corpo e alma.” (p. 151). A escrita, no entanto, pode funcionar tanto como prática de liberdade, como prática de sujeição. Esta segunda possibilidade vai ocorrer quando a escrita possuir um caráter confessional. Muitas biografias reforçam estereótipos de gênero, portanto, não necessariamente essas escritas são exercícios de liberdade. Se feita da primeira forma, a autobiografia se configura como um processo de subjetivação; a pessoa se examina criticamente como alguém que chegou a ser o que é em relação aos discursos normalizadores em busca da afirmação de novos modos de expressão subjetiva, política e social.

Quando Foucault publicou, em 1983, o texto “Escrita de si”, apresentou os dois principais tipos de escrita na Antiguidade que tinham como objetivo unir sujeito e verdade, que eram os *hypomnemata* e as correspondências. Os *hypomnemata* se constituíam de cadernos de anotações, de reflexões pessoais, ou qualquer outra maneira de preservar lembranças e memórias por escrito. Era, então, uma memória material de coisas que eram lidas, ouvidas ou pensadas. As correspondências eram cartas enviadas de uma pessoa para outra e que auxiliavam tanto a pessoa que escrevia a carta, quanto a que recebia, a refletirem a respeito dos acontecimentos que ocorriam em suas vidas.

A correspondência foi o ponto de partida para que Foucault desenvolvesse seus estudos sobre os relatos de si. Ionta (2017) nos diz que

> [...] a escrita de si estava inserida num quadro de investimentos em práticas de liberdade, práticas intersubjetivas e relacionais com o mundo exterior, que visavam à autoelaboração constante. O sujeito estava voltado para seu exterior, onde a verdade era recolhida e meditada e não revelada por Deus ou pela ciência. Assim, entre os antigos, a escrita de si visava fortalecer a relação consigo e formar, a partir de múltiplas vozes, um corpo de princípios, uma heurística, uma unidade que amparava o indivíduo e orientava suas ações cotidianas. (Ionta, 2017, p. 151)

A escrita foi um elemento que ajudou os homens a guiarem suas vidas para que eles não fizessem coisas erradas ou consideradas estúpidas e tivessem uma vida bela e sábia. Para além do interesse sobre a escrita de si, Foucault também se dedica ao cuidado de dizer a verdade, do exercício da liberdade por meio de uma fala franca, desnudada. A liberdade, neste sentido, não é apenas ganhar reconhecimento, mas sim poder se reinventar constantemente. O indivíduo assume a coragem de ouvir verdades, para se transformar lentamente, para configurar um estilo e um modo de vida através de uma existência em constante movimento. Ele considera que as construções subjetivas são processos em que ao mesmo tempo ocorre subjetivação e dessubjetivação, que perpassa os indivíduos durante a elaboração de si mesmo. Nas palavras do autor, é a “Coragem do dizer-a-verdade quando se trata de descobrir a alma. Coragem do

dizer-a-verdade também quando se trata de dar à vida forma e estilo." (Foucault, 2011, p. 140). Importante dizer que Foucault não faz uma correlação entre escrever e conhecimento institucional, não significa adquirir erudição, mas sim modelar os saberes que amparam a experiência para enfrentar as dificuldades.

De acordo com Margaret A. McLaren em seu livro intitulado "Foucault, Feminismo e Subjetividade" (2016, p. 194), os registros de si foram um importante primeiro passo na "subjetivação do discurso" porque sua função primordial era a de moldar o eu; a identidade do escritor é constituída através de sua escolha de quais dizeres e eventos ele considera significante. Além de consolidar a identidade do escritor através de sua escolha de palavras e citações, a prática da escrita de si também serve como um tipo de auto avaliação e reflexão.

Segundo Margareth Rago em "A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade" (2013), o feminismo proporcionou novos sentidos às ações das mulheres e à sua participação na vida social, política, econômica e cultural e gradualmente está desfazendo as fronteiras entre a vida privada e a vida pública, que, como vimos no início do artigo, é um dos grandes problemas que fazem com que as mulheres não participem das decisões da vida pública. O feminismo criou ferramentas de enfrentamento às imposições de conduta e proporcionaram novos modos de existência libertários para as mulheres. Rago argumenta que a linguagem e o discurso são fundamentais, pois é por meio deles que as representações sociais são construídas, disseminadas e apreendidas e que o real-social é construído discursivamente. A linguagem e o discurso podem ser usados como instrumento de dominação, mas também podem ser ferramentas que abrem outras possibilidades de existência e resistência para as mulheres.

É possível pensar em como as poesias declamadas e performadas nos *slams*, são uma recusa em conduzir as existências de acordo com normas prescritas e que são impostas para controlar as escolhas. São práticas culturais e históricas, experiências de cada uma se somando ao conjunto de saberes pré-existentes que são atualizados de maneira a resistir às práticas de sujeição. Margareth Rago (2015, p. 106) diz que essa exposição de vivências se coloca como atitude crítica aos valores morais e às verdades estabelecidas, apontando tanto para um trabalho sobre si quanto para a luta em defesa da dignidade e da justiça social, luta em busca de um mundo menos precário para grupos subalternizados.

3.2 Procedimentos de coleta: entrevista e observação

Para operacionalizar a pesquisa levando em conta um olhar interseccional e a potência dos relatos de si, adotamos os procedimentos abaixo descritos.

a) Etapa exploratória: Dentro desta etapa, estão as partes de mapeamento dos *slams* e a observação exploratória: O mapeamento dos *slams* consistiu em um levantamento de todos os *slams* ativos em Belo Horizonte na época do mapeamento: *Slam* das Manas, *Slam* Clube da Luta, *Slam* Avoa, Amor!, *Slam* Luzes da Margem Norte, *Slam* Sarau e Feira, *Slam* Afrolíricas e *Slam* Trincheira. A observação exploratória foi importante para a definição de quais e quantas poetas seriam entrevistadas; para a aquisição da confiança dessas poetas; para perceber quais temas geralmente são abordados nas declamações das poesias; para compreender o funcionamento e as regras da competição. Esta observação foi feita do dia 28 de julho de 2022 ao dia 26 de maio de 2023.

b) Etapa de recrutamento e entrevista: A forma como foi feito o convite de entrevistas para as poetas também foi muito importante, uma vez que primeiro foi necessário a aquisição da confiança delas, a explicação sobre a gravação em áudio dos relatos durante as entrevistas e que estes relatos farão parte de uma dissertação que será um trabalho público, ao qual qualquer pessoa pode ter acesso, que elas deveriam assinar um termo de consentimento livre e esclarecido e um termo para autorização de gravação de voz (anexo I e II), que a entrevista é voluntária, etc, isto é, mostrar que existe toda uma preocupação ética envolvendo a pesquisa e o contato com elas.

c) Etapa de registro de poesias: Após ter sido aprovada no Comitê de Ética (anexo III), a pesquisa seguiu com o registro de algumas poesias declamadas durante os *slams*. O intuito foi registrar principalmente poesias que abordam questões de desigualdade de gênero e condições precárias.

3.3 Definição do corpus

3.3.1 *Slams* observados

Para definir os *slams* que seriam observados na nossa pesquisa, primeiro fizemos um levantamento de todos os *slams* de Belo Horizonte que contassem com participação feminina. Em seguida, buscamos identificar quais deles possuíam atividades em espaços públicos, já que

nosso propósito é observar a dinâmica da performance nesse meio. O *slam* das Manas foi escolhido por se tratar de um *slam* onde apenas mulheres podem competir e o e o Avoa, amor! foi escolhido por acontecer, na maioria das vezes, em lugares de fácil acesso para a pesquisadora.

Slam Avoa, amor![14]

O *slam* Avoa, amor! é organizado pela Coletiva Avoante e traz um novo tipo de *slam* em Minas Gerais. Mesmo mantendo as regras básicas de um *slam*, ele vem com uma proposta diferente, que é a declamação de poesias com o tema "amor". Esse amor proposto pela Coletiva não se trata apenas de relações românticas, mas se refere a todo tipo de amor, portanto, o(a) poeta não será interrompido(a) durante sua declamação se a poesia estiver fora desse escopo, mas recitar algo direcionado para outro tema acarreta em penalidade na pontuação. O Avoa, amor! foi criado em novembro de 2017 por Joy Gonçalves e Bruna Daniele e sua primeira edição foi em frente ao Palácio das Artes. Atualmente fazem parte também Leandro Zerê e Thamara Selva, completando um time de quatro pessoas na organização da Coletiva. É um *slam* itinerante, isto é, não possui um local fixo para a realização dos eventos, mas geralmente acontece também no baixo centro de Belo Horizonte, com algumas edições já ocorridas por exemplo no Centro de Referência da Juventude (CRJ) e no Two Black Beer, ambos lugares próximos ao viaduto Santa Tereza. O evento é divulgado por meio do Facebook e do Instagram.

FIGURA 9

[14] Página no Instagram: https://www.instagram.com/coletivoavoante/

Figura 9 – Logo do *slam* Avoa, amor! Fonte: Ciolete, Theresa. Guia de *Slams* de BH e RMBH. - Theresa Ciolete; Luiz Henrique Oliveira
Belo Horizonte: LED-CEFET-MG, 2021.

FIGURA 10

Figura 10 - Imagem de uma das edições do Avoa, amor! realizada próxima à Estação Central, no baixo centro de Belo Horizonte. Fonte: bit.ly/4caYaEs

***Slam* das Manas**[15]

O *Slam* das Manas foi criado em 2016 pela Coletiva Manas, composta por Bruna Stephane, Camila Carvalho, Camila Félix, Silvia e Vênus Sunev, e é o único *slam* onde apenas poetas mulheres podem batalhar em Belo Horizonte. É permitido que os homens assumam outras funções nos eventos, como serem parte da plateia ou serem jurados. Não há restrição de temas, mas, assim como no Avoa, Amor! questões relacionadas a gênero, raça e classe são sempre mencionadas durante as declamações. Outro ponto em comum é que também se trata de um *slam* itinerante, contando até o momento com edições em vários lugares, como no Centro de Referência da Juventude, calçada do bar Two Black, localizado ao lado do viaduto Santa

[15] Página no Instagram: https://www.instagram.com/coletivamanas/

Tereza, no espaço cedido pelo BDMG Cultural, calçada do boteco São Jorge, localizado no bairro Floresta, entre outros. O evento também é divulgado pelo Facebook e pelo Instagram.

FIGURA 11

Figura 11 – Logo do *slam* das Manas. Fonte: Ciolete, Theresa. Guia de *Slams* de BH e RMBH. - Theresa Ciolete; Luiz Henrique Oliveira
Belo Horizonte: LED-CEFET-MG, 2021.

3.3.2 Definição das entrevistadas

A escolha das entrevistadas obedeceu aos seguintes critérios: serem participantes de um ou dos dois *slams* observados, serem maiores de idade e residirem em Belo Horizonte. Também consideramos um critério de escolha das poetas a abertura e o acolhimento vindos por parte de cada uma que a pesquisadora sentiu durante os encontros nos *slams*. Foram realizadas ao todo sete entrevistas (roteiro disponível no anexo IV) com duração entre 20 minutos e 38 segundos (entrevista de menor duração) e uma hora e dois minutos (entrevista de maior duração). Esse número foi definido ao longo da coleta obedecendo o critério de saturação das respostas, na medida em que elas se repetem (Sanglard *et al*, 2022). Todas as entrevistas foram concluídas e aconteceram presencialmente entre os meses de junho e setembro de 2023. Os lugares variaram, de forma que algumas entrevistas aconteceram na casa das poetas, uma aconteceu no CRJ, outras no local de trabalho de algumas delas. Os relatos foram gravados com o auxílio de um gravador de voz e foram transcritos pela pesquisadora.

As poetas entrevistadas são descritas abaixo de acordo com o que elas mencionam:

- Norma: Poeta, escritora, contadora de histórias e bibliotecária na Escola Municipal George Ricardo Salum.
- Bruna Stephane: Poeta marginal, artista visual, professora e pesquisadora. Atualmente é doutoranda em Estudos Literários na UFMG. É uma das organizadoras *slam* das Manas.
- Thamara: Poeta, escritora, produtora e articuladora cultural na cidade. A entrevistada também se apresentou como DJ, arte educadora e professora.
- Regiane abelha: Poeta, produtora, professora e multiartista. É organizadora do *slam* sarau e feira.
- Bruxa: A poeta se apresentou como escritora e mãe da Luara, atualmente com 2 anos e meio.
- Vênus: A poeta se apresentou como escritora, cartomante e artista visual. Disse já ter se arriscado um pouquinho na música também.
- Kátia: Além de se apresentar como poeta e intérprete, Kátia também se apresenta como mãe de 3 filhos.

3.3.3 Definição das poesias a serem analisadas

O critério de escolha para definição das poesias analisadas foi, primeiro, que essas poesias fossem de autoria própria das poetas. Em segundo lugar, levamos em conta a tematização das questões de gênero, que são recorrentes durante as declamações. Em terceiro lugar, priorizamos aquelas declamadas nos *slams* assistidos pela pesquisadora. Mesmo que algumas poesias tenham sido gravadas durante os *slams*, aconteceu de não ser possível ouvir de forma compreensível toda a poesia, de maneira que foi necessário buscar nas páginas e redes sociais das poetas no Instagram a íntegra das poesias, para que não houvesse o risco de uma transcrição da poesia com erros. Realizamos a análise de 8 poesias. Basicamente, as poesias escolhidas foram as que estiverem disponíveis nas páginas do Instagram, e que geralmente são as poesias mais famosas das poetas. São elas:

Bruxa - “Marginal”, que nos conta a respeito da transformação pessoal por meio da arte;
Bruxa - “Amém”, que diz sobre a cultura do estupro e do desrespeito à mulher;
Regiane Abelha - “Resgate-se”, que aborda o sistema neoliberal e discursos meritocráticos;
Vênus - “Eu sinto nojo”, que fala do descaso do governo para com a população pobre;
Thamara - “Casulo”, que aborda questões de gênero e classe;
Bruna - “Mulher oceano”, que aborda o pensamento empoderado de mulheres;

Kátia - “Esperando no portão”, que diz a respeito de abuso infantil;
Norma - “Unhas”, que fala sobre o silenciamento da mulher causado pelo patriarcado.

3.4 Procedimentos de análise: análise de conteúdo

A técnica da análise de conteúdo do corpus foi feita à luz de Laurence Bardin (2011). No entanto, a análise feita extravasa essa análise de conteúdo, por conter informações mais ricas do que a análise de conteúdo pura e simples se propõe a fazer. De acordo com Bardin, a análise de conteúdo é

> Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (Bardin, 2011, p. 15).2

Embora seja possível, para esta pesquisa não foi feito o cálculo de frequência quantitativamente. De forma geral, a análise de conteúdo contém 4 etapas: organização, codificação, categorização e inferência do material. Inicialmente foi feita a organização do material coletado para que fosse feito uma avaliação das temáticas úteis para a pesquisa. A “leitura flutuante”, que faz parte desta primeira etapa, é um primeiro contato com o material que foi analisado, tanto as poesias quanto as entrevistas, e que suscita no pesquisador primeiras impressões e expectativas, também coletadas durante a realização das entrevistas e das demais coletas. O corpus foi selecionado com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A exaustividade quer dizer que não pode haver a omissão de nenhuma parte do corpus, de forma que todos os seus elementos sejam considerados. A representatividade diz respeito à capacidade que a unidade de registro tem de representar aquele tema, aquele universo. A homogeneidade diz da coerência interna que deve haver dentro de cada grupo de temas. A pertinência se refere à adequação do material ao objeto e objetivos do estudo. Não foi feita uma etapa de codificação, mas de definição de eixos analíticos mais amplos.

A unidade de registro se refere à parte do texto usada para registrar os dados; desta forma, as unidades de registro da pesquisa em questão, foram as poesias e as entrevistas, vinculadas a eixos de análise. O objetivo não é trabalhar com códigos fixos e sim eixos mais amplos, como são estes grupos temáticos. Esta escolha foi feita, pois, os temas são afirmações

sobre determinados assuntos que envolvem, de acordo com Franco (2008, p.43), “não apenas componentes racionais, mas também ideológicos, afetivos e emocionais”.

A unidade de contexto de acordo com Bardin (2011) contribui para a compreensão de sentidos a fim de analisar as unidades de registro que, agrupando-as, lhes atribui um sentido engajado, ou seja, corresponde ao segmento da mensagem que, pela dimensão superior, propicia entender o significado de registro. Na etapa da categorização, organizamos o material em eixos analíticos, isto é, realizamos a classificação dos elementos constitutivos de um conjunto em função de características comuns que detêm. Então, se trata do agrupamento dos elementos devido ao fato de terem traços compartilhados. A categorização pode ser feita a partir de vários critérios; em um texto escrito, por exemplo, os critérios podem ser sintáticos, semânticos, léxicos ou expressivos.

Por fim, foi feita a inferência do material, que é a interpretação dos resultados obtidos. Para Bardin (2011) “O ato de inferir significa a realização de uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”. A inferência é, então, a chegada a algumas deduções a partir de articulações sistematizadas de mensagens, feita por uma leitura mais profunda, indo além de uma leitura aparente.

Foram definidos dois grandes eixos analíticos de temas recorrentes. No primeiro, observamos que com frequência as mulheres poetas mencionavam as motivações políticas que as levam a ocuparem os espaços públicos, tais como a) as desigualdades de gênero e b) outros tipos de condições precárias interseccionalmente. No segundo, observamos que era frequente a menção a diferentes instrumentos de luta contra as desigualdades e contra diferentes formas de opressão, tais como a) a arte, b) a amizade e c) a ocupação do espaço público.

Durante as entrevistas, a criação de vínculos foi um tema que apareceu em uma quantidade considerável de respostas, inesperadamente, o que se mostrou como uma boa surpresa durante a pesquisa, de forma que não poderíamos deixar de abordar a dimensão da amizade durante as análises.

Capítulo 4 - Análise

Para responder a pergunta “Como a participação das mulheres nos *slams* articula a performatividade à política nos espaços públicos de Belo Horizonte?” fizemos uma leitura geral das transcrições das entrevistas e das poesias. A partir de todo material reunido - entrevistas e poesias - observamos dois grandes eixos analíticos de temas recorrentes. No primeiro, observamos que com frequência as mulheres poetas mencionavam as motivações políticas que as levam a ocuparem os espaços públicos, tais como a) as desigualdades de gênero e b) outros tipos de condições precárias. No segundo, observamos que era frequente a menção a diferentes instrumentos de luta contra as desigualdades e contra diferentes formas de opressão, tais como a) a arte, b) a amizade e c) a ocupação do espaço público.

A forma como organizamos a exposição dos resultados dessa pesquisa alia a combinação do conteúdo das poesias com as falas extraídas das entrevistas. Buscamos começar sempre com uma poesia e em seguida dialogar com outras poesias e com as entrevistas de diferentes poetas sobre a temática, com exceção do tema sobre a ocupação do espaço público. Ao articular as poesias com os relatos de si, buscamos evidenciar a própria articulação entre performatividade e política, questão central da nossa pesquisa.

4.1 Motivações

Ao identificar que boa parte do nosso material tratava das motivações que levavam essas mulheres a declamar suas poesias nas ruas, buscamos delimitar o que, de fato, eram essas motivações. Entendemos como motivações os fatores que impulsionam as mulheres a buscar uma vida mais igualitária e respeitada. O fato de serem constantemente desrespeitadas e violentadas se tornam encorajamentos e incentivos para que lutem por um tratamento justo dentro da sociedade.

4.1.1 Gênero

Amém

Bruxa Poeta

Estupro. CULPOSO.
Não houve intenção...
Não houve intenção de olhar pela dor de mais uma mulher rompida pelo falo da vida.
Pra cada estuprador livre,

Mulheres do mundo inteiro têm suas vidas desprezadas,
Onde a cama vira cova,
O sono não vem, as chaves que já estão nas mãos a 500 metros do portão agora são pegas dentro do busão!
E eu, que sempre tô de navalha na mão, sinto que nem todos os santos do mundo me trazem proteção.
Porque há sempre um homem atrás de mim, um homem ao meu lado, e um homem à minha frente.
E eu não tenho como saber qual deles me alcança primeiro, e antes de ter certeza se ele vem com soco ou carinho, o desespero já me puniu o bastante.
Porque promotores esqueceram a constituição na estante e se já não era justo antes,
Estupradores agora têm ainda mais certeza de que tudo podem por serem homens.
Nascer mulher é ter que carregar a vida e a morte no ventre!
E ainda ter que descobrir que nessa imundície de mundo, os juízes são cegos e surdos,
Porque o assobio pelas ruas não foi intencional,
A mão que nos apalpa nos ônibus lotados não são intencionais,
Os colos de homens velhos com suas mãos violadoras e suas genitais maldosas que inúmeras meninas têm como seu maior medo não são intencionais.
O grito e o tapa do marido dentro de casa não foram intencionais.
"Pai, perdoe-os, porque não sabem o que fazem"
Mas Deus não perdoa porque eles não sabem o que estão fazendo, e sim porque ser mulher nesse mundo cão é ter atestado de óbito antecipado,
E eu me pergunto pra quem eu devo rezar, se Deus também é homem, e pastores e padres com bíblias em suas mãos ensinam que sermos submissas e benevolentes enquanto nos enfiam facas e nos culpam pelo que fizeram com a gente é o caminho pra salvação.
Mas se nunca estamos salvas, eu não posso pedir misericórdia a Deus, eu não posso pedir socorro ao homem mais próximo, porque no segundo que antecipa nossa morte, pedimos por intervenção divina e Deus já está ocupado porque as preces dos homens chegam primeiro lá em cima.
Se eu não rasgo meu violador na faca, ele sorrindo me aniquila.
Então mulheres endureçam sim, e aprendam a matar,
Porque a vida de um agressor significa o fim das nossas.

Durante as entrevistas, a temática de gênero foi a principal abordada pelas entrevistadas. Mesmo que às vezes de maneira não direta, é possível perceber que existem denúncias a respeito da violência sofrida pelas mulheres, que podem ser de vários tipos, dentre elas as violência física, psicológica/emocional, sexual e doméstica. Bruxa denuncia um mundo em que as mulheres têm suas "vidas desprezadas" e onde "estupradores agora têm ainda mais certeza de que tudo podem por serem homens". Mostra por meio da sua poesia o quanto o mundo é violento e injusto com as mulheres e conivente com os homens. Além disso, aborda o fato de que às vezes a violência vem com um discurso de "não intencionalidade" usado pelos homens para se eximirem da culpa. A própria autora da poesia acima reconhece a importância da denúncia, conforme defendido no trecho da entrevista abaixo:

> *É... A gente faz isso porque se todo mundo resolver que não é válido falar daquilo e deixar pra lá, deixa pra lá pro resto da vida. Não tem mudança a partir do momento que a gente não aponta, a partir do momento que a gente não aborda, a partir do momento que a gente não deixa todo mundo tão revoltado quanto a gente. E é isso, mano, a quantidade de vezes que eu tive que bater em caras na rua, porque estavam passando a mão, enfiando a mão, em roupa, de meninas ao meu redor, conhecidas ou desconhecidas, porque elas estavam alteradas. A quantidade de merda que já aconteceu comigo, a quantidade de vezes que eu fui agarrada à força, aconteceu comigo recentemente dentro dessa loja, entendeu? Então, tipo assim, se eu não abordar, se eu não manifestar que essa porra ainda tá acontecendo, tem gente que acha que não tá acontecendo, porque não acontece com eles. E se a gente não contar nessa história, não tem ninguém que vai contar no nosso lugar. E eu acho que, inclusive, isso é um dos motivos da poesia ser o sopro de muita gente. É uma alternativa que a gente tem de contar a nossa história.* (Bruxa)

Ao ser entrevistada, Bruxa enfatizou a importância da denúncia, inclusive a que se faz por meio da poesia, de casos de desrespeito contra mulheres. As denúncias ajudam a aumentar a conscientização sobre esses tipos de violência e a prevenir casos futuros, ao destacar a gravidade do problema e promover ações de prevenção e intervenção. Podem também abrir portas para que a vítima receba apoio psicológico, médico, jurídico e social. A poesia a seguir, de Kátia, narra a angústia de uma criança que era abusada por um homem que se relacionava com sua mãe.

Esperando no portão

Kátia Leal

Dor, dor, existe uma dor dentro de mim que nasceu quando eu ainda era criança.
Eu não consegui superar.
Os meus pais se separaram e foi um sofrimento tão intenso para mim.
Minha mãe começou a se relacionar com outra pessoa e eu não aceitava aquela situação.

E quando aquele homem entrava em casa, eu saía correndo para o portão para tentar chamar atenção da minha mãe, esperando que ela me acolhesse, desejando que ela viesse me buscar. Hoje, mesmo sendo adulta, eu sinto percorrer por todas as minhas veias aquela dor, quebrar o meu peito, dilacerar o meu coração, mas sei que devo seguir adiante e então vou me arrastando pela vida.
Me arrastando pela vida.
Hoje, de certa forma, eu ainda estou no portão.

Existem feridas que parecem que nunca vão cicatrizar.
Hoje, mesmo sendo adulta, eu corro para o portão para chamar a atenção da minha mãe, desejando que ela venha me acolher, esperando que ela venha me buscar.
Esperando que ela venha me buscar, esperando que ela venha me buscar,
mas a minha mãe
nunca, nunca, nunca, nunca me buscou.

FIGURA 12

Figura 12 - Poeta Kátia declamando em uma das edições do *slam* das Manas. Fonte: bit.ly/4fzoMlD

Nesta poesia, Kátia aborda algo muito comum, que é o abuso que acontece contra uma criança e é realizado por uma pessoa conhecida da família. De acordo com um boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, divulgado em 18 de maio de 2023, 70,9% dos casos de violência sexual contra crianças de 0 a 9 anos de idade acontece dentro da casa onde as crianças moram. Familiares e conhecidos são responsáveis por 68% desses casos.[16] Esses abusos se apresentam como uma expressão extrema das relações de poder, uma vez que o patriarcado sustenta e legitima a violência contra as mulheres, utilizando-a como um mecanismo de controle e subordinação. Kátia, em entrevista, me contou que nunca passou por um episódio de abuso, no entanto, considera importante construir poesias que relatam esse tipo de violência para que outras mulheres possam entender que não são culpadas pelos episódios de abuso que sofrem:

> *Eu tenho um texto, não sei se você já viu, de uma menina que é abusada pelo pai a partir dos 8 anos de idade. E algumas vezes que eu recitei esse texto, algumas mulheres falaram comigo. Porque eu começo o texto falando que a culpa é minha, do personagem, da menina. E no final ela descobre que a culpa não é dela. Então algumas mulheres já vieram falar comigo que por mais que elas vissem isso na televisão, em alguma reportagem, elas não se deram conta de que a culpa não era delas. Então acho que o slam ajuda muito socialmente. Porque aquilo*

[16] Fonte: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/familiares-e-conhecidos-sao-responsaveis-por-68-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-no-brasil-diz-saude/

> *desperta que você pode pedir ajuda, que por mais difícil que seja, tem como sair daquela situação de alguma forma.*

A discussão sobre o que é político a partir do espaço público e privado, traz uma compreensão crítica da violência doméstica. Primeiramente, a violência doméstica ocorre predominantemente no espaço privado, um domínio que, por sua própria natureza, é separado da esfera pública e, por isso, muitas vezes inacessível para a sociedade em geral. Em *A condição humana*, Arendt, ao explorar os aspectos da vida privada, fala sobre como os acontecimentos da esfera do lar não tinham importância para a política, pois "o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se não existisse. O que quer que ele faça, permanece sem importância ou consequência para os outros" (p. 68). Dessa maneira, a violência sofrida pelas mulheres não era entendida como um problema social.

Como foi visto no capítulo 2, essa separação entre público e privado reflete e reforça desigualdades de gênero. Historicamente, as mulheres foram relegadas ao espaço privado, enquanto os homens dominavam o espaço público. Esta segregação perpetua situações em que as mulheres têm menos autonomia e recursos para saírem de situações abusivas. A desigualdade de gênero, fortalecida por essa separação dos espaços, cria oportunidades para a manutenção de dinâmicas abusivas e desiguais.

Esta falta de visibilidade dificultou e dificulta até hoje, mesmo que em menor escala, a intervenção pública e a aplicação de políticas de proteção e apoio às vítimas, perpetuando a violência sem ser detectada ou adequadamente abordada. O espaço privado também é um ambiente propício para o isolamento e o controle. As dinâmicas de poder no âmbito doméstico são mais difíceis de contestar, pois a presença de testemunhas e a possibilidade de intervenção externa são limitadas. Nesse contexto, o agressor exerce controle sobre a vítima de maneiras que seriam mais difíceis no espaço público, intensificando a situação de vulnerabilidade da mulher.

Neste sentido, o movimento feminista tem desempenhado um papel muito importante na redução da violência doméstica, desafiando e denunciando a separação entre os espaços público e privado. Flávia Biroli, em *O feminismo e a política* (2014) pontua que

> [...] Na teoria política produzida nas últimas décadas, a contribuição do feminismo se mostrou crucial. O debate sobre a dominação masculina nas sociedades contemporâneas - ou o "patriarcado", como preferem algumas - abriu portas para tematizar, questionar e complexificar as categoriais centrais por meio das quais era pensado o universo da política, tais como as noções de indivíduo, de espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça ou de democracia. (Biroli, 2014, p. 17)

Uma das mais significativas contribuições do feminismo foi a visibilidade e conscientização sobre a violência doméstica. O feminismo trouxe à luz a magnitude do problema, revelando que a violência não é um evento isolado, mas um problema estrutural que acontece com milhões de mulheres. Isso colaborou com a contestação do pensamento de que o que acontece dentro de casa é exclusivamente um assunto privado e que não deve existir intervenção externa.

Além de promover a visibilidade, o movimento feminista colaborou com a criação de leis específicas e políticas públicas de apoio às vítimas de violência doméstica. Esse movimento fez com que muitos países implementassem leis para proteger as vítimas, como a Lei Maria da Penha. Leis como essa não apenas reconhecem a gravidade da violência doméstica, mas também estabelecem mecanismos de proteção e suporte para as vítimas.

> *As questões de gênero, elas atravessam absolutamente tudo que eu faço, eu costumo sempre dizer isso. A minha poesia vai ter essa ótica, essa orientação feminista, sempre. E acho que são poemas muito pessoais, de experiência, de vivências muito minhas, muito... Eu acho que eu ainda tô num momento, assim, de não conseguir escrever sobre o dia belo, sobre coisas triviais. Ainda tô num momento de esgotar essa necessidade de falar de mim, das minhas vivências, dos meus traumas, mas ainda assim, falar deles de uma forma mais ampla. Não é com detalhes muito pessoais, uma forma mais ampla de um jeito que dá pra caber outras pessoas, que essa história pode ser… Outras pessoas conseguem se identificar com ela, com esse poema. Mas são... É baseado em coisas, em vivências muito minhas e na minha experiência de mulher, como mulher nesse mundo. Os meus traumas por questões de gênero.* (Bruna)

Interessante perceber neste trecho da entrevista de Bruna como ela vê a declamação das vivências como uma característica fundamental dos *slams*, chegando ao ponto de se tornar, entrelinhas, uma regra do jogo. Além disso, ela traz a dimensão do testemunho, isto é, dizer de situações testemunhadas. Marques, Pessoa e Martino (2022) afirmam que o testemunho é uma elaboração que o sujeito faz da história, mas a partir de como essa história se inscreve em sua subjetividade. Se diferencia do relato e da história por ser aceito como evidência sobre um determinado fato, o que lhe confere credibilidade dentro do campo jurídico. Segundo os autores (p. 35), "Uma estatística diz algo sobre a violência, mas é o testemunho do ato violento que permite a elaboração da vivência, a compreensão do sofrimento relacionado, a dimensão cotidiana, [...] dos fenômenos históricos traduzidos agora em sua escala micro." Nota-se então que as declamações nos *slams* trazem, além de relatos de si, testemunhos de pessoas que não

necessariamente passaram por algum tipo de violência, mas que testemunharam outra pessoa vivenciando isso e consideraram importante compartilhar o acontecido.

Do mesmo modo, Butler (2022), ao discutir os relatos de si, diz que a capacidade de narrar a própria vida está intrinsecamente ligada ao reconhecimento por parte dos outros. Ela sugere que a auto-narração é uma prática social que depende da existência de um público capaz de entender e validar a narrativa, portanto, os relatos de si são profundamente moldados pelas normas sociais e culturais em que estamos inseridos. A autora diz que “Quando o "eu" busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse "si mesmo" já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração [...]” (p.18) e que “a razão disso é que o eu não tem história própria que não seja também a história de uma relação - ou conjunto de relações - para com um conjunto de normas.” (idem). Butler também explora como as relações de poder influenciam os relatos de si. As normas sociais são reforçadas por estruturas de poder que determinam o que é considerado normal ou anormal. Assim, o que foge às normas hegemônicas muitas vezes enfrenta violência. No entanto, Butler destaca que há uma agência na forma como as pessoas narram suas vidas. Mesmo que as normas sociais sejam poderosas, os indivíduos têm a capacidade de resistir, reinterpretar e transformar essas normas através de suas práticas cotidianas e relatos de si, o que dialoga bastante com as práticas de si de Foucault. Os relatos de si são então processos dinâmicos e interativos que estão intrinsecamente ligados às normas sociais e às relações de poder. As identidades são formadas e reformadas em um campo de forças sociais, onde tanto a conformidade quanto a resistência desempenham papéis fundamentais.

Unhas

Norma

eu não era assim
tão sem armas
nasci com unhas afiadíssimas

apararam todas
ensinando a catar amor
entre as pedras de feijão
[unhas frustradas emitem guinchos insones]

Essa poesia é de Norma, primeira poeta entrevistada. A poeta nos conta que os temas mais recorrentes em suas poesias são, primeiro, a mulher, em todos os sentidos, “uma defesa desse lugar”, depois a loucura, devido ao seu transtorno bipolar, e a morte, “talvez por causa do envelhecimento”. Pode-se compreender que “guinchos insones” está associado à falta de voz que a mulher tem na sociedade, constantemente incompreendida propositalmente. Esta poesia dialoga com a discussão de Flávia Biroli, apresentada no capítulo 2, onde a autora analisa como as estruturas patriarcais estão enraizadas nas instituições sociais e políticas, perpetuando a exclusão das mulheres e outros grupos marginalizados.

Em um âmbito mais privado das relações, Biroli argumenta que as desigualdades de gênero dentro da estrutura familiar tradicional perpetuam as injustiças, que geram várias consequências, dentre elas, a violência doméstica. Ela defende a necessidade de reestruturar as relações familiares para promover a igualdade, incentivando uma divisão mais igualitária das responsabilidades domésticas e do cuidado com a casa e com os filhos. No que se refere ao âmbito da esfera pública, uma das principais preocupações de Biroli é a sub-representação das mulheres nos espaços de poder e decisão política. Ela discute como isso reflete e reforça a desigualdade de gênero, limitando a capacidade das mulheres de influenciar políticas e decisões que afetam suas vidas. A autora aponta a divisão sexual do trabalho como uma das causas centrais da desigualdade de gênero. Ela observa que as mulheres continuam a ser majoritariamente responsáveis pelo trabalho doméstico, o que limita as oportunidades de participação na esfera pública e no mercado de trabalho.
Importante pontuar que Biroli, assim como as autoras do feminismo negro, como Patricia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw e Carla Akotirene adotam uma abordagem interseccional em suas pesquisas, reconhecendo que as desigualdades de gênero são perpassadas por outras formas de opressão, como raça, classe e orientação sexual. Ela argumenta que é crucial considerar essas intersecções para entender plenamente as experiências de discriminação. Isso dialoga com a entrevista de norma, que aponta para a questão do gênero em conjunto com a questão do envelhecimento e do sofrimento mental, apontando que há múltiplas opressões nesse lugar.

Mulher Oceano

Bruna

Mulher oceano, lembra de que tu és imensa e não vale a pena quebrar tuas ondas em homens pedra, tão pequenos. Tu és a força do mundo e guardas tanta vida em ti.

Misteriosa em tuas profundezas, capaz de ser alento, na calmaria de tuas marolinhas quentes_
mas também de converter-te em tormentas, e delas fazer nascer gigantescos furacões,
devoradora de diminutos navegantes desavisados_
Tu podes ser aterradora, Mulher-mar-azul para os que flutuam em ti, porque para os que ousam mergulhar, revelas um mundo inteiro, multicolorida, cheio de vida. Mistérios. beleza.
Lar tão doce das sereias. tu és forte, Mulher oceano!
Teu canto firme estilhaça homens-iceberg
Ah, mulher, és tão grandiosa, que te bastas sozinha tu e todo este universo incrível que te habita.
Mas, se mesmo assim sentir falta de companhia, escolhe uma do tamanho teu.
Quem sabe um homem-céu com todos os seus astros, ou alguma floresta-mulher em sua fauna e flora, só não perde mais tempo, Mulher-oceano, com homens-grão-de-areia.
Eu sei das tantas vezes que os devorastes e carregastes pra bem fundo dentro de ti mas cedo ou tarde há que baixar a maré e deixá-los ir, Mulher verde mar.
Devolvê-los a seu lugar, reconhecendo o quão insignificante eles são,
diante do infinito que tu és.

FIGURA 13

Figura 13 - Poeta Bruna Stephane. Fonte: bit.ly/3LVkKGq

Trazendo as questões de gênero em uma perspectiva de agenciamento, Bruna traz a mulher-oceano como alguém que se dá conta de que não vale a pena se envolver com "homens-grão-de-areia". Essa poesia reforça a ideia de empoderamento discutida por Joyce Berth (2019). Apesar de a autora defender que o empoderamento deve ser visto como algo coletivo, Berth diz que a autovalorização e o autoconhecimento são necessárias para que a pessoa consiga ressignificar as percepções que tem sobre si mesma, o que consequentemente faz com que aceite suas características culturais e estéticas. Somente a partir dessa autoconscientização é possível que a pessoa desenvolva ferramentas para atuar a favor de uma coletividade. O próprio fato de Bruna declarar uma poesia como essa promove coletivização das questões de gênero e pode funcionar como um meio para o empoderamento das mulheres que a assistem nos *slams.*

Além do senso de coletividade, proveniente da autoconscientização, uma outra característica da teoria do empoderamento é que ela está intrinsecamente focada na intersecção entre racismo e sexismo. Joyce Berth critica o feminismo hegemônico, muitas vezes centrado nas experiências das mulheres brancas de classe média, por não abordar adequadamente as questões específicas das mulheres negras. Berth defende um feminismo interseccional que reconheça as particularidades dentro do movimento. Isso se reflete de maneira importante nos *Slams* na medida em que tanto gênero quanto raça ou classe social são tematizados nas poesias. Paulo Freire forneceu grandes contribuições para a Teoria do empoderamento. O educador e filósofo defende que a educação deve ser um processo de conscientização onde os oprimidos desenvolvem uma compreensão crítica de sua realidade social, política e econômica e agem para transformá-la. Da mesma maneira, o processo de empoderamento também fornece ferramentas para que as pessoas se tornem conscientes das estruturas de opressão que afetam suas vidas e adquirir a capacidade de questionar e desafiar essas estruturas. De acordo com Nelly Stromquist, professora feminista norte-americana,

> O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria, para levar as mulheres a atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente). (Joyce Berth, p. 32)

Desta maneira, a interseção do pensamento de Freire com a teoria do empoderamento de Berth pode ser percebida no intuito de tornar as pessoas conscientes de sua situação e capacitá-las a agir para mudar suas circunstâncias. No *slam*, de modo geral, a dimensão cognitiva se apresenta com a possibilidade que elas têm de conhecer e se aprofundar em

assuntos de importância social, uma vez que, escrever e interpretar poesias exige reflexão profunda sobre temas sociais, políticos e pessoais. Isso estimula o pensamento crítico e a capacidade de análise. Já a dimensão psicológica está bastante atrelada ao apoio que as pessoas oferecem umas às outras e a rede de amizade que elas estabelecem entre si, pois com a criação de vínculos afetivos, se sentem mais preparadas psicologicamente para lidar com adversidades do dia a dia. A dimensão política se apresenta a partir da motivação que as pessoas desenvolvem para se envolverem mais ativamente na política, seja por meio do ativismo ou da participação em movimentos sociais. A dimensão econômica é evidenciada com o espaço que é cedido para que os poetas anunciem seus trabalhos, como a venda de livros, zines, ou até mesmo outros tipos de itens, como produtos alimentícios.

4.1.2 Condição precária e interseccionalidade

Casulo

Thamara

É como um casulo, eu quem construí, fio a fio
Eu me lembro de ter sido mais seda
De ter bebido mais cervejas do que eu gostaria
Ter me atrelado a poesia de forma vazia e num sussurro ela me dizia "não passarás”
Eu ouvia atentamente, mas não entendia o seu clamor
Eu chamei de amor o meu casulo
Era mais que lugar pra crescer, era proteção pra viver
Lá, minhas asas cresciam

Mas eu não sou uma lagarta
E de burra, me fiz lagartixa
Pesquisei minhas raízes que de tão enraizadas eu não via
Abaixo dos meus pés e acima da minha cabeça
Eles, os antepassados me diziam: “tu fostes a nós e viemos a ti”

Eu pude sentir na pele o cheiro da Bahia, de onde veio meu pai
Que eu nunca pude chamar de pai, mas chamei
Gritei essa palavra na crença de que hoje ele viria
Guardei lembranças que ficaram vazias pra contar
a alguém que não tinha ouvidos a me oferecer
Só ausência.
Mas eu, eu tinha a dependência de um pai,
Mesmo já tendo dois

Minha mãe que sonhou um dia, hoje não sonha mais

Ela sequer parou pra juntar os pedaços dos
sonhos que ela plantou e nunca colheu
Sequer teve tempo pra regar
As lágrimas que ela derramava no banheiro não faziam brotar
Só faziam morrer
Foi morrendo moça, sonhadora e mulher

Ela me dizia sempre: "filha, você pode ser o que você quiser"
E eu queria ser alguém que come pão com manteiga
Mas só tinha água na geladeira e eu mal via minha mãe
O meu pai levou ela com ele, tirou o tempo que a gente tinha
Fez ela chorar às 3h da manhã na cozinha
Ao chegar à conclusão que teria que trabalhar mais pra pagar as contas sozinha

Meu irmão, sete anos mais velho que eu, começou a trabalhar tão cedo
Ele tentou juntar no peito os sonhos da minha mãe, mesmo já carregando os dele e os meus

Todos nós fomos trabalhar cedo demais
Como tantos outros pobres e periféricos
Essa história não é só minha e isso não me deixa mais tranquila ou feliz

O casulo que se fecha ao meu redor,
eu sei que me fez melhor
Mas eu precisei muito sair

Eu, lagartixa, escalei as paredes em mim e me vi humana
Lambendo as moças, ao invés das moscas
Sabendo que a vida é muito mais louca do que o que me disseram
Sabendo que o abraço que eu mais quero continua sendo o da minha Dona Lúcia
Satisfeita por ter tido amor e por ser feita amor em meio a vida dura

A luta não me fez imortal
A Dona Lúcia não me fez achar que eu posso mesmo ser o que eu quiser
Mas as duas me fizeram forte, me deram norte e orgulho, um puta orgulho, por ser mulher.

Além das desigualdades de gênero, o segundo assunto mais abordado pelas poetas foi a distribuição desigual das condições precárias (Butler, 2018), neste sentido entendido de diversas formas, mas principalmente como a desigualdade de classe e raça que resultam numa condição precária. Nesta poesia, Thamara traz questões não apenas relacionadas a gênero, mas também à classe social, e à ausência de um pai do qual ela sentia falta. O poema faz parte de um livro chamado *Quase meia noite* publicado em 2023 e uma das pessoas a quem a autora dedica a obra é sua mãe, Dona Lúcia, a quem ela agradece pela força e pelo orgulho que tem

em ser mulher, mesmo em meio a tantas dificuldades. Por meio do compartilhamento de um pouco da sua vivência, Thamara mescla então os desafios enfrentados enquanto mulher e também por estar inserida em uma família onde todos desde cedo precisam trabalhar para garantir a sobrevivência.

Da mesma forma, Vênus chama a atenção para as múltiplas formas da condição precária e de como a poesia é uma forma de combatê-la:

> *A gente não consegue falar tão bonito, tão, sabe, tipo, fino, tão lúdico. Porque a vida não é fina, e ela não é lúdica pra gente também. Quando a gente vai falar de racismo, é porque ele já tá comendo nós há muito tempo. É porque ele já levou a vida de vários dos nossos. Quando a gente vai falar de misoginia, de machismo, é porque a gente já viu as nossas indo embora. Se a gente contar 11 minutos, tem uma mulher sendo estuprada. Então, eu acho que reivindicar, vai falar sobre isso, até porque, na moral, se o mundo tivesse essa beleza toda, nós não tínhamos que ter esses discursos mais. A verdade é que, de verdade mesmo, eu não queria ser feminista, não. Você acha que eu quero dedicar minha vida pra ficar lutando por um direito básico que eu gostaria de ter, ou que outras mulheres deveriam ter? Que nada. Eu queria poder falar sobre, sei lá, como Girassóis de Van Gogh é lindo. Eu queria poder falar da beleza da vida. Eu queria poder falar de várias coisas que eu acho que é direito. Mas eu só tenho um grito dentro do meu ouvido que quer crescer em qualquer outro. Então, eu acho que, quando a gente fala sobre isso, durante um tempo, eu considerei micropolítica. Hoje eu considero um pouco de metade auto-amor e metade auto-ódio. Porque mesmo escrever sobre reivindicar direito me lembra de quantas vezes o direito me foi negado. E dói. [...] Eu quero muito poder ver um álbum do Djonga em que ele vai poder falar sobre a beleza da vida. Que ele não vai ter que ficar tendo que mandar um "fogo nos racistas" pra poder se sentir bem. Porque eu acho que esse cara merece ter saúde, acho que ele merece ter história boa, música leve pra poder cantar. Eu também acho que vai ter um momento que nós vamos poder fazer isso no slam, sabe? Eu quero acreditar muito nisso.* (Vênus)

Nesta entrevista de Vênus, se misturam as abordagens relativas às questões de gênero e raça. É muito comum que os assuntos se mesclem nas poesias, de forma que se torna inviável categorizar as obras apenas como "poesias que falam apenas sobre gênero" ou "poesias que falam apenas sobre raça", por exemplo. Desta forma, a interseccionalidade está intrinsecamente relacionada à condição precária dessas mulheres. Retomando a discussão iniciada no capítulo metodológico, trazemos agora as contribuições de Kimberlé Crenshaw, amplamente reconhecida por suas reflexões fundamentais sobre o conceito de interseccionalidade. A autora entende que as discriminações de raça e de gênero não são acontecimentos mutuamente excludentes, e suas reflexões colaboram para a identificação das várias formas de subordinação

que advém dos efeitos interativos das discriminações de raça e de gênero. Crenshaw faz uma importante crítica às teorias do feminismo tradicional e às teorias antirracistas, pois percebe que tanto o movimento feminista branco quanto as teorias antirracistas não consideram as experiências únicas de mulheres negras. As diversas ondas do feminismo muitas vezes focavam nas experiências de mulheres brancas de classe média, enquanto as teorias antirracistas frequentemente priorizavam as experiências dos homens negros. A autora defende que intervenções baseadas em compreensões superficiais e até mesmo distorcidas das condições das mulheres são ineficientes, por isso, é necessário que haja uma análise mais detalhada das dinâmicas que constroem a subordinação dessas mulheres. Segundo ela,

> A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível. (Crenshaw, 2002, p. 177)

Uma das maneiras que Crenshaw encontrou para ajudar no processo de identificação dos casos de opressão e consequentemente ilustrar a importância da interseccionalidade foi utilizar exemplos práticos e casos jurídicos. Silva e Corrêa (2018) ao analisar as dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de opressão em um de seus artigos, trazem o caso notável da General Motors, onde um grupo de mulheres afro-americanas processou a empresa multinacional por discriminação, argumentando que não contratavam mulheres negras. O tribunal rejeitou a alegação, tratando as experiências de racismo e sexismo separadamente, como se não pudessem se sobrepor um ao outro. Crenshaw usou este caso para demonstrar como as leis antidiscriminação falhavam em proteger pessoas que enfrentavam discriminação em múltiplas frentes, mostrando a necessidade de que tivesse sido aplicado um olhar interseccional para que essas mulheres não fossem injustiçadas.

O conceito geral de interseccionalidade culminou em um outro conceito, o de "interseccionalidade política", que trata da forma como os sistemas de poder se cruzam para afetar pessoas que pertencem a múltiplos grupos marginalizados. Em vez de considerar as opressões de maneira isolada, a interseccionalidade política reconhece que as experiências de opressão são moldadas por várias camadas.

> O conceito de interseccionalidade política destaca o fato de que as mulheres de cor estão situadas dentro de pelo menos dois grupos subordinados, que frequentemente buscam agendas políticas conflitantes. A necessidade de dividir as energias políticas entre duas agendas políticas às vezes opostas é uma dimensão de

> desempoderamento interseccional que os homens de cor e mulheres brancas raramente enfrentam. [...]. (Crenshaw, 1991, p. 1251-1252)

Crenshaw argumenta então que as políticas públicas, as leis e os movimentos sociais frequentemente não conseguem abordar adequadamente as necessidades daqueles que enfrentam múltiplas formas de discriminação, dessa maneira, a interseccionalidade política é uma ferramenta crucial para alcançar a justiça social. Ao entender como diferentes formas de opressão interagem, é possível criar estratégias mais eficientes para combater injustiças sociais. Isso está diretamente ligado à nossa análise, na qual evidencia que as mulheres poetas tematizam múltiplas formas de opressão que juntas intensificam a condição estrutural de subalternidade.

Eu sinto nojo

Vênus

eu sinto nojo da pátria do fardado e do presidente
ignoram nossa fome, ignoram nossa sede
pra eles somos becos e vielas,
pra nós, orações e muitas velas
nós não dá ponto sem nó
couro é arrancado sem dó
na favela sem lei
tão matando os menor
são vidas periféricas únicas
é mulher forte gritando
violência domestica
somos bruxas,
nem todo encanto é feitiço.
mas todo canto é mestiço
capim santo é remédio
do meu avô que era índio
do meu avô que era índio
pra pobre falta tudo, comida casa e lar
por ser mina eu quero o dobro
se não der eu vou tomar
pra pobre falta tudo: fruta, roupa, e celular
nós combinou de não morrer
cês combinou de nos matar
eu falo porque revolta é pouco
minha mãe vive de luto

o povo vive omisso, favela é
quarto de despejo do meu povo
eu sei disso
a voz de minha bisavó gritou medo ao laço
a voz de minha avó chorou agressão contra seu corpo
a voz de minha mãe berrou revolta
a voz que de mim sai escreve com sangue
nas portas dos invasores
que eles nos devem.
e em homenagem a Conceição Evaristo
a gente que combinou de não morrer
precisávamos também que eles tivessem
combinado de não nos matar.

Entrelinhas, percebemos como Vênus vê as condições precárias presentes em sua vida e na vida dos seus próximos por meio da violência policial, da fome e da violência doméstica. Esse apontamento demonstra como as poetas se dão conta das múltiplas opressões que atravessam suas trajetórias.

> *Eu escrevo muito sobre violência policial, é uma merda que eu assisto de perto desde que eu nasci. Onde eu vivo e pra fora de onde eu vivo também, fora da minha quebrada. Sou uma pessoa que tem acesso ao centro, sou uma pessoa que cola muito no centro, nos rolês mais culturais. E é uma coisa que sempre teve muito em peso ao meu redor, sempre teve muito em peso pros meus próximos, sempre teve na minha vista e é uma parada que eu não consigo deixar de abordar*. (Bruxa)

Bruxa também aborda como a violência policial é presente em sua vida a ponto de se tornar uma das temáticas mais abordadas em suas poesias. A violência policial pode incluir o uso excessivo de força física, discriminação racial ou étnica, uso desnecessário de armas, detenções injustificadas, intimidação, coerção ou qualquer forma de violência injustificada contra os cidadãos. É comum que, durante os *slams* que acontecem em praças públicas, aconteçam abordagens desproporcionais por parte das autoridades motivadas justamente pelo abuso do poder. Este abuso de poder pode vir de várias pessoas e pode acontecer também em outros espaços, como é o caso do relato de Regiane Abelha, que conta ter sido mal atendida em hospitais inúmeras vezes por ser uma mulher negra:

> *Eu lembro muito dos hospitais, que eu sofri muito preconceito. Eu tenho problema de estômago. E quando eu chegava no hospital, a galera já perguntava se eu estava drogada. E eu nem estava. Aí eles não me atendiam direito. E eu ficava lá gritando de dor. E eu tenho crise de ansiedade até hoje por causa disso. Meu gatilho é o hospital e minha dor de estômago. Porque*

> *quando eu chego lá, eu tenho uma regressão, volto a ser criança, parece que eu saio de mim.*

A dimensão do racismo é evidenciada neste relato uma vez que, por ser negra, Regiane Abelha foi questionada várias vezes e em diversas situações sobre estar sob o efeito do uso de drogas. Como visto anteriormente, Judith Butler desenvolveu a noção de corpos precários argumentando que todos os corpos são intrinsecamente vulneráveis devido à sua materialidade e exposição ao meio em que vive, isto é, uma característica fundamental da condição humana. No entanto, alguns corpos se tornam mais vulneráveis do que outros por estarem inseridos em condições desiguais dentro da sociedade. A exposição desses corpos à violência, abandono e desvalorização, especialmente em contextos sociais e políticos negam ou restringem o reconhecimento e os direitos das pessoas. Regiane, ao passar pela situação relatada, foi e continua sendo um exemplo de como esses corpos que não fazem parte do padrão são negligenciados. Butler (2018) ao discorrer sobre a economia neoliberal, menciona essas "condições de negligência sistemática que na realidade permitem que as pessoas morram" (p. 13). Dessa forma, certos grupos sociais são mais vulneráveis devido a estruturas de poder e exclusão. A autora faz uma crítica às políticas neoliberais e regimes de poder, uma vez que estes agravam as condições precárias, desvalorizando certas vidas e expondo-as a maiores riscos de violência, pobreza e marginalização. A partir disso, surge uma ética de interdependência e responsabilidade mútua, reconhecendo a vulnerabilidade de todos e buscando a justiça social que proteja e valorize todas as vidas de maneira equitativa.

Resgate-se

Regiane Abelha

meritocracia que pobre, preto tem
é morrer por próprio mérito
e não nego, quis atirar
quando quiseram me dar um tiro

cansa ter que ganhar no grito
e perceber que nossa voz vale menos que um latido
é que dessa vez os revolucionários de facebook tinham outros compromissos
normal
desde que não tirem do seu capital tá normal
comentarista de insta ser porta voz cultural

só por fumar do mais verde num apê da central
dá moral, pra capitão do mato ser o cara legal
mulher apanhar porque não tinha a idade ideal
tudo normal
então, mantenho a gilete debaixo da língua pra cortar saco escrotal
não que eu queria seu mal
mas não ouse me usar como sua fantasia de carnaval

FIGURA 14

Figura 14 - Poeta Regiane Abelha no XIX prêmio de direitos humanos e cidadania LGBT. Fonte: bit.ly/3SG7SYA

Nesta poesia Regiane Abelha faz uma crítica ao discurso meritocrático e à perseguição ao povo preto e pobre. Butler (2018) faz a mesma crítica ao apontar que essa visão não considera as desigualdades estruturais e sistêmicas que afetam diferentes grupos de maneira desproporcional. Essa responsabilização pelo sucesso ou fracasso de alguém desconsidera os fatores sociais e econômicos que influenciam as oportunidades de cada pessoa. Isso pode levar à culpabilização de quem não consegue alcançar o "sucesso" dentro desse sistema, ignorando as barreiras estruturais que enfrentam.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Butler aponta que o neoliberalismo promove

uma cultura de individualismo extremo, onde a solidariedade e a responsabilidade coletiva são minimizadas e onde

> [...] cada um de nós é responsável apenas por si mesmo, e não pelos outros, e essa responsabilidade é principalmente e acima de tudo uma responsabilidade por nos tornarmos economicamente autossuficientes em condições em que a autossuficiência está estruturalmente comprometida. [...] E todos aqueles que enxergam o abismo crescente entre ricos e pobres, que se veem como pessoas que perderam várias formas de segurança e garantia, também se consideram abandonados por um governo e por uma economia política que claramente aumenta a riqueza de poucos à custa da população em geral. (Butler, 2018, p. 22)

Desta forma, a exigência de que as pessoas sejam indivíduos auto suficientes está comprometida pelo próprio sistema que cobra isso delas, pois "a racionalidade neoliberal exige a autossuficiência como uma ideia moral, ao mesmo tempo que as formas neoliberais de poder trabalham para destruir essa possibilidade no nível econômico [...]". (p. 14). A partir do momento em que alguém não consegue se adequar a estas exigências, se torna dispensável, isto é, sua vida não tem o mesmo valor social que outras vidas. À medida em que estruturas sociais de apoio vão sendo extintas, mais desamparadas as pessoas ficam e isso aumenta nelas o sentimento de fracasso, pois "a precariedade implica um aumento da sensação de ser dispensável ou de ser descartado que não é distribuída por igual na sociedade." (p. 15). A assembleia, como será visto na próxima seção, é uma das alternativas possíveis de prática popular que discorda desse pensamento de que o indivíduo deve se responsabilizar totalmente por si mesmo.

4.2 Ferramentas de luta

Por ferramentas de luta compreendemos os meios que as poetas encontraram para realizar uma ruptura nas condições precárias de suas vidas. Durante a análise, percebemos que as poetas falam bastante sobre os motivos que as levam a reivindicar por uma vida melhor, mas também mencionam as ferramentas de que dispõem e que são úteis para que realizem rupturas nessas condições. A transformação pessoal e social por meio da arte, os laços de amizade construídos e a própria ocupação do espaço público foram os três meios que as poetas mais mencionaram em suas entrevistas e poesias.

a) Transformação pessoal e social por meio da arte

Poesia Marginal

Bruxa

Nunca houve um grito de guerra igual:
É marginal!
tudo que temos hoje é marginal!
Eu aperto em minhas mãos
o papel pra fugir do tiro que me apontam,
do gatilho que me chama,
e
da heresia que me acusam.
E senão poetas, não saberíamos o caminho.
Mas cá está,
P. O. E. S. I. A:
por onde existirmos será instigado o amor!

Neste trecho de poesia Bruxa evidencia, principalmente por meio das palavras "Eu aperto em minhas mãos o papel pra fugir do tiro que me apontam", a arte como ferramenta de luta e instrumento de ressignificação de caminhos que em um primeiro momento parecem já estar definidos. Bruxa expressa como a arte se apresenta como uma forma de resistência, um meio pelo qual as pessoas podem expressar e explorar experiências que são frequentemente marginalizadas ou invisibilizadas pela sociedade. A arte, nesse sentido, pode abrir espaço para novas formas de entendimento e reconhecimento, promovendo a inclusão e a justiça social.

> *Eu, na condição de pesquisadora e artista, eu acredito que a arte tem potência, total potência, de atuar como um mecanismo de combate à violência, às diferentes formas de preconceito.* ***E, obviamente, que não dá pra ter um pensamento iludido, de achar que vai ser uma coisa gigante, uma mudança gigantesca e que eu vou ver uma coisa super instantânea. Mas eu acredito que tudo isso contribui. E contribui também no sentido de apontar pra mudanças reais. Eu tô indo pro slam, se eu vou pro slam pela primeira vez e eu tenho um pensamento, uma mente mais fechada, eu consigo começar a abrir a minha mente, de repente, daqui a algum tempo eu tô participando de um movimento social. Sabe?*** *Eu acho que é um local de cultivo, um lugar que te leva, que aponta pra ações, nesse sentido, e também que te leva a pensar de outras formas. A arte tem esse potencial de mudar a sua perspectiva pra algumas situações, tipo… Vamos dizer que eu vou como público num slam, e eu escuto, recebo um determinado texto que vai tratar de um determinado assunto de preconceito, etc, etc. E eu tenho uma mentalidade X, eu tô escutando aquele discurso, talvez isso modifique um pouco o meu modo de ver. E diante de situações como aquela, na minha vida, eu consigo agir de uma forma diferente. Eu acho que tanto ajuda o indivíduo a modificar as próprias ações num tamanho micro, na sociedade, quanto ajuda também algumas pessoas a caminharem pra lutas, pra engajamentos mais concretos, pra ações mais concretas. Então eu tenho certeza que sim, modifica muito.* (Bruna, grifo da pesquisadora)

Bruna também entende o *slam* e demais movimentos culturais como capazes de mudar a perspectiva das pessoas sobre diversos assuntos. A transformação social e pessoal passa, sem dúvidas, pela exposição na esfera pública. Butler concebe o espaço público como um palco onde as identidades e as políticas são constantemente performadas e negociadas. Este espaço é vital para a democracia, pois permite a visibilidade e a contestação das normas sociais e políticas. Uma vez que Butler critica a noção de ação política baseada apenas no indivíduo - por isso as críticas ao neoliberalismo e ao discurso meritocrático - ela argumenta que as assembleias públicas e a reunião dos corpos precários são uma forma de ação coletiva que podem ser entendidas também como formas de soberania popular que vão além do pensamento em si próprio. Enfatizando a importância da ação feita em conjunto, a autora diz que "esse movimento ou inércia, esse estacionamento do meu corpo no meio da ação do outro, não é um ato meu ou de outros, mas alguma coisa que acontece em virtude da relação entre nós [...]". (p. 11). Compreende-se então que um dos objetivos desse movimento é desafiar essa lógica individualista, pois, "sobre e contra uma sensação cada vez mais individualizada de ansiedade e fracasso, a assembleia pública incorpora a percepção de que essa é uma condição social compartilhada e injusta." (p. 15)

A discussão que Butler (2017) faz sobre o papel político das performances e, em particular, dos gestos produzidos pelos corpos em assembleia demonstra o potencial subversivo da performatividade. O gesto, ao romper com a sequencialidade do espaço e tempo, nos permite ver as condições sociais subjacentes e questionar as normas vigentes. Butler (2017) sugere que os gestos às vezes rompem com o suporte. Quando um ator, uma poeta, no nosso caso, executa um gesto, não está simplesmente imitando uma ação cotidiana ou repetindo um movimento, está citando um gesto, destacando ele a tal ponto que faz com que seja refletido e questionado. Declamar não é apenas uma ação corporal; é uma ação que faz referência a uma outra ação, que se refere a um contexto social maior, que interrompe a continuidade da ação e, assim, permite uma reflexão crítica sobre as condições sociais e econômicas contemporâneas. Dessa maneira, a interrupção da ação, cria um momento de reflexão que torna visível as condições sociais subjacentes.

Também pensando as interseções entre estética e política na performance, Leda Maria Martins em *Performances do tempo espiralar* (2021), ao explorar o diálogo entre corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes argumenta que as práticas performáticas afro diaspóricas não são apenas expressões artísticas, mas são também atos políticos que questionam e subvertem as estruturas de poder. A estética da performance, com sua ênfase na corporeidade e na oralidade, serve como um meio de resistência política. Martins diz que

> A narrativa poética, portanto, configura o rito de passagem de uma situação de aflição, fragmentação e desordem para uma nova ordem social, política, artística e filosófica que reconfigura o corpus cultural, subverte a relação dominador/dominado e insemina o tecido religioso católico com a telúrica teologia africana e com os pensamentos que daí derivam. (Martins, 2021, p. 85)

Martins vê este corpo que declama e ocupa o espaço como um arquivo vivo, onde as experiências, histórias e memórias são inscritas e expressas. A performance corporal é, portanto, um meio de acessar e ativar esse arquivo, permitindo que as histórias de resistência e sobrevivência sejam compartilhadas. De acordo com a autora, "Um corpo historicamente conotado, que personaliza as vozes que denunciam e nomeiam o itinerário de violências de nossa rotina cotidiana, mas que, sem tréguas, escavam vias alternas para uma outra existência, mais plena e cidadã." (p. 109). O corpo na performance atua como um elemento central e dinâmico que é fundamental na preservação e transmissão de histórias e tradições.

Além disso, a autora apresenta um conceito de performance e o desenvolve por meio de uma lente afrodiaspórica e temporal. Suas idéias se entrelaçam com a noção de tempo e memória, enfatizando a performance como um ato contínuo de recriação e resistência cultural. O tempo espiralar se opõe ao tempo linear ocidental, que se expressa pela sucessividade. Esse conceito está enraizado nas cosmologias africanas, onde o tempo é cíclico e se move em espirais, conectando o passado, presente e futuro de maneira contínua. A autora diz que poesia é tempo e que, nas palavras bem colocadas de Bosi, "o discurso poético pressupõe recorrências, ressonâncias, voltas, regimes de ciclos, procedimentos de retornos, simultaneidade de vários tempos e sua reversibilidade" (p. 19).

A discussão de Leda Maria Martins nos auxilia a compreender o *slam* como performances culturais. Martins argumenta que as performances culturais - como rituais, celebrações, música, dança e outras expressões artísticas - são formas de resistência que preservam e reconfiguram identidades afro-brasileiras. Essas performances são atos de memória e de luta contra o apagamento histórico e cultural. Elas criam espaços de reexistência, onde a cultura negra pode se afirmar e ressignificar, mesmo diante de processos de colonização e racismo. Quando Bruxa, em sua arte, menciona a poesia como um lugar de resistência e amor, ou quando Bruna comenta sobre as contribuições do *slam* para "mudanças reais", elas apontam para o valor da performance como um ato contínuo de recriação e resistência cultural.

> *Eu consigo pensar de uma forma mais genérica nesse sentido até que eu falei lá sobre mim, de conseguir ter mais visibilidade pra minha arte. Eu percebo que, assim como aconteceu comigo, muitas mulheres que... Muitas poetas, muitas mulheres poetas que não trabalhavam diretamente com a sua arte, por*

> *mais que a gente não consiga viver dela, a gente consegue, de alguma forma, trabalhar com isso. Isso é muito importante, né? [...] Eu não sei nem se eu posso dizer que é alguma mudança de pensamento político, porque eu acho que pra mim isso já aconteceu antes no sarau, no meu contato com o sarau, quando eu cheguei nos slams, eu já tava muito do que eu sou hoje, né? Eu tava muito diferente. Eu acho que, pessoalmente, pra mim, a transformação da minha vida foi mais nesse senso de olha, eu posso trabalhar com isso, sim. Acho que foi não apenas pelos slams, mas pela união em coletivos, principalmente. Mas foi mais nesse sentido, e eu acredito muito que das pessoas que eu conheço, das mulheres que eu conheço, passam muito por esse lugar também, né? De poder trabalhar com a arte que elas produzem. Mas* ***eu acredito também que possa ter, nas conversas que a gente tem em bar e tudo, eu acho que há também essa questão da mudança de consciência, pra algumas mulheres que eu conheço, uma mudança de consciência de escutar relatos, escutar pontos de vista de outras mulheres e conseguir pensar de uma outra forma [...]****.* (Bruna, grifo da pesquisadora)

Neste trecho, além de Bruna evidenciar a importância dos saraus para o entendimento de que a arte é também uma forma de trabalho, ela diz sobre a transformação que acontece com as mulheres a partir da escuta de outros relatos, o que abre o campo de percepção delas sobre diversos assuntos. Os relatos que essas mulheres contam umas para as outras revelam a diversidade de suas vidas, suas lutas e conquistas. Isso faz com que elas comecem a questionar a história dominante, que frequentemente é contada a partir de uma perspectiva masculina. Esses relatos constroem uma memória coletiva mais inclusiva e representativa e dessa forma são instrumentos poderosos para a construção de uma historiografia feminista e para a promoção da igualdade de gênero.

Em *A aventura de contar-se*, livro de Margareth Rago, de 2013, encontramos a definição da prática dos relatos de si como algo que é emancipatório, capaz de conferir aos sujeitos que narram a possibilidade de se reinventar, se redescobrir, de identificar adversidades, preferências, derrotas e vitórias em sua trajetória de vida. O contar-se para o outro, seja ele feito de forma falada ou escrita, é uma experiência que auxilia na invenção de outras maneiras de existência. De acordo com Margaret McLaren, os registros de si foram um importante primeiro passo na "subjetivação do discurso", porque sua função primordial era a de moldar o eu:

> [...] a identidade do escritor é constituída através de sua escolha de quais dizeres e eventos ele considera significante. Além de consolidar a identidade do escritor através de sua escolha de palavras e citações, a prática da escrita de si também serve como um tipo de autoavaliação e reflexão. (McLaren, 2016, p. 194)

A narrativa possibilita a construção de uma subjetividade, uma vez que permite que os indivíduos questionem os dispositivos de poder estabelecidos pelas instituições. É um trabalho de reflexão sobre o que está sendo dito e perceber como isso oferece aberturas para que o narrador possa se expressar de forma autônoma como sujeito político.

> *Eu acho que o slam é resistência, ele é reavivamento, ele é a possibilidade de salvar vidas. A arte, de forma geral, não só a poesia. A arte, o teatro, a poesia, todas as artes que eu produzo, que nascem a partir de mim, salvaram a minha vida. E eu acho que a arte salva pessoas mesmo. Desde que o mundo é mundo.* ***A cultura hip-hop salvou minha vida****. E eu acho que o slam tem esse significado. Em qualquer lugar. Que é um lugar de pertencimento, de resistência, de conseguir se sentir à vontade. De conseguir ser reconhecido.* ***Reconhecimento****, sabe? Que é algo tão importante, que falta muito em muitos espaços*. (Thamara, grifo da pesquisadora)

Não raramente as poetas falam sobre a importância de terem conhecido a cultura hip hop e os saraus e como esses movimentos foram pontes para que posteriormente elas se interessassem pelos *slams*.[17] Participar da cultura hip hop ajuda a construir um senso de pertencimento e comunidade, permitindo que indivíduos se conectem com outros que compartilham experiências e desafios semelhantes. Principalmente no conteúdo das músicas, muitas vezes são abordados temas como racismo, violência policial e desigualdade econômica, o que faz com que as pessoas não só comecem a refletir sobre essas questões, mas também lutem por mudanças. A cultura hip hop proporciona à parte periférica da sociedade espalhar sua visão de mundo, denunciar o descaso do poder público com os mais necessitados, relatar o cotidiano das ruas e se mostrar atuante e resistente em um meio social que só os silencia. Peter Pal Pelbart, em diálogo com Foucault (2017), diz que "a resistência se dá com a difusão de comportamentos resistentes e singulares. [...] trata-se de multidões que resistem de maneira difusa e escapam das gaiolas sempre mais estreitas da miséria e do poder." (p. 101). Dessa maneira, esses corpos precários buscam por respeito e reconhecimento. Durante as entrevistas, mais de uma vez foi mencionada a questão do reconhecimento.

Axel Honneth (2003), em seu livro *Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos*

[17] Importante mencionar que o *slam* é uma manifestação artística e cultural que tem uma forte conexão com movimentos sociais e causas políticas. Muitos poemas em *slams* abordam temas como racismo, violência policial, feminicídio e desigualdade de gênero. Isso se alinha diretamente com os movimentos antirracistas e feministas, por exemplo.

Conflitos Sociais, explora as diversas formas pelas quais um indivíduo pode ser desrespeitado e, consequentemente, se sentir diminuído. O comportamento prejudicial direcionado a alguém pode minar a autoimagem positiva adquirida intersubjetivamente pelo indivíduo. Honneth identifica, entre as diversas formas de desrespeito, aquela relacionada à atribuição de um valor social negativo a certos indivíduos e grupos sociais. Tais tratamentos depreciativos em relação aos estilos de vida individuais ou coletivos constituem uma violação da dignidade e da honra das pessoas afetadas. Isso resulta em uma sensação de desvalorização social e, consequentemente, em uma perda de autoestima, privando o indivíduo da possibilidade de se perceber como uma pessoa valorizada por suas características.

Essas experiências de desrespeito se tornam motivadoras para que os indivíduos afetados busquem reconhecimento, estabelecendo uma ligação entre o sofrimento emocional e/ou físico e a ação. A humilhação sofrida impulsiona o indivíduo a buscar a recuperação de sua dignidade e autoestima. Os sentimentos de lesão proporcionam uma base motivacional para a resistência coletiva, especialmente quando são interpretados como típicos de um grupo, permitindo o surgimento de movimentos sociais que unem forças em prol de mudanças.

> Simplesmente porque os sujeitos humanos não podem agir de modo emocionalmente neutro às ofensas sociais, representadas pelos maus-tratos físicos, pela privação de direitos e pela degradação, os padrões normativos de reconhecimento recíproco têm uma certa possibilidade de realização no interior do mundo da vida social em geral; pois toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si a possibilidade de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne motivo de **resistência política**. (Honneth, 2003, p. 224. Grifo da pesquisadora)

Assim, evidencia-se a conexão entre o surgimento de movimentos sociais e demais coletivos e a vivência do desrespeito, que se converte em estímulo para manifestações e assembleias, dando origem a uma luta social que se inicia quando o indivíduo percebe que seus princípios morais de justiça foram violados. A partir desse ponto, as experiências individuais são compartilhadas e ocorre uma convergência de forças em prol de interesses coletivos, transcendendo os interesses pessoais, com o intuito de promover mudanças.

A análise crítica de Butler sobre o campo das normas sociais se relaciona com conceitos fundamentais da teoria do reconhecimento. No entanto, a autora faz uma distinção importante entre os conceitos de reconhecimento e reconhecibilidade, que se desdobra em sua crítica às teorias tradicionais do reconhecimento. Para ela, o reconhecimento não é apenas uma questão de ser reconhecido, mas também de ser reconhecível dentro de determinados quadros normativos. Reconhecibilidade refere-se às condições prévias que tornam alguém reconhecível ou inteligível como um sujeito dentro de um determinado contexto social e cultural. Estas

condições são reguladas por normas e expectativas sociais que definem o que é uma identidade "legítima" ou "inteligível". Butler cria então uma teoria do reconhecimento que se baseia em uma crítica das formas de entendimento de quais vidas e corpos são legíveis, considerando a reconhecibilidade, que faz com que algumas vidas não sejam reconhecidas dentro de alguns quadros normativos. Ela afirma que os modos de aparecimento social são controlados por normas de reconhecimento que impõem que somente certos tipos de sujeitos podem ser percebidos como dignos de atingir a condição de humanidade. Butler diz que:

> As normas do humano são formuladas por formas de poder que buscam normalizar as versões específicas do humano, em detrimento dos outros, fazendo distinções entre os humanos ou amplificando o campo do não humano, segundo seu desejo. Perguntar como essas normas são instaladas e normalizadas é o começo do processo de não tomar a norma como alguma coisa certeira, de não esquecer de perguntar-se como ela foi instalada e representada e a qual ponto. Para aqueles que são invisibilizados e humilhados pela norma que eles deveriam incorporar, a luta se torna uma batalha corporal pela condição de reconhecimento, uma insistência/ perseverança pública de existir e de ter importância (Butler, 2018, p. 44)

Butler argumenta então que o reconhecimento não é um processo neutro, mas está imbricado em relações de poder e que as normas sociais determinam quais pessoas são reconhecidas como válidas ou legítimas, o que significa que o reconhecimento pode tanto capacitar quanto restringir indivíduos, dependendo do que a norma dita como certo ou errado, normal ou anormal.

> *Eu acho que o slam contribui, as poesias, essas lutas quando são embasadas em um texto, elas contribuem porque todos os ouvintes que estão ali, eles se dispõem a entender aquilo. A gente conta histórias por meio da poesia, a gente ensina história por meio da poesia, a gente conta os pedaços da história que nos foram negados em sala de aula por meio da poesia e isso é incrível, é gratificante, é rico demais, até porque eu acho que as pessoas inclusive deveriam estar mais presentes nesses espaços onde acontecem os slams para que elas pudessem ter esse encontro com uma realidade periférica que não é apresentada a elas como uma história, uma parte da história que foi roubada também delas, não só da gente. Porque eu acho que essa contribuição que o slam tem de ensinamento mesmo, que é da gente aprender coisas, de transformar essas coisas em poesia e jogar isso para o mundo, a gente colocar nossas insatisfações com os preconceitos, com as desigualdades sociais que existem e todas essas questões que nos atravessam no nosso dia a dia, é uma forma que a gente tem também de fazer um grito de protesto, que eu acho que deveria ser mais ouvido [...]. Eu acho que é passível a possibilidade de transformação a partir também de que a gente transforma os nossos que estão chegando na cena agora, transformam os que já estão, transformam quem está vindo e* ***dentro da periferia vai se disseminando uma cultura do aprendizado, do que é novo para mim, da pesquisa, do falar "meu Deus, eu não sabia disso, deixa eu entender como isso funciona".*** (Thamara, grifo da pesquisadora)

Thamara dá ênfase aos aprendizados e à consciência social que alguém pode desenvolver enquanto frequentador de eventos culturais como os saraus e os *slams*. A poesia incita a reflexão e o pensamento crítico e por ter o poder de evocar emoções fortes e gerar empatia, poesias como as que são declamadas nos *slams* podem levar a uma maior conscientização e compreensão das questões sociais.

> *Eu acredito que a cultura, no geral, tem muito poder de mudança social, porque, através da cultura, você consegue alcançar pessoas que, às vezes, não têm mais esperança. Você consegue encontrar pessoas que às vezes, não tinham mais uma perspectiva de vida voltada para um sonho, para algo que elas gostavam de fazer, não tinham uma perspectiva de melhorar o cenário e tudo mais. E a partir da cultura eu já vi gente não só descobrindo, como começando a acreditar, começando a entender que pode mudar o contexto em que vive, que pode ter uma vida melhor, que pode trazer mais para onde vive, trazer mais para a própria família, para dentro de casa. Então eu acredito que o slam pode ter um impacto muito bom para uma pessoa que, às vezes, não tinha um letramento racial, não tinha um letramento político, essa pessoa, a partir daquilo, começa a se interessar. Aí a pessoa começa a descobrir a existência de movimentos, começa a pesquisar sobre leis, começa a ter referências que antes ela não tinha, que eram referências importantes para ela como pessoa, porque é quem ela é e ainda não sabia disso. Então a partir dali ela descobre que existem essas referências para ela se espelhar, para ela se interessar, para ela estudar sobre. E, a partir disso, uma chave muda. Uma pessoa que ainda não tem esse entendimento da vivência que tem e de como a vivência que ela tem, a vida que ela tem, a pessoa que ela é, de onde ela veio, como isso afeta ela e afeta o futuro dela, as possibilidades que ela tem na mesa, ela entender isso muda tudo. Muda os passos que ela pode tomar, as opções que ela tem, entendeu? E o slam te possibilita aprender, descobrir isso. Esse rumo, essa orientação, essa conscientização, esse acesso mesmo.* (Bruxa)

A partir de todos os trechos de entrevista apresentados, percebemos o quanto as poetas percebem os *slams* como fonte de aprendizado, conscientização social e resistência e como, a partir disso, a presença desses corpos nas ruas e em eventos como esses se configura como um ato político. As poetas percebem que, por meio do *slam*, as pessoas podem se educar e educar outras sobre questões políticas e sociais. Os poemas muitas vezes incluem referências a eventos históricos, leis, movimentos sociais e figuras públicas importantes, promovendo o letramento político. Além disso, a transformação social também vem por meio do compartilhamento de relatos e do espaço de escuta e fala que se estabelece, além do sentimento de reconhecimento e pertencimento a uma mesma comunidade.

b) Amizade

Quando perguntadas sobre o vínculo que criaram durante os *slams*, praticamente todas as poetas disseram que as pessoas que se conheceram por meio da poesia permanecem em suas vidas de um modo muito especial.

> *Encontro! Eu amo a competição, acho lindo, gosto de ver os meninos falando, tem uma coisa no slam que me apaixona como educadora que é ver o processo, acompanhar, pensar no zerê por exemplo que começou miudinho lá, e foi lendo e crescendo, lendo e crescendo e agora é aquela potência. Todos eles, a própria Nivea quando começou, sabe, nós todos crescemos juntos e uma das coisas que mais me encanta no slam mesmo é ver o quanto as pessoas crescem, o quanto a poesia das pessoas crescem e elas também. É um momento pra eu me encontrar com essas pessoas que eu amo, amo muito todos eles e tem um antes, eu chego sempre antes, igual no avoa, amor! que teve agora, a gente fica uma hora lá, eu, joy, zerê, thamara, a gente ficou aquela galera trocando ideia antes, conversando sobre a vida, falando sobre o prêmio que a Tamara recebeu, falando sobre coisas que estão acontecendo, então… é o encontro.* (Norma)

A recorrência e a ênfase que foram colocadas sobre os vínculos de amizade criados a partir do slam nos chamaram a atenção para a compreensão da amizade como um aspecto político da resistência. Michel Foucault (1984) aborda brevemente a influência política da amizade em suas obras, especialmente ao discutir a ética e a política do autocuidado.[18] De acordo com o autor, "Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitaram a possibilidade de relações, porque um mundo relacional rico seria extremamente complicado de administrar (Foucault, 2004a, p. 120). Como um exemplo dessa individualização, temos a ênfase na propriedade privada e na acumulação de capital, onde o sucesso é frequentemente medido pela capacidade de acumular bens e riquezas pessoais. Além disso, o capitalismo promove a competição individual como um motor de progresso e inovação, onde os indivíduos são encorajados a competir entre si no mercado de trabalho, nos negócios e em outras esferas da vida econômica.

Embora não tenha dedicado uma obra específica ao tema, Foucault sugere que a amizade pode desempenhar um papel crucial na resistência a essa individualização e na formação de laços de solidariedade e apoio mútuo. O autor via a amizade como um espaço

[18] O autor diz que a partir da época clássica, o ocidente passou por uma grande transformação em seus mecanismos de poder. Enquanto antes o poder soberano possuía o direito de vida ou morte por meio do gládio, o novo corpo social vai possuir o direito de manter a vida e desenvolvê-la, no entanto, a partir do momento em que o poder assume a função de gerir a vida, são criados dois processos com o intuito de controlar corpos e populações, a biopolítica e o biopoder, que constituem diferentes aspectos do poder sobre a vida humana. Junto a isso, temos o desenvolvimento do capitalismo e de um enfraquecimento da relação entre as pessoas; dessa maneira, essa lógica política intensifica a docilização, adestramento e individualização dos corpos.

onde as relações de poder podem ser desafiadas e subvertidas, dessa maneira, em uma sociedade onde as relações são frequentemente estruturadas por normas e hierarquias, a amizade oferece um jeito de lidar com o outro que pode escapar ou resistir a essas imposições. A amizade, para ele, pode ser uma oportunidade para experimentar novas formas de vida e de relacionamento, que não se baseiam em normas tradicionais.

Michel Foucault explora a ética do cuidado de si mesmo como um aspecto central da vida moral na antiguidade greco-romana. Dentro desse contexto, a amizade é abordada como uma parte fundamental das relações interpessoais e da construção da subjetividade. A partir disso, o autor desenvolveu o conceito de "cuidado de si" em seus últimos trabalhos, sugerindo que o cuidado de si inclui o cuidado do outro. Nesse contexto, a amizade é vista como uma prática ética que envolve a reciprocidade e o desenvolvimento mútuo. Em contraste com as relações baseadas em papéis sociais rígidos, as amizades oferecem um espaço para a autenticidade e a liberdade pessoal, permitindo que as pessoas se sintam mais à vontade para serem sinceras consigo mesmas e com o outro. Para os antigos, amigos ajudavam uns aos outros a se tornarem melhores indivíduos, oferecendo conselhos, apoio e críticas construtivas, como é feito no grupo Manas, mencionado por Norma:

> *A gente tem um grupo que chama Manas, nesse grupo a gente divulga emprego, a gente conversa sobre questões sérias como questões reprodutivas por exemplo, a gente dá suporte para quem sofreu abuso... a maioria das coisas que estão discutidas quando a pessoa tá recitando ali no slam elas chamam atenção da gente para determinados assuntos e nos dão liberdade para depois a gente conversar sobre isso [...]. A gente vai dar conta de discutir e ajudar as meninas em casos de racismo, em casos de machismo, em casos de classicismo também, às vezes a pessoa tá sofrendo uma opressão que tem a ver com classe. Eu atribuo isso ao grupo Manas e às conexões que a gente faz.* (Norma)

Ionta, em um dos capítulos do livro “Michel Foucault e as insurreições: É inútil revoltar-se?” ao fazer uma reflexão a respeito da amizade para Foucault, diz que ele compreende as amizades como espaços privilegiados de contraconduta:

> As contracondutas parecem ser silenciosas, duradouras, insidiosas. São formas de agir no interior do campo de forças num duplo sentido: recusando as regras do jogo estabelecido e criando outros jogos. Com isso, colocam em risco os dispositivos de governamentalização [...]. A força política da amizade reside na falta de controle dos poderes sobre os afetos intensos que surgem nessas relações. [...] As amizades são incontroláveis, ingovernáveis em suas emergências, multiplicidades e plasticidades. (Ionta, 2017, p. 379)

Dessa maneira, a amizade permite a construção de novas formas de relacionamento que não estão baseadas nas normas estabelecidas pelo poder. Assim, Foucault destaca a dimensão

política da amizade. É relevante perceber que a governamentalidade neoliberal não exerce controle sobre os afetos profundos, como os que surgem nos *slams*, os quais são construídos coletivamente e que moldam as práticas de existência de um grupo inteiro. As amizades têm o poder de transformar situações de grande sofrimento e violência em espaços seguros, de proteção e conforto. Segundo Marilda Ionta,

> a amizade na atualidade, segundo Foucault, pode se aproximar da arte. Uma arte do com-viver dotada de critérios éticos e estéticos. Estéticos não porque sigam regras de composição, tampouco porque sejam relações belas e perfeitas, [...] mas porque são criativas, guardam a liberdade de criação e a potência política dos afetos intensos. Ao lado do corpo, do modo de vida artista, a amizade é para Foucault um *lócus* privilegiado de resistência às investidas do biopoder na contemporaneidade. (Ionta, 2017, pág. 376)

Essa amizade se constitui, entre outros motivos, por meio da recusa dessas mulheres de serem governadas, e quando não aceitam as imposições e rótulos que tentam lhes impor, essa é uma forma de questionamento dos mecanismos de sujeição. Construir relações de amizade são maneiras de cuidar de si e da outra, se configurando como uma prática de transformação mais ampla dentro das relações sociais. Dizer não é uma forma de rebelar-se, de reconfigurar modos de agência; é extrapolar o sentimento de indignação e de produzir fissuras nas agressões físicas e simbólicas.

Algumas entrevistas reforçam a ideia de que a cena belo-horizontina de competição de poesia é muito unida e propícia para que se criem vínculos afetivos. Algumas poetas comentaram que tiveram a oportunidade de conhecer outros *slams* de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, e que sentiram um clima de competição bastante acirrado, a ponto parecer que a prioridade era a disputa e que a vontade de vencer dificultava um pouco a criação de vínculos de amizade muito fortes.

> *Eu fiz muitos amigos dentro do slam. Eu acho que não existe como você estar inserido em um ambiente e acabar não fazendo nenhuma amizade. A gente se conecta com as pessoas, a partir também das poesias. A poesia é conexão. Tem um poeta que diz que poesia é o que a gente sente, o resto é literatura. Eu acho que é sobre isso. Quando a gente sente a poesia do outro, a gente quer olhar para aquele outro e falar, caralho, essa poesia bateu aqui e tal. Isso é muito importante. A partir disso vão surgindo conexões também, nas trocas mesmo, acerca da poesia do outro, acerca do que o outro constrói, do que você constrói, do que te toca, do que toca o outro, dessa sintonia, dessa troca que acontece dentro do slam, dentro do sarau, dentro de qualquer espaço artístico. Porque a arte é viva a partir da troca mesmo. Eu acredito que independente da arte que seja. Então, eu fiz muitas amizades e a gente se relaciona de forma plena. A gente tem um carinho muito grande aqui em BH, na cena de BH. A poesia marginal acontece, uma coisa que não acontece em nenhuma outra cena da poesia marginal. Do Brasil, assim, que é o apoio mútuo mesmo. Quando a gente está competindo, a gente está torcendo um pelo outro, do*

> *mesmo jeito. Quem ganhar ganhou, está tudo lindo. Às vezes tem pessoas que querem muito ganhar, mas ainda assim, elas não deixam de torcer por quem está competindo também. Isso é maravilhoso.* (Thamara)

> *Hoje em dia o meu círculo de amizades, majoritariamente as pessoas que eu convivo mais são pessoas dos slams ou dos saraus. Muitas delas são das duas coisas, mas algumas são só do sarau. Mas atualmente, o meu principal círculo de amizade são de pessoas da poesia falada. E a primeira vez que eu fui organizar sarau lá atrás, eu fiz amigos que eu tenho até hoje, que eu acho que é um espaço que junta muito. Eu acho que isso é bem próprio dos saraus, dos slams, daqui de Belo Horizonte, pelo menos de Minas Gerais, da gente ter esses vínculos.* (Bruna)

Nota-se que é criado um espaço seguro de troca, onde as poetas se colocam disponíveis para ouvir e se sentem confortáveis para falar. Ao mesmo tempo em que há a denúncia, existe a compreensão de que o apoio mútuo e a solidariedade entre elas são fundamentais para a superação das adversidades. O Grupo Manas é um exemplo de abertura que as poetas têm para buscarem ajuda e suporte em relação a diversos assuntos, como a divulgação de oportunidades de emprego e o apoio em casos de algum tipo de discriminação que tenham sofrido.

c) Espaço público

Como foi visto no capítulo 2, Hannah Arendt ressalta a importância da ocupação do espaço público para a esfera política. Para ela, o espaço público é essencial tanto para o exercício da autodeterminação dos indivíduos quanto para a base da vida política democrática. Ela argumenta que o espaço público é o ambiente no qual os cidadãos podem se reunir como iguais para exercer seu poder de julgamento, participar de debates políticos e cooperar para a definição de questões coletivas. É nesse cenário que as diferenças entre os indivíduos são reconhecidas e respeitadas, e onde as decisões políticas são tomadas de maneira democrática. Do mesmo modo, Butler aponta que os dispositivos disponíveis no espaço público podem auxiliar ou impedir a visibilidade de causas públicas. Neste trecho, Bruna menciona três aspectos que ela considera centrais na justificativa de a maioria dos *slams* acontecerem no baixo centro de Belo Horizonte: o acesso, o sentimento de pertencimento e a localização.

> *Bom, em primeiro lugar, o acesso é mais fácil ali, né? Eu tendo a pensar desse jeito, que o acesso ali é mais fácil. Até por estar perto do metrô, com muitas linhas de ônibus e tal. Mas eu também... Eu acho que muita gente vai pensar assim, eu me sinto mais confortável ali no Baixo Centro do que na Praça da Liberdade, por exemplo. Eu sinto aquele lugar mais a minha cara do que uma Praça da Liberdade. Eu me sinto deslocada na Praça da Liberdade. Eu olho pra ali e falo, tá, mas não é o meu lugar. Não que eu seja do Baixo Centro, mas eles se parecem mais com o meu lugar. Vamos dizer assim. Acho que existe um sentimento de pertencimento maior pras pessoas da periferia ali no Baixo Centro do que em outras regiões mais nobres. Acho que são esses dois*

> *lados, assim, de acesso, de pertencimento, mas ao mesmo tempo é centro. É centro, não é a periferia em si, não é um lugar distante. É o centro de Belo Horizonte. Passa também por esse lugar do direito à cidade. Da periferia ter o direito de vir ao centro também. Não só você descentralizar a arte, porque é importante descentralizar, é importante levar a cultura pras periferias, pras bordas, mas quem tá na borda também tem o direito de vir para o centro, de ir para o centro pra acessar, pra fazer cultura.* (Bruna)

Thamara enfatiza a importância de os *slams* acontecerem não só na região central, mas também em regiões periféricas para que pessoas que têm dificuldade em acessar o centro também consigam participar dos eventos. O "*slam* e feira", organizado por Regiane Abelha, é um exemplo de *slam* que, na maioria das vezes, realiza suas atividades na região do Barreiro, permitindo um acesso mais fácil para os moradores da região sudoeste de Belo Horizonte.

> *Alguns slams acontecem aqui, nem todos são, tem alguns que são descentralizados, mas eu acho que acontecerem slams aqui significa a ocupação do espaço público, tem que rolar mesmo, existe uma lei que nos garante essa ocupação do espaço público para eventos, para manifestações artísticas, e assim sendo, a gente tem que fazer a utilização dessa lei a nosso favor, porque é isso, a arte independente não tem, obviamente, patrocínio, não tem um apoio financeiro, porque apoio de outras formas nós temos, a gente se apoia uns nos outros e se fortalece nesse sentido, mas financeiramente falando, não, então a gente precisa dos espaços públicos para acontecer, porque a gente não pode bancar o aluguel de um espaço, visto que a gente está fazendo tudo por acreditar mesmo, na palavra, enquanto uma arma potente de transformação, então eu acho que a ocupação de espaços públicos é muito importante, acho que a ocupação de espaços centrais também é importante, mas acho que a ocupação de espaços descentralizados é ainda mais importante, porque as pessoas que vêm para o centro, que se localizam aqui, elas sempre estão aqui, elas sempre estarão aqui, mas tem gente que não tem condições nem de sair do seu bairro, da sua vila, da sua quebrada, então descentralizar a arte é também abraçar as pessoas que não podem vir ao encontro da arte, então é importante poder levar a arte ao encontro dessas pessoas também.* (Thamara)

Regiane também menciona, assim como Bruna, o fato de se sentir à vontade no baixo centro, o que provavelmente não aconteceria se os encontros acontecessem em regiões mais elitizadas como a Savassi. Arendt defende que a participação ativa no espaço público é crucial para a liberdade política dos cidadãos e que a plena realização da vida política só é possível quando os indivíduos têm a oportunidade de se envolver em atividades públicas, como expressar opiniões, organizar protestos e participar de instituições políticas. O baixo centro é visto como o lugar que proporciona essa possibilidade.

> *É underground, né? Underground pra caramba. E se não for isso, eu acho que não tem sentido acontecer, sabe? É muito a questão de ocupar espaços também. Aquele espaço, ele já se consolidou com a gente. As pessoas que*

> *frequentavam aquele espaço, o duelo de MCs, na época, por exemplo, ele conseguiu pegar todo aquele espaço da Praça da Estação até o Viaduto. Então, antes, por exemplo, a Batalha de MCs, há uns 12 anos atrás, ela acontecia na Praça da Estação com um grupinho. Depois eles foram mudando pro Viaduto. Aí o Viaduto, ele já criou uma identidade visual que combina com a gente, muito parecido com o nosso estilo, muito parecido com as nossas falas. A gente se sente à vontade lá*. (Regiane)

Nessa mesma linha de pensamento e apoiando-se nas reflexões de Arendt, Butler defende que toda ação política exige um "espaço de aparição". Uma alternativa que Butler enxerga para lutar contra a precarização dos corpos é a reunião em espaços públicos para protestar politicamente, pois a presença física dos manifestantes desafia a ordem estabelecida e torna visíveis as demandas por justiça. Butler defende que a ocupação de espaços públicos pelos manifestantes transforma esses locais em arenas de resistência, mas que "a resistência tem que ser plural e corporificada para representar os princípios de democracia pelos quais luta." (p. 144). Vênus menciona a resistência como uma forma de impedir o processo de eugenização, que de certa forma ocorre por meio da violência policial, mencionada por algumas poetas.

> *Nada mais do que uma ocupação social, de espaço público. Considero isso. Mesmo que para quem mora nas periferias, não seja um lugar mais acessível, é o ponto central da cidade. Até quem mora muito longe, tipo assim, vai ter um lugar que você vai encontrar essa pessoa, que provavelmente vai ser nesses centros urbanos. Então, eu acho que é uma ocupação social, é uma utilização excelente do espaço público, inclusive. Eu acho que o próprio Baixo Centro, ele reivindica a rua o tempo todo. E acho que a galera que está nesses espaços também está ali para reivindicar o espaço público, que seja um espaço de cultura, de lazer, não importa. Isso é um direito. E eu acho que quando, não só o slam, quando qualquer manifestação cultural acontece nesses espaços, para além de ser acessível, porque BH tem uma coisa muito forte com o rolê de rua, tem também com essa questão da periferia se sentir bem em casa. E o lugar que a periferia se sente bem é na rua. A rua é mesmo a nossa casa, o nosso espaço, sabe? Mesmo que nos momentos mais difíceis, depois que tudo acontece, que você volte para a casa, quantas vezes eu vi gente voltando para a casa, não para a casa, voltando para a cama. Porque aquilo não era casa, era só um lugar de dormir mesmo. Mas o lugar que abraçava, que a pessoa tinha memória, que ela tinha troca, que ela tinha vida mesmo, foi na rua, foi nesses espaços. Então, eu acredito que o significado maior é a resistência. Resistir e ocupar. Até porque se a gente não ocupa esses espaços, esses lugares viram espaços muito eugenistas. Então, vai vindo aquela limpeza social, a Savassi já conseguiu fazer isso com a população pobre. Eu não conheço nenhum pobre que se sente bem na Savassi. E não é nem questão de raça só. Tem uma questão de raça, mas é de classe também. Você pode ser, assim, branca como a neve. Eu vejo gente branca como a neve, pobre, que não se sente bem lá. Então, eu acho que quando a gente faz isso, de ocupar esses*

> *espaços, a gente evita que coisas como essas aconteçam, sabe? Isso é bom demais.* (Vênus)

Bruxa conta que, para chegar aos *slams*, ela precisa usar linhas de ônibus onde os motoristas não sejam rigorosos com o pagamento da passagem, caso contrário, ficaria impedida de participar. Mesmo que não pagar passagem seja uma forma de desobediência civil, Bruxa opta por correr quaisquer riscos ou constrangimentos para conseguir participar dos eventos, o que se configura também como uma forma de se rebelar de maneira não violenta.

> *É uma via de acesso fácil, pra galera com pouca condição. Eu, por exemplo, eu não pago passagem. Eu pego voando. Por quê? Porque eu não tenho dinheiro suficiente pro valor da passagem ser algo acessível pra mim. Não é. Entendeu? Então, eu geralmente não pago passagem. Todas as vezes que eu consigo. Os ônibus que sobem pra região daqueles bairros ali pra cima, Praça da Liberdade, mais próximo da Savassi, Lourdes… Eu não conheço. É por aí. É... Por ali já é mais complicado. Os ônibus são menos acessíveis de você dar um calote, de você conseguir subir numa boa, conversando com o motorista. É... Como uma rapa de nego, que geralmente também, tipo assim, financeiramente não tem muito acesso, mas tá botando a cara pra colar porque valoriza a cultura. Porque gosta do rolê. E aí, quando você passa ali, você acessa essa galera com menos condição. E o intuito é esse. A gente não tá fazendo pra galera elitizada. A gente... A gente público também não é uma galera elitizada. Entendeu? A gente não mora lá em cima. A gente não tem condição de pegar um Uber lá pra cima. A gente não consegue*. (Bruxa)

Pensando a ocupação do espaço público por uma perspectiva de gênero, quando as mulheres estão presentes nesses ambientes, há uma maior diversidade de perspectivas e necessidades sendo consideradas. A ocupação do espaço público permite que as mulheres exerçam sua autonomia, possibilitando que elas participem plenamente da vida social, econômica e política, algo fundamental para o empoderamento feminino. Como vimos, Joyce Berth se baseia em Paulo Freire para destacar o papel central da educação e do acesso ao conhecimento como ferramentas de empoderamento. Ela argumenta que a educação crítica e emancipatória é fundamental para que as mulheres, principalmente negras, compreendam e desafiem as estruturas opressivas que enfrentam. Dessa forma, o empoderamento é um processo de tomada de consciência e ação, no qual indivíduos ou grupos ganham maior controle sobre suas vidas e decisões. Quanto à importância dos movimentos sociais para o empoderamento, Berth diz que

> O reforço do protagonismo dos movimentos sociais, especialmente do Feminismo Negro, que se deu por uma disputa maior de narrativas desses movimentos com a expansão da internet, fez com que outros discursos e demandas viessem para o centro da discussão. Conceitos como lugar de fala e representatividade passaram a ganhar

> espaço e força, ao mesmo tempo em que o contradiscurso, que almeja desestruturar essa evolução, passa a esvaziar e/ou tirar a legitimidade deles, pela distorção ou cooptação. (Berth, 2019, p. 39-40)

Os coletivos oferecem então um espaço de apoio mútuo, onde as mulheres podem compartilhar suas experiências, encontrar solidariedade e construir redes de apoio. Esse ambiente fortalece a autoestima, algo essencial para o empoderamento, além de ter potencial para reverberar e inspirar outras mulheres e meninas a se envolverem e acreditarem que podem ocupar outros lugares além dos que já são reservados a elas.

****

A partir da nossa pergunta de pesquisa, que é "Como a participação das mulheres nos *slams* articula a performatividade à política nos espaços públicos de Belo Horizonte?" e a partir da nossa análise, os resultados que se apresentaram foram os seguintes:

- Uma forma de articular a performatividade à política é discutir as dimensões de gênero, raça e classe nas suas poesia - o que já era esperado que aparecesse. Essas desigualdades surgiram como bases motivadoras para que as mulheres ocupem os espaços públicos de Belo Horizonte, reivindicando seus direitos por meio da declamação de poesias.
- Reconhecer que há transformação social e pessoal por meio da arte é uma forma consciente de articular a performatividade à política, evidenciando que mudanças sociais podem acontecer por meio das poesias no espaço público.

- A construção de vínculos de amizade, para além dos afetos construídos, se mostra uma poderosa ferramenta de luta e resistência, capaz de superar os aspectos individualistas da sociedade capitalista e neoliberal em que vivemos.

- A ocupação do espaço público surge, de modo bastante consciente como ferramenta de luta que as poetas encontraram para reivindicar melhores condições de vida e minimizar o sofrimento causado pelas dimensões citadas acima. A performatividade e as performances no espaço público possuem profundo potencial de visibilidade, aparecimento e transformação social.

Considerações finais

Ao iniciar estes estudos, existiam algumas inquietações que surgiram ainda com a minha pesquisa de iniciação científica a respeito da falta de representatividade das mulheres nas batalhas de rap, além de outras que surgiram a partir de uma vivência próxima das batalhas que eram organizadas na Zona Norte de Belo Horizonte. Era inquestionável que as mulheres não eram tão bem recebidas nestes espaços quanto os homens, e frequentemente as disputas giravam em torno de rimas misóginas. A partir disso, comecei a pensar se existia um movimento que fosse semelhante às batalhas, mas que cedesse um espaço menos hostil para o público feminino, e foi em busca disso que conheci os *slams*. A forma como as mulheres ocupam o espaço e se fazem ouvidas por meio da arte me pareceu um objeto de pesquisa no qual valeria a pena me debruçar. Explicar o modo como essas questões se configuram, como elas se tornam atores políticos por meio das performances no *slam*, como se posicionam e quais alternativas encontram para lutar contra as desigualdades justificam a escolha do tema da pesquisa.

A escolha do *slam* Clube da Luta e do *slam* Avoa, amor! se deu principalmente por serem lugares de fácil localização para mim, pois mesmo que o Avoa, amor! não possua um local físico e seja um evento itinerante, muitas edições são feitas no baixo centro de Belo Horizonte. No decorrer da pesquisa, alguns desafios se apresentaram. O horário em que os *slams* terminam, muitas vezes tarde da noite, fazia com que a volta pra casa não fosse tão segura, uma vez que eu dependia do transporte público para o retornar ao bairro Santa Mônica, onde eu resido. Além disso, o convite para a participação da entrevista foi recusado por várias poetas, por diferentes motivos, o que fez com que o número de poetas entrevistadas que havíamos selecionado no começo, 10, passasse a ser efetivamente 7. Desde o início, fiz questão de que todas as entrevistas fossem presenciais para que eu pudesse, o máximo possível, me aproximar e estabelecer uma relação de confiança com as poetas. As entrevistas que aconteceram na casa das poetas, que foi o caso da Bruna, da Vênus e da Regiane Abelha, me permitiram ter um contato maior com elas e com suas histórias de vida. Pude conhecer as plantas, desenhos e as gatinhas da Vênus, compartilhar de um lanche que ela carinhosamente fez para me receber, pude conhecer os gatinhos da Bruna e também tive a oportunidade de conhecer a casa da Regiane, onde conheci a mãe dela, que inclusive, também é compositora e recita em saraus e outros eventos. Apesar de o deslocamento da minha casa para a casa delas ser cansativo, nos casos em que eu ia de ônibus, ou ficar caro, nos casos em que eu ia de uber, (moro no bairro Santa Mônica e fica muito distante da casa de todas elas), em nenhum momento

me arrependi de ter optado por fazer as entrevistas pessoalmente, pois considero esse contato muito rico para as percepções que construí ao longo da pesquisa. O fato de eu atuar como jurada ou cronometrar as disputas em algumas edições foi outro fator que fez com que eu me aproximasse não só das poetas, mas dos frequentadores de maneira geral, pois, aos poucos, fui sentindo que meu rosto não era visto tanto como "desconhecido", mas algumas pessoas passaram a me cumprimentar e a conversar comigo depois dessas participações.
A maior dificuldade da escrita em si foi a sistematização da análise em relação aos eixos temáticos, uma vez que, tanto nos trechos das entrevistas quanto no conteúdo das poesias, não é possível separar exatamente os assuntos, pois eles estão vinculados uns aos outros. A forma de organizar todo o material - entrevistas, poesias e fundamentação teórica - também foi complexa, já que essa organização poderia se dar de muitas maneiras diferentes, e pareciam várias peças de um quebra-cabeça que nunca se encaixavam muito bem. Mesmo com as dificuldades encontradas durante a análise e a organização do material, todo o trabalho nos levou a importantes conclusões acerca da ocupação das mulheres no espaço público. As opressões de gênero, raça e condições precárias de forma geral (com ênfase na classe) apareceram como os três motivos principais que levam estas mulheres a irem para os *slams* reivindicar, por meio da poesia, melhores condições de vida. A arte como geradora de transformação pessoal e social, a amizade e o espaço público se mostraram potentes ferramentas de luta.

Já de imediato, no início da pesquisa, percebemos que as contribuições de Judith Butler e Hannah Arendt sobre a ocupação do espaço público e as esferas pública e privada pudessem fornecer bases sólidas para a dimensão da visibilidade no espaço público. As obras das autoras, principalmente *Corpos em aliança e a política das ruas* e *A condição humana*, nos levaram ao entendimento de questões importantes, como a desigualdade que surge a partir da separação dessas esferas, a importância da manifestação coletiva que ocupa os espaços públicos e a performatividade de corpos precários que, quando ganham visibilidade, se tornam agentes de mudança. Em um segundo momento, contribuições extremamente relevantes também foram as de Flávia Biroli com suas elucidações a respeito de questões centrais relacionadas à política e à divisão sexual do trabalho e sua análise sobre como as estruturas de poder e as práticas sociais perpetuam a desigualdade entre homens e mulheres. Por fim, Joice Berth nos possibilitou um olhar interseccional ao abordar a importância do empoderamento considerando as múltiplas opressões que as mulheres enfrentam, incluindo racismo e desigualdade socioeconômica. Ao final das análises por sugestão da banca de qualificação, foram incorporadas as reflexões de Leda Maria Martins sobre o papel político das performances, bem como a capacidade de

ruptura que se dá a partir do gesto na performance, discussão essa desenvolvida por Butler (2017).

A análise do nosso material revelou a recorrência dos temas gênero, raça e classe acionadas como motivos para que as mulheres busquem melhores condições de vida. Os instrumentos de luta foram organizados em três eixos, divididos entre transformação pessoal e social por meio da arte, amizade e espaço público. Já era esperado que todos os outros tópicos aparecessem significativamente como temas nas respostas das entrevistas e no conteúdo das poesias, no entanto, a dimensão da amizade e da criação de vínculos entre as poetas não era algo que esperávamos surgir com tanta frequência, por este motivo, mesmo que, durante os capítulos teóricos não tenhamos nos debruçado sobre o assunto, não poderíamos deixar de dar atenção a este tema. Dessa maneira, optamos por construir a análise e investigar esses aspectos tendo em vista o que diziam as poetas sobre estes assuntos. Desenvolvemos, assim, o nosso problema buscando entender de que maneira os relatos delas evidenciam que existe uma associação entre a ocupação do espaço público e a política. Nosso olhar foi sempre direcionado para uma perspectiva interseccional que buscasse evidenciar não apenas o lugar de desigualdade em que mulheres brancas se encontram, mas que considerasse todo um feixe de atravessamento de grupos marginalizados. Entendemos como é fundamental reconhecer que as experiências de desigualdade de gênero não são homogêneas e que a luta pela igualdade de gênero está intrinsecamente ligada a outras lutas, como justiça racial e econômica. Percebemos que a ocupação dessas mulheres no espaço público rompe com a ordem do discurso que é autorizado. No espaço público físico as mulheres já estavam, mesmo que não de forma política, mas a ocupação do discurso não era feita e é isso que o *slam* faz. O rompimento é o fato de encontrarem uma escuta e modularem o espaço público para além do que é físico. Reforço aqui as principais contribuições da minha pesquisa, que foram investigar e discutir questões de gênero, apontando e explicando como funcionam algumas dinâmicas de poder, o que pode incentivar mais mulheres a reivindicarem seus lugares e a refletirem sobre suas condições de vida. Ao estudar como as mulheres ocupam o espaço público, é possível compreender como elas ressignificam esses ambientes, criando novos sentidos de pertencimento. Além disso, contribuir para o entendimento do funcionamento dos *slams* e falar sobre as obras e performances das poetas e entender seu caráter político é essencial para dar visibilidade às suas vozes e narrativas, que frequentemente são silenciadas ou ignoradas nos espaços culturais dominantes.

Referências bibliográficas

ALTHERMAN, Francine. Cenas de dissenso, arranjos disposicionais e experiências insurgentes: processos comunicativos e políticos em torno da resistência de estudantes secundaristas. 2020. Doutorado (Comunicação Social). Departamento de Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. [S.l.]: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

BARBOSA, Liége. **Movimento *Slam* no Brasil e no RS:** origens, características e dinâmicas das batalhas poéticas de juventude. In: Anais do 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/5º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas, Rio Grande do Sul: PPGEDU, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 229p, 2011 [1977].

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
BUTLER, J. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? (S. T. M. Lamarão & A. M. Cunha, Trads.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, J., 2011, "Vida precária", **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, n.1, p.13-33.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a política das ruas**: notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COELHO, Rogério Meira. **A Palavração:** Atos político - performáticos no Coletivoz Sarau de Periferia e no Poetry *Slam* Clube da Luta. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

COLLINS, Patricia; Bilge Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. - 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CORRÊA, Laura Guimarães *et al*. Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 147-169, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Dossiê III, Conferência Mundial contra o Racismo. **Revista Estudos Feministas** 10 (1), 2002.

DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the Margins:** Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. Stanford Law Review, vol. 43, n. 6, julho, 1991, pp. 1241-1299. Disponível em: https://blogs.law.columbia.edu/critique1313/files/2020/02/1229039.pdf Acesso em: 18 jul. 2024.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça** – o poetry *slam* entra em cena. Synergies Brésil. n. 9, p. 119-126, 2011.

FEOLA, Michael. **The Body Politic**: Bodily Spectacle and Democratic Agency. Political Theory, 46(2), 197–217. 2018.

FERREIRA, M. L.; KOPANAKIS, A. R. **A cidade e a arte:** um espaço de manifestação. Tempo da Ciência, [S. l.], v. 22, n. 44, p. 79–88, 2015. DOI: 10.48075/rtc.v22i44.12935. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/12935. Acesso em: 30 jul. 2023.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler:** apontamentos a partir de "problemas de gênero". DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51–61, 2017. DOI: 10.30715/rbpe. V 19. n1.2017.10819. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819. Acesso em: 14 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade:** o governo de si e dos outros II. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. Les techniques de soi. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François. (orgs.). **Dits et Écrits IV**, 1980-1988, org. por Daniel Defert e François Ewald. Paris: Gallimard, 1994ª.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.). **Ditos e escritos**, v. 9: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1982].

FOUCAULT, Michel. O triunfo social do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: MOTTA, M. (org.). **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. v. 5, p. Coleção Ditos & Escritos.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 1926-1984.

FRANÇA, V. **Interações comunicativas:** a matriz conceitual de G.H. MEAD. In: PRIMO, Alex et al. (org.). Comunicação e interações. Porto Alegre, Sulina, 2008.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo** 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

GAMA, Danielle Marcia H. de Lacerda da; JUNIOR, Wilson Rogério Penteado. Batalhas de poesia em Salvador-BA: artivismos entre a voz e o papel. **Revista Terceira Margem**, v. 26, n. 49. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2022.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. de Luiz Repa. São Paulo: ed. 34, 2003.

IONTA, Marilda. **Das amizades femininas e feministas**. In: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (orgs.). Michel Foucault e as insurreições: É inútil revoltar-se? São Paulo: Intermeios, 2017. p. 375-386.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2005.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Unicamp, 2013.

MARQUES, Ângela C. S.; CALDAS, Sônia; MARTINO, Luis Mauro Sá. Relatos, histórias, testemunhos: modalidades da produção de narrativas autobiográficas a partir de seu contexto político e situacional. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 14, n. 32, p. 22-40, maio/ago. 2022.

MARTIN, V. L. de R., & BUENO, A. de G. (2021). *Slam* e o direito à cidade: notas a partir do *Slam* da Guilhermina e do *Slam* Resistência. **Aletria:** Revista De Estudos De Literatura, 31(4), 51–71. DOI: https://doi.org/10.35699/2317-2096.2021.33516 Acesso em: 02 out. 2023.

OLIVEIRA, E. C. de; RICIERI, F. F. W. **Vozes das mulheres negras nos saraus e *Slam*s da cidade de São Paulo**. Scripta, Belo Horizonte, v. 24, n. 52, p. 378-402, 3º quadrimestre de 2020.

PANONTIN, Paulo Cesar. **As marcas e a publicidade contemporânea:** aproximações com o movimento da arte de rua e seus ativismos. São Paulo: UNIP, 2019. Universidade Paulista, 2019.

PELBART, Peter Pal. Aos nossos amigos. In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvio (org). **Michel Foucault e as insurreições**: é inútil revoltar-se?. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 95-106.

QUÉRÉ, L. **De um modelo epistemológico a um modelo praxiológico da comunicação**. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. (orgs.) O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2018.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.
SANGLARD, Fernanda. **Métodos de pesquisa em comunicação política.** Rousiley Maia (org). Editora EDUFBA, 2022.

SEPÚLVEDA, Lucas Oliveira. **A palavra é sua! Os Jovens e os Saraus Marginais em Belo Horizonte**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017.

SOUSA, C. C. de; SILVA, P. L. e; RIBEIRO, A. L. Vidas que escrevem: processos e experiências de letramento de jovens poetas participantes do *slam* interescolar. **Fólio - Revista de Letras**, *[S. l.]*, v. 11, n. 1, 2019. DOI: 10.22481/folio.v11i1.5158. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5158. Acesso em: 18 out. 2023.

SOUZA, L. E. R. de A., & COELHO, R. M. **Entre a performance e a escrita:** um olhar sobre a literatura expandida contemporânea na poesia marginal-periférica de Nívea Sabino. Opiniães, (16), 125-145. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes, 2020.

TELLES, Vera da Silva. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. Tempo Social; **Revista de Sociologia da USP**. DOI: https://doi.org/10.1590/ts.v2i1.84786 Acesso em: 16 out. 2023.

TENNINA, Lúcia. "Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos". In: **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013. Tradução: Paulo Thomaz.

THUIN, Antonia Costa de; MARINA, Ivo de Araujo Lima; OLIVEIRA, Daniele Rodrigues. *Slam* das Minas: a insurgência e o protagonismo das poetas mulheres no Brasil. **Revista Terceira Margem**. v. 27, n. 51, 2023.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Cultura de rua e ocupação do espaço público: as mulheres poetas nos *slams*

Pesquisadora: Sthefanie Magalhães Castro Paiva

Você está sendo convidada para participar da pesquisa Cultura de rua e ocupação do espaço público: as mulheres poetas nos *slams*. O objetivo é identificar quais são os aspectos políticos presentes nas performances do *slam* realizadas por mulheres. Esta pesquisa será desenvolvida

como dissertação de Mestrado da aluna Sthefanie Magalhães Castro Paiva, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Regiane Lucas Garcêz.

Você será entrevistada presencialmente, em local e horário a ser combinado. A entrevista será sobre a sua percepção a respeito da ocupação das mulheres em espaços públicos, com foco no *slam*. Caso você aceite participar do estudo, o tempo estimado para entrevista é de no mínimo 40 minutos e no máximo 1 hora e 30 minutos.

A entrevistadora irá gravar o áudio das suas respostas e realizar algumas anotações. Isso servirá para analisarmos o conteúdo da sua resposta com cuidado. Essa gravação de voz será transcrita e estará à sua disposição. As anotações e a gravação de áudio serão identificadas através de códigos numéricos para mantermos o seu sigilo. Em nenhum momento o seu nome será divulgado. As anotações, os áudios e as transcrições serão guardadas no gabinete da professora Regiane Lucas Garcêz, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, sala 4252, por um período de 5 anos e serão utilizadas somente para fins de análise de pesquisa científica. O áudio será gravado no celular particular da mestranda Sthefanie Magalhães Castro Paiva e o arquivo será destruído após esse período. O áudio e sua transcrição serão utilizados somente pela equipe de pesquisadores para análise dos temas, mantendo o seu sigilo e evitando qualquer tipo de exposição. Todos os dados coletados serão usados, exclusivamente, para gerar informações para a nossa pesquisa e outras publicações dela decorrentes.

RISCOS: não há nenhum tipo de risco físico para participar dessa pesquisa. Há possibilidade de desconforto, frustração, inibição e timidez durante a entrevista.

NATUREZA VOLUNTÁRIA DO ESTUDO/ LIBERDADE PARA SE RETIRAR: A sua participação é voluntária e você tem o direito de se recusar a participar por qualquer razão e a qualquer momento. Se em algum momento você não se sentir à vontade e não quiser mais participar, poderá abandonar nosso estudo, sem precisar se justificar e sem qualquer tipo de prejuízo ou custo para você. Você não terá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa e não receberá remuneração por sua participação. Caso se sinta prejudicada, pode recorrer a indenização.

BENEFÍCIOS: Benefícios diretos e indiretos podem resultar da participação desta pesquisa. Como benefícios diretos podemos citar a possibilidade de publicar suas perspectivas em relação à ocupação das mulheres em espaços públicos, considerando que estes lugares sempre

foram negados a elas. Como benefícios indiretos, você pode auxiliar a compreender melhor como as próprias *slammers* consideram a ocupação desse espaço cultural como ação política e como buscam problematizar questões sociais, tais como questões de gênero, raça e desigualdade.

USO DOS RESULTADOS DA PESQUISA: Os dados obtidos no estudo serão para fins de pesquisa, podendo ser apresentados em congressos e seminários e publicados em artigos científicos.

Qualquer dúvida sobre a pesquisa poderá ser esclarecida a qualquer momento com as pesquisadoras. Em caso de dúvida sobre aspectos éticos, o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP - UFMG) poderá ser consultado. Você poderá entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis através do telefone (31) 9 89637584 ou e-mail: sthefaniempaiva@gmail.com. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP/UFMG deverá ser consultado em caso de dúvidas relacionadas a questões éticas através do telefone (31) 3409-4592 ou e-mail: coep@prpq.ufmg.br. Você vai receber uma via deste documento.

ANEXO II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada **Cultura de rua e ocupação do espaço público: as mulheres poetas nos *slams*** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Sthefanie Magalhães Castro Paiva a realizar a gravação de minha participação na entrevista, sem custos financeiros a nenhuma parte. Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante ao compromisso de a pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. se for da minha vontade, poderei ler a transcrição da gravação;

2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes;
3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da Professora Orientadora da Pesquisa Regiane Lucas Garcês, na sala 4252 do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, e após esse período, serão destruídos e;
5. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou custo.

Assinando este termo de autorização, eu estou indicando que eu concordo em participar deste estudo e autorizo minha gravação de voz.

_____ _____

Assinatura da Participante Data

_____ _____

Assinatura da Pesquisadora Responsável Data

ANEXO III

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cultura de rua e ocupação do espaço público: as mulheres poetas nos slams
Pesquisador: REGIANE LUCAS DE OLIVEIRA GARCEZ
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 68157223.5.0000.5149
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.097.420

Apresentação do Projeto:
O projeto Cultura de rua e ocupação do espaço público: as mulheres poetas nos slams, da profa REGIANE LUCAS DE OLIVEIRA GARCEZ, busca compreender a participação de mulheres nos slams de Belo Horizonte, batalhas de poesias realizadas nas ruas. O objetivo principal
é tentar mostrar de que maneira existe uma dimensão política nestes atos, uma vez que as ruas estão sendo ocupadas quando este lugar sempre foi de alguma maneira negado a elas. São discutidos os aspectos históricos e sociológicos do slam buscando compreender como a performatividade (Butler, 2018) dessas mulheres na esfera pública revela aspectos políticos acerca de gênero, raça e classe. A metodologia utilizada é a observação
exploratória das batalhas de poesias realizadas no espaço público e a entrevista com 10 mulheres do slam.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
Identificar quais são os aspectos políticos presentes nas performances do slam realizadas por mulheres. O intuito deste objetivo é entender o que há de político quando as poetas se colocam à frente de outras pessoas e abordam temas de cunho social nas letras de suas poesias, como o machismo, o racismo e a pobreza.
Objetivo Secundário:
1.Discutir como as mulheres do slam buscam problematizar questões sociais, tais como questões

de gênero, raça e desigualdade.2.Entender como aspectos visuais da performance compõe o terreno da política acionada pelas performances do slam.3.Compreender como as próprias slammers consideram a ocupação desse espaço cultural como ação política.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco consiste em possibilidade de desconforto, frustração, inibição e timidez durante a entrevista. Para minimizar o desconforto, as pesquisadoras têm frequentado os slams de modo a tornar mais familiarizada com as entrevistadas. Além disso, a participante pode recusar ou interromper a sua participação caso se sinta desconfortável.

Benefícios:

Benefícios diretos e indiretos podem resultar da participação desta pesquisa. Como benefícios diretos podemos citar a possibilidade de publicar suas perspectivas em relação à ocupação das mulheres em espaços públicos, considerando que estes lugares sempre foram negados a elas. Como benefícios indiretos, as participantes podem auxiliar a compreender melhor como as próprias slammers consideram a ocupação desse espaço cultural como ação política e como buscam problematizar questões sociais, tais como questões de gênero, raça e desigualdade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto bem avaliado pelo parecerista, no qual o pesquisador. apesar de nao fornecer dados sobre sua filiação acadêmica, provavelmente Sociologia, apresenta ampla fundamentação teórica, bem como a metodologia a ser empregue, que está bem detalhada. O cronograma está adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

Desenho de Estudo

Resumo

Introdução

Objetivo

Metodologia

Criterios de Inclusao

Riscos

Benefícios

Desfecho Primário

Cronograma

Bibliografia

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram verificadas pendências e/ou inadequações inerentes à pesquisa, portanto apresenta-se favorável à sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2088894.pdf	22/05/2023 15:16:09		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	cartarespostaassinada.pdf	22/05/2023 15:14:37	STHEFANIE MAGALHAES CASTRO PAIVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termousodeimagem.pdf	22/05/2023 15:09:41	STHEFANIE MAGALHAES CASTRO PAIVA	Aceito
Outros	anuenciadacamaradepartamental.pdf	22/03/2023 13:09:10	STHEFANIE MAGALHAES CASTRO PAIVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclerevisado.docx	22/03/2023 13:06:04	STHEFANIE MAGALHAES CASTRO PAIVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoRegiane_assinado.pdf	21/03/2023 18:35:57	STHEFANIE MAGALHAES CASTRO PAIVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	02/03/2023 15:14:38	STHEFANIE MAGALHAES CASTRO PAIVA	Aceito
Parecer Anterior	parecerprojeto.pdf	02/03/2023 14:08:55	STHEFANIE MAGALHAES	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Continuação do Parecer: 6.097.420

Parecer Anterior	parecerprojeto.pdf	02/03/2023 14:08:55	CASTRO PAIVA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

BELO HORIZONTE, 02 de Junho de 2023

Assinado por:
Corinne Davis Rodrigues
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

ANEXO IV

- Como você descobriu os *slams*?
- Você criou amizade com as outras pessoas que participam do *slam*? Como é sua relação com elas?
- Qual o significado do *slam* para você?
- De que maneira a abordagem de questões sociais como raça, gênero e desigualdade social durante os *slams* contribui para uma mudança social? Você acha que existe possibilidade de transformação da sociedade por meio do *slam*?
- Qual relação existe entre você, como *slammer*, e os conteúdos das suas poesias?
- O que significa os *slams* acontecerem perto da praça da estação, no baixo centro?
- Você conhece outras mulheres que tiveram suas vidas transformadas em alguma medida por causa dos *slams*? Como isso aconteceu?
- Quais as sensações e sentimentos você tem enquanto declama as poesias?
- O que você pensa ou sente enquanto a plateia te assiste e você é avaliada?
- Como é a sua preparação para o *slam*?
- Quais os principais temas são tratados na sua poesia? Por quê?